

o inalgoritmável

o inalgoritmável

Rodrigus Pinheiro

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Contemporâneos das Artes, da Universidade Federal Fluminense (UFF), como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre.

o inalgoritmável

Rodrigo Leal Andrade Pinheiro

Orientação de Ricardo Roclaw Basbaum

Banca examinadora:

Prof. Dr. Ricardo Roclaw Basbaum  
(Orientador - Universidade Federal Fluminense)

Prof. Dr. Pretexto Taborda Junior  
(Avaliador - Universidade Federal Fluminense)

Profa. Dra. Mayana Martins Redin  
(Avaliadora - Universidade Federal de Minas Gerais)

Niterói  
2024

## Agradecimentos:

Agradeço a todes aquelles sem es quais seguir remanejando fôlego para o trabalho diário de criação e reinvenção seria impossível.

A Ricardo Basbaum, cuja orientação se fez tão receptiva à imaginação quanto um trabalho de pesquisa poderia desejar. À Mayana Redin, cuja presença inspiradora e escuta cuidadosa impulsionam-me desde a graduação. A Tato Taborda, por ter topado o convite e estabelecido ressonância vibrátil com a pesquisa. Ao corpo docente e discente do Programa de Pós-Graduação em Estudos Contemporâneos das Artes da Universidade Federal Fluminense e à agência de fomento CAPES. À Cinemateca do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, pela receptividade e acolhimento da proposta, que, para além dessas páginas e outros lugares inimagináveis, há também de acontecer no espaço do cinema. A Lucas dos Santos Silva, junto a quem a criação é sem fim e assume outros e impensados sentidos. À Clara Assaf, cuja curiosidade nos fez falar o mesmo idioma desde crianças. À minha mãe, Vix Palhano, Mônica Coster e Marcelle Pinheiro, pelo tempo e generosidade, sempre. Às amizades e encontros inestimáveis, que nos ensinam a criar *mundos-com*.

À todes cujas existências confabulam outros *mundos*.

Resumo:

*A fala que aqui lhes endereço se ocupa de tecer, conforme se desenrola, o que viria a ser uma poética transdisciplinar inalgoritmável no âmbito do trabalho de pesquisa/criação e de nossas práticas de produção de pensamento e de vida, delineando-se em resposta à necessidade de uma epistemologia imaginativa radical e xenofílica diante do repertório narrativo desolador e homofílico “d’O Mundo como nos foi dado a conhecer”, avesso à diversidade do pensamento e às possibilidades multissêmicas de vir-a-ser da existência. A fala, ela mesma reinventando-se à ritmo de uma ficção-especulativa, por vezes assemelhando-se à ensaios, por vezes metamorfoseando-se em sequências de cenas, fazendo interlocução com outras vozes de auries/criadories — das artes, filosofia, filosofia da ciência, ciência da informação, da biologia, estudos queer — coloca-se em favor de uma enunciação ficcional/fabulativa como método/performatividade/tecnologia potente quando se tratando de instaurar condições favoráveis ao estranhamento das estruturas conceituais-materiais mantenedoras d’O Mundo, essencial para se pensar uma articulação inalgoritmável. A poética inalgoritmável, do modo como es convoco a imaginar, desponta, pois, como uma tecnologia especulativa-fabulatória de contra-captura das narrativas d’O Mundo, uma articulação mobilizadora e politizadora da incerteza, da não-imediatez, da não-presença como forças constituintes da realidade, que, à medida que resistem à captura do Entendimento e desafiam a sincronia tecnológica e acelerada do progresso, reificam as possibilidades multiforme da existência e de seus modos de tecer vínculos e cuidado em escala (inter)planetária, instaurando, assim, condições propícias à alienação d’O Mundo. Ao incitar o exercício fabulativo/ficcional em favor do estranhamento d’O Mundo, a proposta inalgoritmável opera no sentido de reimaginar um cenário fértil e receptivo à diferença, não como princípio balizador da separação das coletividades humanas e mais-que-humanas, mas como canal ressonante e catalizador da elaboração de outros horizontes conceituais, de configurações mundanas mais descentralizadas e tecnodiversas; enredos de corporalidades alien, experimentando e investigando nos limites de nossos repertórios imaginativos e de nossa interface cognitiva-sensorial, seriamente implicadas com as coletividades humanas e com as demais formas de produção de pensamento e de vida.*

*Palavras-chave: arte contemporânea; imaginação radical; ficção especulativa; inteligência artificial; inalgoritmável; xenofilia.*

Abstract:

*The work I address through these words is dedicated to weaving, as it unfolds, what would become an inalgorithmic transdisciplinary poetics within the scope of research/creation work and our practices of thought and life production. It emerges in response to the need for a radical and xenophilic imaginative epistemology in the face of the catastrophic and homophilic narrative repertoire "of the World as we have come to know it," averse to the diversity of thought and the multi-semiotic possibilities of existence. The discourse, reinventing itself at the rhythm of speculative fiction, sometimes resembling essays, sometimes transforming into sequences of scenes, engaging in dialogue with other voices of authors/creators — from the arts, philosophy, philosophy of science, information science, biology, queer theory — advocates for a fictional/fabulative enunciation as a powerful method/performativity/technology when it comes to establishing conditions favorable to the estrangement of the conceptual-material structures sustaining the World, essential for contemplating an inalgorithmic articulation. The inalgorithmic poetics, as I summon to imagine, thus emerges as a speculative-fabulatory technology for counter-capturing the narratives of the World, a mobilizing and politicizing articulation of uncertainty, non-immediacy, non-presence as constituent forces of reality, which, as they resist the capture of Understanding and challenge the technological and accelerated synchrony of progress, reify the multiform possibilities of existence and its ways of weaving bonds and care on an (inter)planetary scale, thus establishing conditions conducive to the alienation of the World. By inciting the fabulative/fictional exercise in favor of the strangeness of the World, the inalgorithmic proposal operates to reimagine a scenario fertile and receptive to difference, not as a guiding principle for the separation of human and more-than-human collectivities but as a resonant and catalyzing channel for the elaboration of other conceptual horizons, more decentralized and technodiverse mundane configurations; tales of alien corporalities, experimenting and investigating at the limits of our imaginative repertoires and cognitive-sensorial interface, seriously implicated with human collectivities and other forms of thought and life production.*

*Keywords: contemporary art; radical imagination; speculative fiction; artificial intelligence; inalgorithmic; xenophilia.*

**índice:****i. prólogo:**

*e-mail (sem título) / essa descrição te faz lembrar algo?.....13*

**ii. introdução:**

*Como possivelmente endereçar a uma entidade alien? — por que não?.....17*

**iii. excertos:**

**ii.i** *ser polvo (mitsein) / inalgoritmável.....35*

**ii.ii** *o excedente / inespecífico.....43*

**ii.iii** *100%genuine / desautomação bot.....48*

**iiii. aviso.....53**

**v. cenas:**

☞ **a.** *e-mail (sem título).....54*

▲ **b.** *... tu sabe qual música é essa?.....55*

☒ **c.** *envelope.....63*

⌋ **d.** *“coming around again”.....69*

☞ **e.** *e-mail (TEMPER\_SBJKT41 duração).....74*

✂ **f.** *F—A—C—T.....76*

△ **g.** *Nunca Consigo Responder a uma Mensagem de Texto em Sonho (NCRUMTS).....107*

**vi. conclusão.....110**

**vii. anexos:**

**vii.i** *o excedente.....116*

**vii.ii** *compêndio bot.....134*

i. prólogo

(sem assunto) >



Rodrigus Pinheiro <rodrigolapinho@gmail.com>  
para Li.Liane

15 de fev. de 2024, 19:45 ☆ 😊 ↶ ⋮

olá, liliane,

faz muito tempo desde a última vez em que nos falamos.

como você tá? espero que bem.

daqui a pouco tempo, no próximo mês, estarei defendendo a minha dissertação. estou concluindo o mestrado no programa de pós em artes da uff.

tô um tanto nostálgica esses dias, lembrando do processo de feitura do tcc, cujos interesses seguem sendo aprofundados no momento, a partir também de uma escrita ficcional-especulativa como proposta; lembrando também de sua fala no dia de minha defesa! pouco tempo depois, o arquivo de áudio que tinha desse dia foi corrompido e não pude voltar a ouvir... felizmente, ainda me lembro de muito do que disse, particularmente que, quando olha, é pra não esquecer...

talvez você possa me ajudar.

encasquei com um trabalho de arte em texto, que não consigo encontrar em lugar algum. não me lembro do nome da pessoa que fez — talvez luis camnitzer (?) —, nem do título, mas lembro um pouco do tema da escrita e da aparência, pelo menos de acordo com a foto que vi dele.

é um trabalho de texto de cor branca, em um painel preto. o conteúdo em si fala algo sobre a consciência do tempo histórico (?). são algumas linhas de escrita e, na última, o texto se interrompe abruptamente. mas, se nos damos conta de que é possível recomençar a ler da primeira linha e que esse movimento recursivo faz sentido, percebemos que é um texto sem início e sem fim, assim como a questão de que ele tá tratando. acho que o próprio narrar nos conduz de volta ao suposto início dele.

lili, essa descrição te faz lembrar algo?

já descrevi pra outras pessoas, e ninguém soube me dizer que trabalho é esse, nem se têm alguma referência do tipo, ou estou descrevendo de jeito muito distante de como ele é. estou começando a pensar que é um delírio... tenho certeza de que já vi, e numa aula sua. cheguei a fazer fotografia da página do livro em que ele estava, mas, que nem o áudio, agora sumida.

desculpe se esse meu alô depois de todo esse tempo chegar muito repentino, mas estou a procura desse trabalho essa semana, gostaria de colocá-lo na dissertação :)

se te vier algo à mente, trabalho parecido, ou a pessoa que o fez ou título já seria de grande ajuda ^^

muito obrigado sempre! e espero que as coisas estejam bem por aí :)

e espero que você ainda use esse de e-mail ehe

saudades e beijos,  
rodrigus

1 anexo • Anexos verificados pelo Gmail ⓘ



↶ Responder

↷ Encaminhar



LiLiane Benetti <lilittti@gmail.com>  
para mim

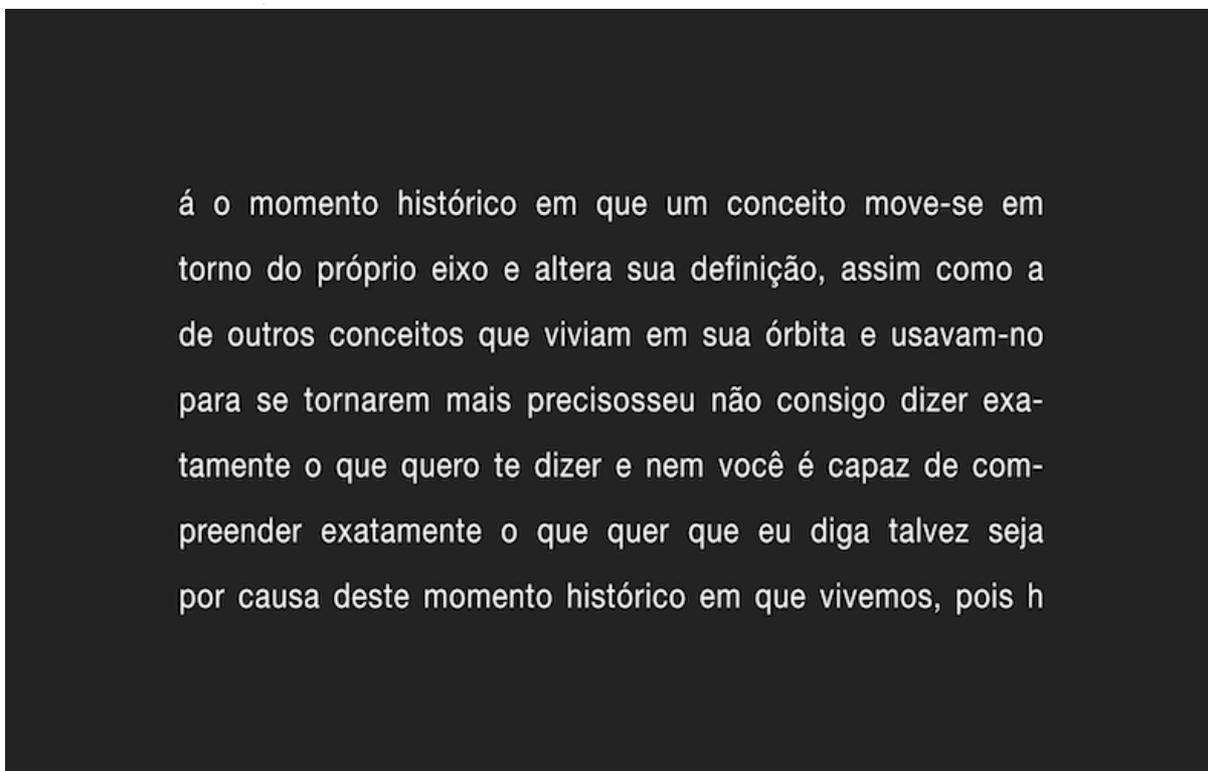
16 de fev. de 2024, 12:21

Ahhhh que alegria receber uma mensagem sua e com tantas boas novas! Parabéns pelo mestrado! Quero muito saber o que propôs como dissertação, me deixe a par das suas últimas pesquisas!

O trabalho que você procura é do Fabio Morais e se chama Vídeo (segue aqui o link para o site do artista: <https://fabio-morais.blogspot.com/2012/10/video-2012.html>)

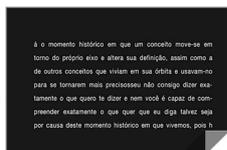
Espero que possamos nos rever em breve.

Beijos,  
Lili



á o momento histórico em que um conceito move-se em torno do próprio eixo e altera sua definição, assim como a de outros conceitos que viviam em sua órbita e usavam-no para se tornarem mais precisos não consigo dizer exatamente o que quero te dizer e nem você é capaz de compreender exatamente o que quer que eu diga talvez seja por causa deste momento histórico em que vivemos, pois h

1 anexo • Anexos verificados pelo Gmail



á o momento histórico em que um conceito move-se em torno do próprio eixo e altera sua definição, assim como a de outros conceitos que viviam em sua órbita e usavam-no para se tornarem mais precisos não consigo dizer exatamente o que quero te dizer e nem você é capaz de compreender exatamente o que quer que eu diga talvez seja por causa deste momento histórico em que vivemos, pois h

Responder Encaminhar

## ii. introdução

A fim de lhes endereçar a fala do seguinte trabalho, gostaria de, de saída, propor-lhes uma indagação:

***Como possivelmente endereçar a uma entidade alien? — por que não?***

Do mesmo modo, indaga-se/indaga-nos o pesquisador artista e geógrafo Trevor Paglen. Em seu artigo intitulado “*Friends of Space, How Are You All? Have You Eaten Yet? Or, Why Talk to Aliens Even if We Can’t*”<sup>1</sup> (*Amigos do espaço, como vocês estão? Já comeram? Ou por que endereçar a aliens mesmo se não conseguirmos?*), Paglen rememora o envio das primeiras sondas espaciais à Júpiter por parte da NASA (Administração Nacional da Aeronáutica e Espaço dos Estados Unidos) no contexto geopolítico dos anos 1970, as quais, uma vez tendo ultrapassado o campo gravitacional do planeta, dirigindo-se rumo ao insondável interestelar, registrariam imagens nunca antes avistadas — *incapturáveis*.

Ao retrazar a porção cognoscível de tal trajetória interplanetária, Paglen intenta, mais precisamente, conduzir-nos à engenho de implicações bem menos resolutas do que a imagem técnica de Júpiter retornada à Terra — introduzindo-nos às coordenadas do impasse em torno do qual gravitamos aqui. Refiro-me à criação de artefatos, à época, secretamente acoplados às sondas espaciais, igualmente designados ao inescrutável do espaço, mas siderados por propósito decerto mais pretensioso que a própria, até então, inexecutável viagem: o envio de objetos-mensagens intencionalmente endereçados a um suposto ente *alien* — mídias/repositórios portadores de uma universalidade humana pretensamente inequívoca.

***De que maneira e sob que critérios de responsabilidade ante aquilo que se desconhece?, o feito nos impele a questionar.***

A despeito de suas rumações para as ciências, a conquista da qual se regozija o episódio, conforme desvela paisagem demasiado nebulosa no cosmos e em nossas ponderações, não deixa de

---

<sup>1</sup> PAGLEN, Trevor. *Friends of Space, How Are You All? Have You Eaten Yet? Or, Why Talk to Aliens Even if We Can’t*. Londres, Revista Afterall no 32, 2013.

apontar-nos dificuldade — irresponsabilidade — mais consistente de visualização, de especulação, de *escuta e imaginação*.

A noção de *escuta* a qual invoco consoa com a prática de *Deep Listening* (*escuta profunda*) como proposta pela artista Pauline Oliveros, que pressupõe uma diferenciação entre os processos ouvir e escutar — apesar de ambos, como identifica a artista, relacionarem-se de maneira simbiótica. Ouvir refere-se às vibrações subitamente captadas pelos órgãos auditivos e transmitidas ao córtex cerebral; em outras palavras, à capacidade do aparelho cognitivo de tornar perceptível um espectro de frequências sonoras de abrangência determinada. De outro modo, escutar, tendo em vista que uma parte considerável das informações transmitidas ao/pelo cérebro não são percebidas à nível consciente, trata-se de, a partir dos *inputs* transmitidos ao cérebro, redirecionar conscientemente a atenção para se pensar/ficar *seriamente* com a informação. Conforme elabora Pauline (2005, p. 14, tradução nossa)<sup>2</sup>:

*Deep (profundo) diz respeito as complexidades e fronteiras, ou aos limites para além do ordinário e habitual. [...] Uma questão profunda excede às concepções válidas no agora ou constitui-se de muitas partes incertas para se entender rapidamente. Uma pessoa profunda excede o senso comum/conhecimento estereotipado e talvez leve muito tempo — ou nunca — para ser entendida. [...]*

*Para mim Deep Listening trata-se de aprender a ampliar a percepção sonora de modo a acessarmos um todo continuum de espaço e tempo a partir do som — aproximando-nos, assim, de multiplicidades (vastness) e complexidades tanto quanto possível.*

---

<sup>2</sup> *Deep has to do with complexity and boundaries, or edges beyond ordinary or habitual understandings. [...] A subject that is “too deep” surpasses one’s present understanding or has too many unknown parts to grasp easily. A “deep one” defies stereotypical knowing and may take either a long time, or never to understand or get to know. [...] Deep Listening for me is learning to expand the perception of sounds to include the whole space/time continuum of sound— encountering the vastness and complexities as much as possible.* Ver em: OLIVEROS, Pauline. **Introduction.** In: *Deep Listening: A Composer’s Sound Practice.* Lincoln: iUniverse, 2005. p. 12-16.

No que tange à *imaginação*, trata-se de *imaginação radical* nos termos da filósofa e artista Denise Ferreira da Silva, isto é, de uma *práxis* radical de criação/reimaginação delineando-se em confronto com *O Mundo como nos foi dado a conhecer/Mundo Ordenado*<sup>3</sup>, em refutação aos seus dispositivos de (re)ordenamento — sua ética antropocêntrica e colonial, o jugo do Entendimento e da Verdade, do *logos* cartesiano, a supremacia cis-branco-hétero-sexual. Uma prática empreendida, pois, de modo a conceber um rearranjo dos componentes fundamentais *d'O Mundo*; de modo a vislumbrar, diferentemente do sempre-já-dado, outras possibilidades, difusas, de vir-a-ser oferecidas pela existência.

*Consideremos uma possibilidade: e se, em vez de O Mundo Ordenado, pudéssemos imaginar O Mundo como uma Plenitude, uma composição infinita em que cada singularidade existente está sujeita a se tornar uma expressão possível de todos os outros existentes, com os quais ela está emaranhada para além do espaço e tempo* (Ferreira da Silva, 2016, p. 58).

Como íamos alinhavando, as mídias/objetos-mensagens incorporados às sondas espaciais, fragmentos supostamente representativos da vida humana e planetária em sua totalidade, apontam-nos uma dificuldade — irresponsabilidade — de *escuta* e *imaginação* concernente às formas elementares assentadas no Ocidente de se pensar e estruturar *O Mundo*; formas, em seus distintos campos de saber e conjecturas, por demais autocentradas, afincadas no cerne do processo de modernização e globalização neoliberal, processo este recrudescendo-se em nossos tempos de vida de modo a reiterar um mundo cada vez mais *impensável*, como assinala Donna Haraway (2023, p.

---

<sup>3</sup> *O Mundo como nos foi dado a conhecer*, ou, ainda, *O Mundo Ordenado*, pelo dismantelamento do qual Denise empreende sua poética feminista negra, diz respeito a um projeto de mundo etnocêntrico e colonial balizado pela Modernidade, cujos pilares ontoepistemológicos inauguram um modelo de Sujeito — branco-europeu — como detentor/produtor do programa do conhecimento, do *Entendimento*, da *Verdade*, bem como depreendem as diferenças culturais como expressões de uma separação fundamental entre as coletividades humanas — nacionalidade, etnicidade e identidade social (raça, sexo e gênero) —, admitidas em distintas posições — hierarquizantes/excludentes — de acordo com a noção ética de *humanidade*. Uma vez submetidas ao lugar do *Outro* — *Outros culturais* (não-brancos/não-europeus) e *Outros físicos* (seres *mais-que-humanos*) — contra tais coletividades autorizam-se/sistematizam-se uma série de injustiças e violências, corroboradas pelo Estado-Capital. Ver: FERREIRA DA SILVA, Denise. **Introdução: (Di)Ante(S) do texto**. In: *A Dívida Impagável*. São Paulo: Oficina de Imagem Política e Living Commons, 2019. p. 40-43.

57); recrudescendo-se de jeito a reificar um mundo cada vez menos apto a *pensar-com*, posto de outra forma pela autora; isto é, menos apto a *imaginar* e *escutar* narrativas não-exclusivamente-humanas, não preponderantemente pautadas nos axiomas e agenciamentos de uma determinada categoria de humano — tributária da ética antropocêntrica e colonial da Modernidade. Em suma, um mundo avesso à diversidade do pensamento e a implicar-se em sistemas complexos de cooperação com outras formas de pensamento e de produção de vida — orgânicas-inorgânicas-biológicas-artificiais. Um mundo desfeito às formas de se conceber outramente mundos.

*[...] Um programa ético-político que não reproduza as violências do pensamento moderno exige repensar a socialização por fora do texto moderno. Porque apenas o fim do mundo tal como o conhecemos, estou convencida, será capaz de dissolver a ideia de coletividades humanas como “estrangeiras” com os atributos morais fixos e irreconciliáveis que as diferenças culturais engendram. Isso exige que libertemos o pensamento das amarras da certeza e abracemos o poder da imaginação para criar a partir das impressões vagas e confusas, ou incertas, que Kant postulou serem inferiores às produzidas pelas ferramentas formas do Entendimento. Uma configuração d’O Mundo alimentada pela imaginação nos inspiraria a repensar a socialização sem as imutabilidades abstratas produzidas pelo Entendimento e a violência parcial e total que elas autorizam — contra os “Outros” culturais (não brancos/não europeus) e físicos (mais-que-humanos) (Ferreira da Silva, 2016, p. 58).*

Sob tal modelo autorreferente de *Mundo*, insuficientemente perspectivado, à medida que se clarifica a imagem — para aludir à imagem técnica de Júpiter — sob égide de se pretender sanar — colonizar — o que resiste às cristalização da Razão, pensar este mundo e suas irrefreáveis contingências, a nós inevitavelmente desfamiliares, devolve-nos, em contrapartida, a sua faceta *impensável*.

***Como, de outro modo, a despeito da condição impensável d’O Mundo, exercitar pensar-mundos-com?***

A exemplo, movido por estapafúrdia resolução conceitual-material acerca do possível ente *alien* — afinal, como admitido pelas referidas missões espaciais da NASA, o ser *alien* não passaria de uma extensão antropomórfica de seus dirigentes, de seu sistemas de códigos/linguagem, de modo a corroborar, senão, violências antrope e etnocêntricas —, Paglen atém-se a perscrutar, de uma perspectiva interessadamente ética, sob que circunstâncias possivelmente empreender tal endereçamento *alien* — em outras palavras, *alienar-se* — e haver-se com os limites/questionamentos de nossa corporificação humana e modelo de mundo antropocêntrico. O artista o faz, como afirma de antemão, sabendo tratar-se de tarefa inconclusa, elaboração radicalmente no limite de nossos aparatos cognitivos e arcabouços imaginativos, já que solicita de nós imbricar-nos com modos de pensar/procederes, no termos de Haraway, *mais-que-humanos*. Contudo, é pela impossibilidade mesma de lograr êxito, palpabilidade em tal formulação *alien* que Paglen a reivindica como tarefa profícua e reforça a importância de se empreendê-la, pois, ao passo que tensiona os limites de nossa imaginação e prospecta um suposto encontro/tempo vindouro — o possível fim deste *Mundo* —, o intento imaginativo do ente *alien* deflagra um possível exercício de (re)delineamento e reposicionamento ético da categoria humano, das hierarquizações as quais endossa dentro e fora dela e, portanto, do diagrama sociopolítico no qual estamos implicados e ao qual são subjugadas nossas e outras formas de pensamento e de produção de vida.

Assim, a fim de *escutarmos profundamente e imaginarmos radicalmente* instigades pela proposição do endereçamento *alien* tal qual conduzida por Paglen e de havermo-nos cuidadosa e propriamente com os emaranhamentos intrincados de nossa condição planetária em suas polissêmicas escalas de realidade, faz-se de suma importância que as coordenadas de nosso diagrama sociopolítico sejam contundentemente situadas, para que possamos *estranhá-las*. Engajar-se com o endereçamento *alien* requer, pois, um comprometimento com o *estranhamento*, com a desnaturalização de nossos esquemas antropocêntricos genéricos; requer que sejam cultivadas condições a fim de se tornar possível identificar esses esquemas e *aliená-los*, ao mesmo passo que *alienar* a nós mesmas. O endereçamento *alien* solicita, acima de tudo, situação, orientarmo-nos acerca de onde estamos e das arquiteturas conceituais-materiais a partir das quais o presente diagrama estrutura-se — e diferentemente das quais há de reconfigurar-se.

Assim, convém perguntarmo-nos mais enfaticamente, *Onde estamos?*, e, acrescento, *A partir de que meios/tecnologias situarmo-nos/agirmos?*

Em seu ensaio “*Xenofilia e Desnaturalização Computacional*”<sup>4</sup>, a pesquisadora artista Patricia Reed analisa as possíveis implicações danosas de um mundo cujo diagrama sociopolítico, do como conformado/conformando-se em nossos presentes sempre-já-dado, calca-se, sobretudo, em uma preferência veemente pelas instâncias *imediate* e *concreta* da realidade — em detrimento da *abstração*. Tal prevalência é justificada, como afirma Reed, pelo fato de tanto a *concretude* quanto a *imediatez* apresentarem-se a nós de modo *não alienante*. Trata-se, assim, de uma inclinação pelo ímpeto da *não alienação*, em rejeição à *alienação* — uma qualidade, sob registro do senso-comum, depreendida por nociva.

*Apesar de o termo ter sido confinado a um registro negativo [...] e ser colocado como algo a ser superado, em um aspecto perspectivo, a alienação é uma necessária forma de estranhamento com o que é. [...] precisamos perguntar: como seria uma condição não alienada? A consequência de um mundo sem alienação nos prende a esquemas cognitivos familiares, pois nega o engajamento com o estranho, o estrangeiro e o desconhecido, conferindo uma condição de “senso comum” ao que é dado (Reed, 2018, p. 12).*

Partindo da questão da *não alienação*, Reed atém-se aos desdobramentos problemáticos decorrentes de sua preponderância. O primeiro deles diz respeito a uma cisão interposta na dinâmica do pensamento — *abstração* — e do que experimentamos como real — *concreto* —, ambas as instâncias articuladas, dessa maneira, em oposição binária e excludente. Reed a explicita como uma cisão insidiosa, na medida em que debilita a percepção de que a estruturação de conceitos e realidade(s) — *abstração* e *concretude* — retroalimentam-se impreterivelmente, assim como também priva a *abstração* de sua propriedade *concreta*. Tal dinâmica de oposição binária excludente *abstração vs. concretude* tolhe, por sua vez, o alcance da potência especulativa no manuseio das ferramentas hiporreais — *imaginação/hipótese* —, ferramentas essenciais para se politizar o *desconhecido*, a

---

<sup>4</sup> REED, Patricia. *Xenofilia e Desnaturalização Computacional*. Coleção Trama, Zazie Edições, 2018.

*incerteza* (Reed, 2018, p. 18) e, ademais, pensar conjuntamente mundos em lugar de *naturalizar O Mundo*.

Já o segundo problema, conforme apontado por Reed, recai sobre a constatação de que a proeminência da *concretude* e da *immediatez* é senão antropocêntrica, uma vez que nossa compreensão acerca daquilo que se apreende de *imediate* — pois *próximo* e *familiar* — se submete, inevitavelmente, a uma interface cognitiva-sensorial específica — humana — e a preserva como referencial/justificativa/condição do pensamento, fazendo-se, assim, um enquadramento insuficiente e estreitado quando se tratando de estranhar *O Mundo* com mais agudez e *seriamente*.

***Como estranhar com veemência o sempre-já-dado d'O Mundo quando (des)orientades por seus parâmetros decerto familiares?***

A artista contextualiza as consequências de se navegar a partir desse diagrama evocando o gerenciamento dos sistemas e máquinas inteligentes em conformidade com as estruturas conceituais d'O *Mundo*. Reed traz os sistemas maquinais inteligentes para o campo de discussão ressaltando-os como formas de produção de pensamento e de vida de importância preeminente na articulação do campo do possível — das hipóteses e seus modelos computacionais de visualização — e na tecitura de interfaces conectivas complexas que se dão no âmago da vida social e na realização material do ambiente planetário. Formas de produção de pensamento e de vida cuja politização faz-se, portanto, de extrema necessidade para implicarmo-nos *seriamente* com o empreendimento perspectivo de *pensar-com*, formas inteligentes essenciais à instrumentalização da *alienação* como habilitadora do *estranhamento* do sempre-já-dado. Contudo, manejadas sob lógico demasiado utilitária, servil e de aprendizado que corrobora senão a reprodução do presente diagrama sociopolítico, a inteligência artificial e os modos de se relacionar estabelecidos — não *com*, mas — por meio das máquinas, monopolizadas pelos interesses do tecno-capital, colocam-se muito aquém do reposicionamento perspectivo o qual buscamos.

Em diálogo com a pesquisadora Wendy Hui Kyong Chun, Reed vem a exemplificar a questão de *naturalizar O Mundo* a partir do funcionamento das redes plataformizadas e da atividade algorítmica — da porção previsivelmente humana que lhes diz respeito —, sublinhando como a

lógica que lhes é aplicada reafirma-se *homofílica*, ou seja, faz-se operante a partir da noção de *proximidade e familiaridade*, bem como de suas subjacentes opressões e dominações históricas.

*É exemplar como o mundo online de hoje, como Chun coloca de forma brilhante, é amplamente definido pela segregação das estruturas por meio do conceito aplicado de “homofilia” no design de redes. [...] O design de redes homofílico é essencialmente a automação da familiaridade [...]. Quando encontros e confrontos com o estrangeiro e o estranho são proibidos por algoritmos, a alienação, em um sentido distorcido e não intencional, foi superada. Há pouco para se comemorar nesse caso de superação da alienação. Se a mudança sem mudança continua a ser o epítome da nossa condição, é apenas reificada pela automação da familiaridade, e o preço que pagamos coletivamente por essa tendência inicial de “semelhança que gera conexão” é capturado pela nossa deficiência em criar hipóteses de novas perspectivas (Reed, 2018, p. 20-21).*

Uma politização de nossa conjuntura demanda, de modo contrário, engajamento com experiências de *estranhamento*, engajamento com aquilo que se entende por *inabitual, distante e estranho*: correspondência com experiências *xenofílicas*. Rearticular o presente diagrama de modo a operar uma descentralização antrope e etnocêntrica, denota, como ressalta Reed (2018, p. 16), a formação de um sujeito coletivo *alien* — ainda por se conformar.

***De que maneiras, então, pensarmos o espessamento de um corpo alien, um corpo seriamente implicado com as coletividades humanas, seriamente agregado às máquinas inteligentes e às outras formas de produção de pensamento e de vida?***

A assunção de Reed leva-me a recobrar o apreço pelo incitamento imaginativo de outros mundos evocado de modo similar nas narrativas de Paglen e Haraway, que, às suas maneiras, tal qual Reed, recorrem às *ferramentas hiporreais* — isto é, ferramentas para se formularem hipóteses com/ acerca daquilo que evade a realidade *mediata e habitual* — como um procedimento especulativo imprescindível à tarefa de se *pensar-com* e para se *ficar com o problema* — aludindo à expressão de Haraway. Dentre essas, para além dos modelos computacionais de visualização mencionados por

Reed, situo a *fabulação/ficção* como uma proposição de grande relevância para essas autorias — Paglen e Haraway — e para a condução do trabalho que lhes endereço/que aqui confabulamos.

Artículo *fabulação e ficção* em consonância com o elaborado pelo crítico e curador Lucas Dilacerda — embasado pela poética e proposta de *imaginação radical* de Denise Ferreira da Silva —, que explicita a *fabulação/ficção* como uma operação que:

*[...] denuncia os projetos de desenvolvimento e progresso da modernidade e se distancia dos ideais de futuro da colonialidade. A fabulação é esse esforço de imaginar corpos subalternizados que sobreviveram ao passado genocida, que sobrevivem ao presente necropolítico e que estarão vivos no futuro por vir: afrofuturismo, etnofuturismo, transfuturismo etc. Entretanto, a fabulação não se restringe apenas ao plano do imaginário, ela também atinge um plano real de experimentação onde busca inventar novas tecnologias de resistência e sobrevivência ao presente (Dilacerda, 2022, p. 95).*

Uma operação, assim, por meio da qual se criarem, a despeito do *epítome da familiaridade*, condições insurgentes para situarmo-nos e pesarmos mais *seriamente* acerca de nossa co-responsabilidade de *viver e morrer bem* (Haraway, 2023, p. 13) com outras formas de pensamento e de produção de vida; e, ao fazê-lo, assim como no caso do exercício hipotético perspectivado do ente *alien*, ou como no incitamento à *escuta profunda* de Pauline Oliveros e à *imaginação radical* de Denise, galgar maneiras de adensar os procederes *humanos* no sentido de sua *descentralização* etno e antropocêntrica, em desalinho com o *Mundo Ordenado*. Mais *humus*, menos *Homo*, conforme provoca Haraway — vislumbrando assim a corporificação em curso do ser coletivo *alien* mencionado por Reed. Ou, ainda, como vem a nos propor o pensador chinês Yuk Hui, procederes mais *fragmentados*, menos *universalizantes*.

Em face das implicações catastróficas d'O *Mundo*, Yuk Hui aborda a questão da *descentralização* — em seu caso, da *fragmentação* — como um posicionamento disruptivo urgente por meio da chave conceitual *cosmotécnica*. A *cosmotécnica* mobiliza um modo de perspetivar o mundo, em suas distintas localidades e especificidades cosmológicas e culturais, a partir de uma

concepção de tecnologia que reincorpora o universal ao particular — *fragmentação* — e compreende a diferença como condição da diversidade irrefutável de relações complexas com o pensamento tecnológico, asfixiadas em um mundo redimensionado em um sistema tecno-científico-econômico único. De acordo com Hui, a noção da *cosmotécnica* nos impele a operar a partir dos termos de uma nova linguagem — uma nova *cosmopolítica*, como concebe o autor — cultivando, deste modo, meios para se pensar(-com) mundos e suas prolíferas imaginações cosmológicas em vista de suas irredutíveis *tecnodiversidades*.

A questão da *cosmotécnica* é mobilizada de jeito a possivelmente circuitar uma via divergente de derivações para narrativa apocalíptica e sacrificante d’O Mundo como condição inelutável de nossas e das demais existências. A *fragmentação* empreendida como *descentralização* — ou *dessincronização*, como também elabora o autor — leva-nos a reconsiderar as múltiplas tecnicidades, as *cosmotécnicas*, como um canal de acesso à diferença do pensamento, em refutação a um humanismo etnocêntrico exacerbado “*que aspira reinventar o Homo sapiens como Homo deus por meio da aceleração tecnológica*” (Yuk Hui, 2020, p. 86), propelindo o desenvolvimento tecnológico como um ponto de disjunção entre as nossas, as demais existências e o cosmos.

*Ao substancializar o humano como um universal que transcende todas as particularidades da cultura e da natureza, nos vemos diante de um humanismo que equivale ao niilismo. Para sair desse impasse, precisamos, antes de mais nada, suspender a noção de humanidade que nos foi apresentada [...]*

*Rejeitar o conceito de humanidade é estilhaçar a ilusão criada por um discurso unificador do humano, ligado a um processo de modernização como forma de sincronização. A tecnologia moderna sincroniza histórias não ocidentais no eixo de tempo global da modernidade Ocidental. Simultaneamente oportunidade e problema, o processo de sincronização permite que o mundo desfrute da ciência e da tecnologia, mas também o lança em um eixo de tempo que, animado pelo humanismo, está se movendo em direção a um fim apocalíptico, seja na forma da singularidade tecnológica (a “explosão de*

*inteligência*”), seja na forma do surgimento de uma “superinteligência” [...] (Hui, 2020, p. 84-85)

Por certo, a *fragmentação* também distancia-se de uma leitura antropológica universal e utilitária de tecnologia, por sua vez, insuficiente quando se tratando de reposicionar o lugar das tecnologias modernas como constituintes de uma forma específica de produção de racionalidade, correspondentes à ordem social pela qual advogam — sustentáculo do pensamento iluminista e da Modernidade —, um projeto político-intelectual que logrou êxito em seu télos de dominação/universalização por meio da globalização/*sincronização* e aceleração tecnológica que lhe foi/é necessária (Yuk Hui, 2020, p. 83). As noções de *cosmotécnica* e as *tecnodiversidades*, portanto, inscrevem-se em nosso presente como um esforço possível no sentido de reorientar nossos futuros tecnológicos ante os impasses produzidos por um mundo sincronizado em um eixo de tempo global acelerado e de destruição; um esforço no sentido de diversamente conceber uma outra desembocadura em vista do abismo totalizante do progresso, no ínterim do qual nossos tempos de vida desterritorializam-se.

*Os neorreacionários e os transumanistas celebram a inteligência artificial em nome de um triunfalismo pós-humanista, porque a superinteligência e a singularidade tecnológica demonstram a “possibilidade de uma humanidade sublime” [...]*

*Em sua afirmação de uma aceleração messiânica rumo ao abismo, esses defensores concebem a si mesmos como anti-humanistas. Mas o que está por trás desse abismo? [...] A aceleração da desorientação não cria uma saída para o eixo de tempo global. Pelo contrário, é somente por um breve período que ela perturba as ordens estabelecidas e os modos convencionais de operação. [...] As qualidades disruptivas e apocalípticas intrínsecas à aceleração não são de modo algum anti-humanistas. Na verdade, elas revelam um humanismo extremo que luta para se salvar por meio da destruição em massa – um nihilismo do século XXI (Hui, 2020, p. 86-87).*

Diante da necessidade de se recorrer a um termo/ideia/semântica que dê conta de condensar as coordenadas d'O *Mundo* como compassadas ao longo dos tempos históricos nos quais estamos invariavelmente enredados, não passa desapercibido que Yuk Hui cuidadosamente evoca a paisagem inóspita — insólita, sobretudo — do *abismo* como a síntese conceitual-material do impasse com o qual estamos em correspondência. Já que tracionados pela gravidade de tal *abismo*, a fim de *ficarmos seriamente com o problema* e alçarmos estratégias que remanejem fôlego/impulso, em desarranjo com o *niilismo do século XXI* e com a aceleração tecnológica predatória — irrompendo no horizonte ora como suposta salvação, ora derrocada iminente —, parece proveitoso que, em lugar de aprofundarmo-nos arrefecidos, *habituades* à desorientação nos confins de tal *abismo* — rumo ao desfecho apocalíptico irremediável das existências plurais — possamos aparelharmo-nos de meios que propulsionem narrativas insubordinadas e dissidentes de mundos, engajando-nos cada vez mais avidamente com estratégias/*tecnologias* especulativas que tenham por motor impulsionador a *ficção*, a *ficção* do próprio *abismo*, do termo/cena/condição/ambientação a partir do qual esse *abismo* se enuncia e de sua *dada* arquitetura conceitual-material.

Afinal, quando em queda livre, sabidamente, a fim de se computarem modelos e cálculos que possibilitam a *situação* do corpo em deslocamento — suas coordenadas, aferição do espaço e do tempo por ele percorridos —, desconsidera-se a resistência das forças contra-atuantes dadas — atrito —, não de modo a ignorá-las, mas partindo da constatação de que operam nulas, e, uma vez nulas, não comprometem a *aceleração* do(s) corpos(s) em queda livre. Pelo contrário, garantem-na à ritmo crescente, a partir da invariação, da repetição do mesmo — *atrito = 0*. Já que a resistência faz-se nula, parece oportuno *ficarmos seriamente* com tal informação para, novamente ficcionando a partir do já dado, especularmos acerca das outras possíveis implicações, outros possíveis desimpedimentos deflagrados pelas influências de sua nulidade, pois, se a *aceleração* equivale a uma das forças mantenedoras do *abismo*, há, por certo, de acelerar, juntamente dos corpos, as suas práticas. E se fosse o caso de, sendo a *aceleração* uma constante aqui invariável, considerar que a nulidade que a impulsiona — *atrito = 0* — suscita, contraintuitivamente, condições também favoráveis à *aceleração* da *ficção/fabulação* como manobra des'*Ordenada* do pensamento? — *por que não?* Sendo assim, já que a *aceleração* é uma das grandezas siderantes em tal *abismo*, a fim de recalcularmos nossa rota de

modo a encaminharmo-nos à *desaceleração*, é de grande importância que, antes, conforme propõe Yuk Hui (2020, p. 87-88), apropriemo-nos da *aceleração* para pensá-la em outro sentido e direção:

*Precisamos voltar à palavra “aceleração” em si mesma, já que é muito fácil se deixar enganar por uma identificação impensada entre aceleração e velocidade. Se nos lembrarmos das aulas de física no ensino médio, em que  $a = v - v_0 / t$ , então a aceleração é igual à variação da velocidade (de  $v$  para  $v_0$ ) dividida pelo tempo.  $V$  representa a velocidade vetorial, e não escalar. Enquanto a grandeza escalar apresenta apenas módulo, a grandeza vetorial também contém direção e sentido. Por que não considerar outra forma de aceleração que não leve a velocidade a seus extremos, mas que mude a direção do movimento, que dê à tecnologia um novo referencial e uma nova orientação no que diz respeito ao tempo e ao desenvolvimento tecnológico? Caso o façamos, poderemos também imaginar uma bifurcação do futuro, que, em vez de se mover em direção ao apocalipse, se multiplica e dele se afasta.*

Dito isso, especulando outros possíveis vetores referenciais para a *aceleração* em favor da amplitude dos rearranjos catalisados pela *fabulação/ficção*, parece-me oportuno apropriarmo-nos — novamente, a partir da *ficção* do já dado — do *abismo* de modo a *aliená-lo*, a concebê-lo como um *ente estranho*; *estranhá-lo*, possivelmente, como um *objeto inimaginavelmente complexo* — *por que não?* —, do modo como explicitado por Patricia Reed (2018, p. 16-17) e Wendy Hui Kyong Chun. Em outras palavras, ente com o qual a correspondência, para estabelecer-se efetiva e *seriamente*, depende de uma reformulação perspectiva de *humanidade* em benefício de uma corporificação *alien*, capaz de conceber *radicais* e *i(ni)magináveis* modos de agregar-se às formas de produção de pensamento e vida *mais-que-humanas*:

*À medida que somos cada vez mais confrontados com objetos locais/globais tão complexos, de proporções inimagináveis (tanto enormes quanto minúsculas), e como esses objetos desafiam a categoria de proximidade concreta e de experiência sensorial como justificativa*

*para o pensamento, essa tração epistêmica só pode ser uma experiência alienada. Abordar o que poderíamos chamar de “objetos-meio” — objetos como o clima, cujos resíduos, como o tempo, podem ser sentidos, mas cuja existência em si é de um meio abstrato, plurilocal, multissistêmico e (pelo menos em termos antropocêntricos) geracional em temporalidade — implica um engajamento na não presença (aquilo que não está diretamente disponível aos nossos sentidos). [...] Como esses “objetos-meio” escapam à presença, apreendê-los requer intervenção computacional; exigem uma articulação modelar e diagramática para torná-los acessíveis à cognição. O tipo de sujeito coletivo necessário para politizar esses objetos complexos é, portanto, não apenas uma chamada para a máxima solidariedade humana, que corte através dos regimes de individualismo e aliene a subjetividade da individualidade, mas que também acomode uma participação computacional [...] (Reed, 2018, p. 16-17).*

Uma vez no interstício de tal *abismo*, valendo-nos tal designação de modo a corroborar sua potência propositiva e provocativa — como içada por Yuk Hui — em vez de conformarmo-nos com destinação alegadamente inevitável, parece propício que, em virtude da necessidade de uma epistemologia imaginativa diversa e *fragmentada*, capaz de reorientar nossas agências e (co-)responsabilidades dentro das dadas circunstâncias, empreendamos exercício especulativo-fabulatório capaz de *alienar* a nós mesmas como *formas de vida do abismo — por que não?*; seres em *situação* de correspondência incessante com esse *abismo* e suas possíveis conformações, em necessidade permanente de *estranhar* e *pensar-com* esse arranjo de mundo(s) em disputa, a exemplo de como articula Paglen ao endereçar aos supostos seres do *abismo* intergaláctico, ou assim como nos convoca Haraway, em correspondência direta com o seres de *abismos* terrenos, abismos *humus*. Em suma, um exercício especulativo por meio do qual possamos nos apropriar do dado — da cena enquadrada do *abismo* —, politizando as *incertezas* que lhe são intrínsecas, de jeito a suscitar algum tipo de abalo/ritmo que ressoe em desafino com a sincronia de um passado-presente-futuro tecnológico assegurado pela lógica demasiado linear, vertical e desastrosa do progresso.

Já que as circunstâncias atualizam-se e fazem-se no tráfego acelerado do *abismo*, parece um proceder possível tomarmos o *ente abismo* não de modo a reafirmar seu potencial desorientador — acerca do qual alerta Yuk Hui — mas de jeito a rearticulá-lo como um ponto de inflexão.

*Insistir na tratabilidade cognitiva não é insinuar que esses tipos de objetos complexos possam ser conhecidos por completo, modelados, controlados ou dominados com perfeição; nem é dizer que saber mais sobre eles equivale diretamente a ações e estratégias aprimoradas. A causalidade mecânica já não existe há muito tempo. Ao termos a certeza de que nunca podemos conhecer ou determinar totalmente tais objetos, o que eles tornam cada vez mais transparente é a necessidade de mobilizar essa incerteza integrante. Em um esforço para combater a correlação entre incerteza e inação (suspender a ação enquanto se espera das ciências uma certeza absoluta que nunca virá), Wendy Hui Kyong Chun enfatizou que não devemos nem “celebrar nem condenar [...] modelos científicos, que são necessários para o engajamento com riscos invisíveis, impossíveis de serem experienciados”, mas tratar esses modelos computacionais (sempre imperfeitos) como “ferramentas hiporreais, ou seja, como ferramentas para hipóteses”. A proposta central de Chun é de que a incerteza venha a possibilitar a atividade, pela capacidade do hipotético, em vez de ser instrumentalizada para a inércia. (Reed, 2018, p. 17-18).*

Pensar o/no *abismo* demanda de nós, pois, uma atuação que desvincule, como defendem Patricia Reed (2018, p. 18) e Wendy Hui Kyong Chun, a *incerteza* da *inação*; que desassocie a ideia de *futuro* do *fim*, isto é, de um tempo por vir sempre refém das projeções e reproduções dos *hábitos* d’O Mundo, salvaguardados pelo imperativo da *familiaridade* e *imediatez* antropocêntricas; ou, sendo o caso de corroborarmos de fato o *fim*, que a ideia de *futuro* coadune então com o *fim*, com o *apocalipse* d’O Mundo, como afirma a pesquisadora artista Jota Mombaça (2021, p. 82-83):

*O apocalipse deste mundo parece ser, a esta altura, a única demanda política razoável. Contudo, é preciso separá-la da ansiedade quanto à possibilidade de prever o que há de sucedê-lo. É certo que, se há um mundo por vir, ele está em disputa agora, no entanto, é*

*preciso resistir ao desejo controlador de projetar, desde a ruína deste, aquilo que pode vir a ser o mundo que vem. Isso não significa abdicar da responsabilidade de imaginar e conjurar forças que habitem essa disputa e sejam capazes de cruzar o apocalipse rumo à terra incógnita do futuro, pelo contrário: resistir ao desejo projetivo é uma aposta na possibilidade de escapar à captura de nossa imaginação visionária pelas forças reativas do mundo contra o qual lutamos. Recusar-se a oferecer alternativas não é, portanto, uma recusa à imaginação, mas um gesto na luta para fazer da imaginação não uma via para o recentramento do homem e a reestruturação do poder universalizador, mas uma força descolonial que libere o mundo por vir das armadilhas do mundo por acabar.*

Há algo de aspirante à beira dos *abismos*, ante o qual os diversos campos do saber têm seus pressupostos, seus horizontes conceituais formulados solapados; um ponto de tensão/atenção/conflito, conjugando repulsa/fascínio justamente onde, como explicita o filósofo Mark Fisher (2016, p. 8), não há correspondentes para a experiência cognitiva; ou, acrescentaria, onde, sob regime da *imediatez*, os nossos repertórios *homofílicos* falham em correspondência e têm sua forjada auto-suficiência fragilizadas. As especulações quanto ao endereçamento *alien* perspectivado e sua força disruptiva ganham impulso senão em tal território, território no âmbito do qual uma nova e epistemologia imaginativa desponta possível e necessária, em resposta à realidade cada vez mais *impensável*.

É atente a tal aproximação de narrativas do real, do *impensável* e do (im)possível amalgamando-se nesse *abismo* de tração magnética, nesse ponto de tensão/atenção/conflito, que delineio o endereçamento do seguinte trabalho, cuja articulação consona com ensejo tal qual enunciado por essus e outres pesquisadories/vozes interlocutoras que compõem a pesquisa: investigar meios de se endereçar àquilo/engajar-se/transformar-se com aquilo que, para além do *mediato concreto*, para além d'O Mundo, não se vê, não se toca, talvez nem notadamente se perceba — em alguma medida recusa às formas tidas por imediatamente cognoscíveis —, não obstante, coloca-se à espreita, afeta-nos. Tento assim estruturar uma prática de criação cujo intento orienta-se no sentido de incitar — ou realocar outro tipo de atenção para — experiências de *estranhamento* na

paisagem do real, desformando as coordenadas e medidas de espaço e de tempo como usualmente as experimentamos, como nos foram/são *dadas* e corroboradas. Um tensionar da lógica de nossos axiomas finitos e antropocêntricos a partir de uma operação *ficcional/fabulatória* como forma de experimentação especulativa-cognitiva, investigando possibilidades de politizar e rearticular o diagrama sociopolítico e afetivo do presente a partir de engajamentos com o *estranho, incerto, inexplicável, desfamiliar — alienar-se*.

*Politizar a incerteza por meio das capacidades do hipotético não implica um salto grosseiro rumo ao desconhecido, como já temos visto no sequestro comemorativo da “incerteza” como complexidade pelo pior da política pós-moderna, que defende a potencialidade infinita sem restrições. Como ponte para o que poderia ser, o hipotético não é um mero ato de fé, mas uma construção ponderada de um horizonte conceitual (já que horizontes reais não existem), a nos guiar enquanto atravessamos e trabalhamos com aquilo que não pode ser observado diretamente. [...] O hipotético dá acesso ao inexistente ou àquilo que poderia ser, como um novo diagrama sobre o qual é possível manobrar de outra maneira. Quando a alienação (gerativa) descreve a separação entre o que é e o que poderia ser, como a articulação da habilitação com a incerteza, o hipotético é seu veículo principal. (Reed, 2018, p. 18-19).*

No intuito de seguir com a fala do trabalho, gostaria de articular os interesses e questões até aqui apresentados a partir de uma inquietação/ser/ente — *alien* — de relevante importância para a condução da pesquisa, cuja presença intempestiva também desassossejou outros autories/pesquisadories com o quais também teço o trabalho e que, na tentativa de endereçar a tal ente, de tramar maneiras de *pensar-com*, também lançaram mão de uma escrita/performatividade/*tecnologia fabulatória* como chave de acesso.

iii. excertos

**iii.i** (ser polvo — mitsein / inalgoritmável):

*O contingente percurso da vida, que se esmiuçou em corporificações tão díspares, viu o último ancestral comum nosso e do polvo existir há desconhecidos milhares de séculos, depois de quando nossos desdobramentos filogenéticos ramificaram caminhos totalmente diferentes, espalhando o diagrama da evolução em direções contrárias: grosso modo — não precisamos ir muito além disso —, de um lado, corporificação condensada, de finais mais bem delineados — sustentação vertebrada; do outro, corporificação esfacelada, dada à desintegração — esmaecer invertebrado. Não obstante, nossas estruturas, assim como a das palavras, carregam em seu cerne as partículas definidoras de nossas formas antepassadas; nossas morfogêneses dão-se em função de um código primordial que, incondicionalmente, nos ata às suas paisagens primevas. Tratamo-nos, pois, de material anamnético: diferente tempos persistidos e manifestados no agora. Da mesma forma que “falar” e “fabular” são processos morfológicos que remontam à “fabulare”, e “fate” [destino] e “weird” [estranho] remontam à “wyrð”, o ponto de convergência nosso e do polvo, mesmo que, por ora, lugar perdido no campo da biologia, é irrefutável. Na prática, ao contrário do que se espera ver, pode ser que localizar tal paisagem nunca deixe de ser incomputável. Contudo, já que pontas distintas decorrentes de um mesmo processo evolutivo, talvez consigamos intuir na escuridão de nós mesmos caminho que, no desdobramento evolutivo do corpo-polvo, levou-o ao seu próprio método de captação de vivência inauditas; talvez o rastreemos mergulhando fundo em nosso próprio desconhecido, feito polvo que se avulta de suas próprias certezas no negrume da sépia, deixando-se perder-se de si nas sombras, embebendo do novo; “[...] talvez seja no momento em que toda identificação ou toda projeção se torna impossível que a comunicação se estabelece em solidão povoada e animada. Deixamos o mundo dos psiquismos humanos para entrar em comunicação com mundos não humanos ou infra-humanos.” (Lapoujade, 2017, p. 68, apud Pinheiro, 2019, p. 17).*

*Ademais, de ontogênese e destinação incertas, também não somos nós mesmos produto e parte edificante do desconhecido? De seus desígnios caóticos e incompreensíveis? De tal perspectiva, é admissível, pois, que nós e o ser polvo partilhamos de condições análogas para engendrar modos de correspondência com o inaudito, e encontro tal possibilidade nas articulações de “fabular”.*

*Quando se tratando dos aparatos análogos — tal como os órgãos análogos, crescidos em animais de filios distintos mas que desempenham função contígua na estrutura de seus corpos — a fabulação em nós é análoga à perambulação no corpo-polvo. É no ato de perambular, arriscando-se de um refúgio a outra, que o polvo vive o espaço-tempo das transmissões e captações inefáveis, fabulando disformes camuflagens, confundindo-se com o infinito, ora oceânico ora das sombras. Na medida em que perambular e fabular revelam-se operatórias afins, se o polvo confunde-se com infinitos na perambulação, confundimo-nos com infinitos na fabulação. “Fabular” é termo que, em comum com “tempo” e  $\Omega$ , inscreve-se no conjunto designativo dos domínios evasivos; entretanto, diferentemente dos outros dois, em lugar de prover-nos de formas fixas e inteligíveis para aquilo que se coloca inatingível, “fabular” fala menos de uma tendência definitiva do pensamento, e age mais no sentido de uma abertura, permeabilidade ao esgueiriço, ao inabitual: fala ele mesmo de um método de captações inauditas, de narrar o inenarrável. “Fabular” é, assim, lâmina correndo cega no escuro, que nunca mira o propositado alvo, mas o rastreia sem querer. Se perambular leva o polvo a fabular na pele cores as quais nem enxerga, as quais o corpo nem codifica, mergulhando-o num estado de glossolalia cromática, fabular é, para nós, ter a língua perambulando tal qual tentáculo enervando-se por conta própria, ávido por perceber-se envolto no toque de substância estranha, plasmar-se ao enigma. Órgão receptivo lascivo, a língua guarda para si os outputs enigmáticos, provando conexões de sentido até então impensadas, ora aderidas às ventosas ora deslizando-lhe a superfície viscosa, enodando retorções até então incalcançáveis, levando o corpo a propelar sons, palavras, gestos, sentir-se por inteiro língua, assim como o corpo-polvo é corpo-olho, corpo-boca,*

*corpo-nada; sentir-se por inteiro propelido na frequência de infinitos* (Pinheiro, 2019, p. 17-19).

No que se refere à trajetória da pesquisa, minhas práticas caminham de encontro à noção de *ficção/fabulação* como ferramenta performativa e método *tecnológico-especulativo* de forma mais expressiva em 2019, a partir de uma curiosidade crescente acerca do animal *polvo* — um dos correspondentes *alien* da pesquisa —, impelindo-me a uma busca e exercício imaginativo referente à sua corporificação e sistema de linguagem — para nós, um repertório essencialmente enigmático de endereçamento.

Essa investigação, conduzida sob viés *fabulatório* — apropriando-se de ideias e estabelecendo interlocução com os campos da biologia, filosofia, filosofia da ciência, ciência da computação, estudos *queer* —, assim como me leva a dialogar com o trabalho das autoras trazidas até aqui, também me faz recobrar o pensamento Vilém Flusser em sua *fabula filosófica/filosofia fabulatória* a respeito de uma espécie abissal de *polvo*, que também lhe incitou estranhamento/fascínio, o *Vampyrotheutis Infernalis*. Acerca das possibilidades de se tecer narrativas, de implicar-se com tal forma de pensamento/vida — a nós — peculiar, Flusser (2011, p. 19). disserta:

*O propósito [...] não é esboçar a zoologia vampyrothêutica no significado corrente do termo, mas captar a estrutura biológica fundamental da existência do Vampyrotheutis. Nela, reconhecemos vários traços da nossa própria existência no mundo. Outros traços nossos, embora reconhecíveis, são nele curiosamente deformados. Destarte podemos iniciar um jogo com espelhos deformadores, um aposto ao outro. Um jogo de reflexão, durante o qual vamos descobrindo nossa própria estrutura existencial de um ponto de vista que nos é muito distante. Trata-se, no entanto, de reflexão não-transcendente. Embora o Vampyrotheutis esteja muito afastado de nós, está não obstante conosco no mundo. Trata-se de um “ser-conosco” (Mitsein).*

Estabelecer conexão com o ente *alien polvo* não se trataria, assim, de agir no sentido de, falivelmente, subtrair — domar — aquilo que em sua corporificação excede à esfera do explicável — do Entendimento —, do determinável *familiar* — nas palavras de Flusser, esboçar o *significado corrente*, traduzir ao pé da letra. Refere-se, pois, a engendrar modos de sustentar tal íterim estranho, de *dúvida*, inquietante ao estarrecer o corpo, percebê-la como parte integrante no processo perspectivado e descentralizador de *pensar-com*, conferindo-nos ferramentas para, deste modo, possivelmente cultivar outros modos de produzir conhecimento e afeto também.

O *estranho* é da ordem dos afetos, da percepção e constitui, sobretudo, um modo particular de ser/existir (Fisher, 2016, p. 9), delineando-se em posição de confronto com a realidade. Não de modo a negá-la, mas denunciando seus desfiladeiros, onde as narrativas de sentido encontram-se por demais imobilizadas. Talvez, um possível marcador para a irrupção do *estranho* manifeste-se na descrença ou desautorização que parece inevitavelmente acender-se em nós e perturbar-nos tão cedo ele desponta. Como afirma Fisher (2016, p. 15, tradução nossa)<sup>5</sup>: “[...] se o ente/objeto estranho está aqui, então os critérios os quais conferem sentido ao mundo e nos quais confiamos não são mais válidos. A coisa estranha não é/está errada afinal: são nossas concepções de mundo que são inadequadas.”

Quando se tratando de perceber de que maneiras o ser *polvo* passa a *perturbar* e interferir nas construções conceituais-materiais do trabalho — uma vez compreendido como um interlocutor *ser-conosco* —, em especial, interessa-me pensar como sua irreverente e prolífera capacidade polimorfa, *camuflante*, propulsiona o ato imaginativo e confronta a *familiaridade imediata* e *sensorial* como condição e justificativa de nosso pensar, em conformidade com o afirmando por Patricia Reed (2018, p. 16) e Wendy Hui Kyong Chun diante de *objetos inimaginavelmente complexos*, cuja presença excede à imediatez de nossas interfaces cognitivas e do Entendimento — como o clima, o vírus, os excedentes incomputáveis gerados pela atividade algorítmica nas máquinas inteligentes, ou, venho a acrescentar, o *polvo*. Uma reconfiguração de perspectiva, tal qual assinalada por Fisher ante a concepção inadequada d’O Mundo, dependeria, assim, da irrupção de um evento/objeto/ente de

---

<sup>5</sup> “[...] if the entity or object is here, the the categories which we have up until now used to make sense of the world cannot be valid. The weird thing is not wrong, after all: its our conceptions that must be inadequate.”

ordem supostamente *estranha*, que nos afeta *estranhamente*, de implicações inapreensíveis em termos *imediatos e antropocêntricos* — mas não por isso *impensável*.

Diferentemente do corroborado pelo senso comum, a capacidade *camuflante* do *polvo* tem menos a ver com a operação de ocultar-se de modo a eficientemente subtrair-se, desaparecer-se do entorno e assim se desimplicar do problema. Antes, como assinala a filósofa da ciência Vinciane Despret em sua fabulação acerca do ente *polvo*, trata-se, sobretudo, de um possível caso de *endereçamento*; um *endereçamento* diria em desconformidade com a *automatização da familiaridade*. Diz respeito, proponho pensarmos, a uma *tecnologia de contra-captura* a qual a corporificação *polvo* aprimorou no decurso evolutiva da vida, um *ato de criação* a partir da *apropriação*. Desse modo, o *polvo* apropria-se do dado para devolvê-lo a nós de maneira aparentemente *familiar*, contudo, *estranha*. Toma o dado em seu benefício para evidenciar-se aos arredores como *outro de si*, estabelece a autora, e, por conseguinte, uma vez em *composição criativa com as circunstâncias* — *pensando-com* —, cuidadosa e sorratamente inocular sua subversão. Trata-se, pois, de ocultação como estratégia de *endereçamento*, em lugar de mera e conveniente reprodução do dado, ou dissolução no dado. O potencial *camuflante* do *ser polvo* refere-se, principalmente, a uma operação intrincada de *captura* de sistemas de linguagem, um ato de risco *especulativo e criativo* a partir do *furto* daquilo que, a nós, se apresenta por *imediato e familiar*, em favor da amplitude de sua *insurgência (con)fabulativa e estranha*.

*Não se trata [...] de imitação, mas de uma verdadeira operação de captura pela qual o polvo ‘faz mundo com as linhas de um rochedo, de areia, das plantas, para devir imperceptível — uma cosmética cósmica, como a nomeava lindamente o teórico da estética Bertrand Prevost [...]. Essa versão da camuflagem como captura se mostrava crucial para nós [...]. Pois ela recolocava a questão da adaptação ao vinculá-la à questão bem mais interessante da criação — não é esse o objeto de todas as nossas investigações? De fato, se pensarmos em termos de captura, o polvo muito mais se apropria de um número de elementos de seu meio do que se ‘torna apropriado’ ao meio: ele captura a luz para modificar suas cores; as texturas, para metamorfosear a aparência do própria pele; as*

*formas, para se “conformar” de outro modo. Esse gesto é menos adaptativo do que criador. Há um mundo inteiro em casa isca. Por meio dessas iscas, o polvo exhibe, manifesta, suas potência plena de vivente: “ele é rico em mundo” [como tece Bertrand Prévoist].*

*E esse mundo poderia então (novo desvio criador) se tornar objeto material e semântico de escrita — não apenas seu simples suporte,, menos ainda um modelo cuja produção mistificadora constituiria somente uma vaga cópia. Com essa nova possibilidade oferecida por sua pele, o polvo teria colhido os elementos do ambiente não mais para se apagar, fazer corpo com ele, mas para dizer, logo, para escrever alguma coisa. O furto das aparências em busca da expectativa de não ser visto (fazendo com que se veja outra coisa que não ele) teria, então, sempre seguido essa linha exaptativa do tornar-se, originando uma nova subversão em prol de outras modalidades expressivas: para o polvo, trata-se agora de ser visto (Despret, 2022, p. 89-90).*

O filósofo da ciência Peter Godfrey-Smith (2019, p. 87) em seus estudos acerca do *polvo*, ao investigar a potencialidade elusiva de seu corpo invertebrado e metamorfoseante, toma a liberdade — *fabulativa* — de evocá-lo como, em comparação às possibilidades da corporalidade humana, algo próximo do *desincorporado*. Tal questão concernente à sua *tecnologia camuflante* faz-se de suma impotência para a pesquisa, na medida em que, em vista das qualidades plurilocais e multissêmicas inerentes ao *ser polvo* e seus métodos elusivos, o empreendimento de sua captura e de seu sistema de linguagens torna-se engenho de desafiante condução para as ciências duras. A corporificação mole que é, diferentemente de nossas conformações vertebradas, escapa muito facilmente às condições necessárias ao processo de fossilização, por exemplo. Reconhecer fósseis de espécies primevas de *polvos*, assim, é feito raro, e investigar de que modos suas interações possivelmente se davam em tais paisagens longínquas trata-se de um exercício, em boa parte, senão *especulativo-fabulatório*. Outra questão de extrema relevância dentro desse aspecto refere-se à defasagem de expediente acerca da codificação de sua linguagem inter e intra-espécie: por mais que especialistas dediquem-se exaustivamente à decifração lexical dos *polvos*, essa ainda remanesce *indecifrável* (Godfrey-Smith, 2019, p. 148). Remanesce *inalgoritimável*, assim gostaria de pontuar. O ente *polvo* é, pois, um ser de

ímpeto *camuflador inalgoritimável* — não obstante, ainda passível de alguma reciprocidade de valor, apta a engendrar *pensamento-com*, um *ser-conosco*.

A poética *inalgoritimável*, do modo como es convoco a imaginar, em desacordo com as estruturas mantenedoras d'O Mundo como nos foi dado a conhecer e de sua condição cada vez mais *impensável*, coloca-se como uma *tecnologia especulativa-fabulatória* de *contra-captura* de suas narrativas catastróficas, uma *tecnologia* em constante delineio, *pensada-com corporalidades alien*, isto é, coletividades humanas — em sua irrefutável diversidade — seriamente agregadas às *mais-que-humanas* e seus modos refratários e polissêmicos de realizar *mundos*. Uma articulação *tecnológica* mobilizadora e politizadora da *incerteza*, do *inexplicável*, da *não-imediatez*, da *não-presença* como forças constituintes de nossa realidade à revelia do dado; forças que, à medida que resistem à captura do Entendimento e desafiam a sincronia acelerada do progresso, reificam as possibilidades multiforme e assíncronas de vir-a-ser da existência e de seus modos de tecer vínculos e cuidado em escala (inter)planetária, instaurando, assim, condições propícias à irrupção do *estranhamento*, à *alienação* da *familiaridade automatizada* como *loop* letal d'O Mundo.

Ao incitar o exercício *fabulativo/ficcional* de apropriação do sempre-já-dado em favor do estranhamento d'O Mundo, a proposta *inalgoritmável* opera, pois, no sentido de criar condições férteis que possibilitem e exacerbem a diversidade do pensamento, não como princípio balizador da separação das coletividades humanas e *mais-que-humanas* — como faz a métrica violenta do Entendimento —, mas como canal ressonante e catalizador da elaboração de outros horizontes conceituais, de outras configurações mundanas, de outras narrativas, mais *descentralizadas* e *tecnodiversas*. Enredos de *corporalidades alien*, experimentando e investigando nos limites de nossos repertórios imaginativos e de nossa interface cognitiva-sensorial, *seriamente* implicadas com as coletividades humanas e com as demais formas de produção de pensamento e de vida.

Em tempos de hipervigilância, hiperexcitação, hipervisibilidade, esgotamento psico-cognitivo, encarnadas na virtualização e *datificação* das relações, na indexação da linguagem e esvaziamento de sua qualidade pulsional de enunciação — como explicita o filósofo Franco Berardi (2020, p. 20) —,

faz-se urgente especularmos e indagarmo-nos dos modos de se cultivar entre nós uma correspondência algo *inalgoritmável*.

*A automação da palavra acontece em dois planos. O primeiro plano se relaciona à monetarização e à sujeição ao ciclo financeiro: signos são submetidos à dominação das finanças quando a função financeira (a acumulação de valor através da circulação semiótica) neutraliza o lado pulsional da enunciação, de modo a compatibilizar o enunciado aos formatos digitais-financeiros. A produção de sentido e de valor se dá por partenogênese: sinais produzem sinais que já não passam mais pela carne [...]*

*Um segundo plano é o da indexação. Em seu artigo intitulado “Quand les mots valent de l’or” [Quando as palavras valem ouro], Frédéric Kaplan fala dos processos de indexação da linguagem nas estruturas das ferramentas de busca da internet. Dois algoritmos definem a redução do sentido linguístico a seu aspecto de valor econômico em uma busca do Google: o primeiro encontra as várias ocorrências de uma palavra; o segundo relaciona as palavras a valor monetário. A subsunção da linguagem efetuada pelo ciclo de produção semicapitalista congela com eficiência as potências afetivas da linguagem.*

*[...] A palavra não é mais um fator de conjunção de corpos afetivos que falam, mas um conector de funções de significação transcodificado pela economia. (Berardi, 2020, p. 20-22).*

Provocades pelo *ser polvo* e por sua *tecnologia* de (contra-)captura, podemos pensar a enunciação *inalgoritmável* a partir de uma performatividade *ficcional/fabulativa* em favor de nossas próprias possibilidades *camuflantes*, um método de *contra-captura* da *naturalização* d’O Mundo em benefício de nossos repertórios imaginativos e das possibilidades de *vi-a-ser*.

A seguir, gostaria de contextualizar como a noção de *camuflagem inalgoritmável* vem se articulando conceitual-materialmente na pesquisa a partir de dois episódios/situações de trabalho. A saber: *o excedente* e os *perfis bots* de *Instagram*.

**iii.ii** (*inespecífico / o excedente*):

Primeiramente, contextualizo uma das articulações de *camuflagem* a partir do *cena/ficção o excedente*<sup>6</sup> (2019), parte de meu trabalho de conclusão<sup>7</sup> da Graduação em Artes Visuais (EBA-UFRJ), orientado pela pesquisadora artista Profa. Dra. Mayana Martins Redin<sup>8</sup>:

*“2900 gramas, 48 centímetros de comprimento, 35 centímetros de perímetro cefálico.”*

*Meu corpo recém-nascido informado em prontuário; um duplo dimensionado num punhado de documentos. Minha primeira memória, produzida nas mesma medida que adquirida; de todo jeito, primeira, guardada em tal irrefutável objeto.*

*Objeto encarnando um dado instante, nos termos mesmo de um fóssil: decalque instituinte de meu espaço, de meu vir-a-ser no mundo; espectro-molde mais antigo, cujo ímpeto fixativo põe-se a imaginar e, por conseguinte, cooptar as direções por onde hão de crescer um corpo, suas convulsivas formações e desejos, na tentativa programar-lhes um ajuste, programar-lhe um contorno. Um esboço constritor, por assim dizer, que, não à toa, tratou de prognosticar os admissíveis porvires de mim quando ainda recém-manifesto, ainda feto, sem, no entanto, conseguir sorver-me de todo. Assim digo pois diminuta parte de meu corpo escapou aos pormenores da inspeção médica. Desapercebida, restou indeterminada,*

---

<sup>6</sup> A *cena/ficção* “o excedente” consta na sessão **anexos**, p. 116-133.

<sup>7</sup> PINHEIRO, Rodrigo Leal Andrade. *Interregno*. 2019. 74 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Artes Visuais - Escultura) - Escola de Belas Artes, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019. Ver em: <https://pantheon.ufrj.br/handle/11422/12199>

<sup>8</sup> Mayana Martins Redin, artista visual. Doutora e Mestra pela linha de Linguagens Visuais do Programa de Pós- Graduação em Artes Visuais da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Bacharel em Artes Visuais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Bacharel em Comunicação Social pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). Pesquisa a relação objetual, artefactual e catastrófica da humanidade com o cosmos em seu sentido material e político.

*reduzida à condição de excedente. Escapulida, configurou-se à revelia do visível, da anatomia modelo. Cresceu à sua própria maneira, no escuro da memória.*

*Nasci com um “excedente” de corpo.*

*A saber: apontada de dentro de crânio, aproximando-se das camadas mais superficiais de tecido, pequenina e circular protuberância ressaltada no topo da cabeça, estufando-a alguns milímetros [...] (Pinheiro, 2019, p. 55).*

O texto narra a experiência de submeter parte de meu corpo — e por extensão o corpo que sou — ao escrutínio da medicina ocidental; parte esta, para a medicina, uma (mal)formação, a qual nunca soube especificamente, ante o corroborado pela anatomia modelo, do que se trata, ou quando, ou como se conformou; também nunca a vi diretamente, a não ser a partir de registro fotográfico, uma vez que se encontra em um ponto do corpo inalcançável à própria vista; aliás, é dificilmente avistável para quem quer que seja, pois se *camufla* sob os fios de cabelo.

*Insignificante em tamanho, ignorável ante o repulsivo, o excedente, supostamente inofensivo, nem nunca dor de cabeça causou. Na maior parte do tempo, ao que tudo indica, ocupou-se de suprimir-se, ainda que inexata proporção de si se deixe vulnerável na superfície. Até hoje, mostrou-se a poucas. Encoberto pelos fios de cabelo, há quem os tenha cortado sem nunca passar pela clareira a qual habita. Repousado num ponto cego até mesmo para espelhos, nunca se colocou voluntariamente ao alcance de meus olhos. Descobri-a pela boca de outrem, talvez ao mesmo tempo em que os dedos decoravam o trajeto até seu esconderijo. Também inverificável em outros corpos, passaram-se alguns anos até poder vê-la mais detidamente, por imagens capturas de aparatos externos — quase sempre, operados por voluntárias —, mas nunca diretamente (Pinheiro, 2019, p. 56).*

O processo do trabalho deu-se, pois, a partir da realização de algumas consultas, nas quais, inicialmente, para fins de anamnese, — malfadadamente — tentou-se verbalizar acerca da formação elusiva, imediatamente apreendida por *estranha* pelas instâncias médicas, ainda que parte tão

constitutiva e sintomática do corpo quanto qualquer outra que lhe seja indispensável. O processo *especulativo-fabulatório* de escrita da cena deu-se antes, durante e depois das investigações médicas, orientando-me de maneira não linear. Eventualmente, após as primeiras consultas, submeti-me à exames de imagem — tomografia computadorizada (TCC) e ressonância magnética (RMC).

A despeito da supervisão dos especialistas, a formação remanesceu *indeterminada* para as instâncias clínicas as quais me inspecionaram. A metodologia presumidamente apropriada para se conduzir o caso revelou-se ineficaz, sobretudo no que diz respeito aos modelos de visualização fornecidos pela instrumentação técnica na qual se confiou para inteligibilizar o corpo e suas contingências em dados — sistemas inteligentes cujo emprego, em muitos casos, faz-se satisfatório e de indiscutível importância para fins de diagnose, mas, em todo caso, ainda informados pelos modos *habituais* de se conceber *O Mundo*, o ponto para o qual conduzo a nossa atenção.

As máquinas computaram informações a partir de um parâmetros de leitura sistematizado no escopo da medicina e seu campo de exames de imagem, aqui, insuficiente no sentido de possibilitar uma resolução. Sabidamente, TCC e RMC são procedimentos (não-)invasivos de inspeção que auxiliam no diagnóstico a partir da diagramação do corpo em imagens em tonalidades cinza. No caso de TCC, por exemplo, cada tonalidade dentro espectro fornecido tem uma numeração que lhe corresponde e identifica a densidade da porção de corpo submetida a esses procedimentos. Trata-se de um parâmetro informado por uma escala de níveis de dureza/densidade, conhecida como *Escala Hounsfield (UH)*. De modo sucinto, por meio de tal métrica traduzida em imagem, estruturas amolecidas do corpo apresentam-se no esquema de representação a partir de nuances de cinza: quanto mais enrijecidas, as estruturas aproxima-se do branco — branco corresponde às estruturas duras, ósseas, cuja equivalência numérica varia de +130 a +2000 (UH); os líquidos, estruturas menos densas, aproximam-se do preto — o preto total corresponde à partes do corpo preenchidas de ar, que numericamente equivalem a -1000 (UH). Nos exames de imagem do caso em questão, a formação, em termos de tonalidade e correspondência numérica, não se inseriu em tal sistematização de modo a possibilitar um consenso acerca de composição fundamental, se densa e enrijecida o suficiente para ser classificada como uma materialidade dura ou delgada o

suficiente para compor uma estrutura mole; *nem uma coisa, nem outra*, apenas diferente dos dois conhecidos extremos -1000 (UH) e +2000 (UH) — uma estrutura não binária.

As máquinas não tardaram em detectar a presença da formação no corpo e a produzir modelos computacionais decodificantes de sua composição, coordenadas e ramificações. No entanto, a despeito de tais esquemas de inteligibilidade, a equipe, aparelhada de sua instrumentação técnica, não foi capaz de *determinar* a constituição de tal *formação* — amorfa — e, portanto, de reunir informações suficientes para atribuir-lhe uma classificação embasada em referências *à priori*, avaliar sua possível morfogênese e possíveis implicações como parte constitutiva do corpo. Localizaram precisamente a formação, o quanto se embrenha em direção às camadas mais profundas do corpo, sem, contudo, eficientemente determinar do que é feita, ou se, de acordo com a medicina — e, por extensão, de acordo com os paradigmas d’*O Mundo* — desempenha alguma funcionalidade no corpo que se é.

As máquinas vêem através, rastreiam, produzem parâmetros de leitura por meio dos quais nos diagnosticam e prognosticam, mas não foram capazes e nem tornam a equipe apta a capturar o que vem a ser *isso*, que restou como uma formação *inespecífica* ou *pouco específica* de corpo, como consta nos laudos dos exames<sup>9</sup>. Remanesceu, assim, feito um *excedente* de corpo, *disfuncional* e *inespecífico*. *Inalgoritmável*.

Por fim, fui orientada a remover o *excedente* cirurgicamente — avaliação a qual refutei —, *extirpar* tal formação do corpo, já que não desempenha nenhuma função sabidamente determinada; já que, por ora, não parece interferir nas operatórias do corpo de modo a afirmar-se imprescindível à sua determinada funcionalidade ou de jeito a implicar potenciais riscos à sua integridade — a não ser à integridade da ética opressora d’*O Mundo*, normativizando um ideal de corpo/sujeito; *nem uma coisa, nem outra*. Extirpá-lo, para então se sanar o que porventura insiste em fazer-se *incompreensível, inconsistente* e, conseqüentemente, ameaçador ante os desígnios d’*O Mundo*.

---

<sup>9</sup> Os laudos referentes à *cena/ficção* “o *excedente*” constam na sessão **anexos**, p. 123-129.

Tal resolução, precária, refuta, por certo, o *excedente* como porção/expressão constitutiva de nossas corporalidades — em termos conceituais-materiais —, tão sintomática das formas de vida quanto quaisquer outras que nos asseguram partícipes da realidade e de suas derivações conformativas. Por mais que a *ficção excedente* se dê a partir de um caso/quadro particular, não o articulo de modo notabilizar sua *especificidade* e, desse maneira, constringir o que viria a ser uma performatividade *camuflante inalgoritmável*. Contrariamente, articulo-o em vista de sua *inespecificidade*, de sua inconsistência, inexactidão a fim de propulsionar questionamentos e *especulações fabulativas* acerca do lugar i(ni)maginável do *inalgoritmável* em nossos corpos e em nossas diferentes práticas de produção de pensamento e de vida.

Ocasionalmente, a primeira imagem técnica d'o *excedente*, em 2019, foi produzida no mesmo ano em que se foi possível realizar a primeira fotografia de um buraco negro, bem como a primeira fotografia de um entrelaçamento quântico no âmbito da física<sup>10</sup>. Salvas as devidas proporções, as três imagens guardam similaridades, não só em termos fotográficos — as imagens assemelham-se de modo a se confundirem —, mas no que tange sobretudo às particularidades mais *abstratas* e *estranhas* dos eventos em questão, irredutíveis aos aparatos de captura e aos modelos inteligíveis de visualização. Diante de tais imagens e dos episódios aos quais se referem, diante da dimensão da *não-presença* e *não-imediatez* a qual hão de retornar-nos inevitavelmente, volto a reafirmar a necessidade de indagarmo-nos *seriamente* acerca dos modos possíveis de se engajar com o *estranho*, não de maneira a desejar extirpar e subtrair os mundos para os quais apontam, mas no sentido de *pensar-com*.

---

<sup>10</sup> As fotografias referentes à *cena/ficção* “o *excedente*” constam na sessão **anexos**, p. 131-133.

### iii.iii (100% / desautomação bot)

A segunda articulação de *camuflagem inalgoritmável* a qual explicito diz respeito à *ficção-especulativa* tecida no âmbito de pesquisa do *duo 100percent\_genuine* — ou *100%genuine / 100%* —, um projeto que realizo coletivamente com a pesquisadora artista Lucas dos Santos Silva<sup>11</sup>. *100percent\_genuine (100%)* trata-se, pois, de um corpo híbrido das artistas, cujas trajetórias de pesquisa e poéticas *xenofílicas* convergem na criação da *persona avatar* propulsora da *ficção-especulativa 100percent\_genuine Productions (100percent\_genuine Produções)*.

*100percent\_genuine* inicia-se em 2021, como um projeto de catalogação de perfis *bots*<sup>12</sup> de *Instagram* e as imagens as quais replicam — arquivadas, tanto os perfis quanto as imagens, na conta *@100percent\_genuine*<sup>13</sup> —, posteriormente adensando-se como uma *ficção-especulativa transmídia*, galgando outros possíveis lugares/meios/poéticas. A dupla de artistas *100%* (coletivo de criação/fazedoras de filmes de quarto/membres de uma *ficção corporativa/broadcasters* pirata/produtora de cinema sem apoio etc.) cria, como de costume em suas práticas, uma zona laboratorial de *fabulação/ficção* de longa e ininterrupta duração, instigades pelo contato *alien* e perspectivado com a inteligência artificial, às voltas de investigar de que modos as afetações psico-cognitivas que vivenciamos *online* e *offline* remodelam nossos corpos — individuais e coletivos —, nossos repertórios imaginativos e realidades; às voltas de pensar como vêm se estabelecendo as nossas relações *corpo-tela*, *corpo-dados*, *corpo-algoritmos*, mesclando, para tanto, procedimentos analógicos-digitais-artificiais e interligando paradigmas tecnológicos de agora e de outrora.

---

<sup>11</sup> Lucas dos Santos Silva, pesquisadora artista. Bacharel em Design - Comunicação Visual na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ), realiza trabalhos de criação em distintos campos de expressão — artes visuais, fotografia, cinema, moda. Tensiona sua pesquisa artística no âmbito do trabalho de *ficção-especulativa 100percent\_genuine (100%)* com a artista Rodrigus Pinheiro, iniciado em 2021. Ver produção de artista em: <https://701lucas.cargo.site>

<sup>12</sup> Alguns dos perfis *bots* e as imagens as quais replicaram encontram-se no “*compêndio bot*”, na sessão **anexos**, p. 134-199.

<sup>13</sup> Ver em: [https://www.instagram.com/100percent\\_genuine/](https://www.instagram.com/100percent_genuine/)

A prática de criação da dupla corporifica-se, assim, a partir de um processo contínuo de *ficção*, de materialidade *eletromagnética-somática-semiótica-química-sonora-visual-textual-verbal-não-verbal-contada-criptografada-relatos-esquemas-anotações-instruções-sonhos...* Um amalgama cada vez mais espesso de conexões e possibilidades de leituras, que atravessam, dilatam, aceleram a experiência cotidiana das artistas conforme a hipermediação de dispositivos tele-midiáticos e seus impactos *online* ou *offline* se complexificam.

O nome *100percent\_genuine* remonta o caso de uma conta de *Instagram* ativamente irregular na plataforma, com a qual o *duo* se deparou no início de seu trabalho catalográfico de perfis *bots*. A conta ocupava-se de anunciar a venda de perfis *bots* de *Instagram*, alegando tratar-se de um serviço automatizado “100% *genuine*” — asseguradamente genuíno.

***O que implica a necessidade de se reforçar a cognição automatizada dos sistemas inteligentes como uma operatória — no caso, um serviço — possivelmente genuína?***

Tal alegação toma-nos de curiosidade e conduz-nos a uma discussão de grande interessante para o trabalho de criação/pesquisa, pois, quando mantidas — as máquinas — sob lógica de operação demasiado utilitária e servil, que reifica o programa ético colonial e antropocêntrico d’O *Mundo*, assegurar-nos de sua *genuinidade* — de sua Verdade — reitera senão a validade do diagrama sociopolítico vigente — cuja manutenção faz-se, sobretudo, a partir da articulação das máquinas inteligentes e de seus braços midiáticos à serviço do tecno-capital, ademais, à serviço de nossa própria automação tecno-linguística. No entanto, o mesmo perfil certifica-nos da pertinência da automatização *bot*, já que, uma vez atuante na plataforma — em desconformidade com as regularidades da mesma —, opera de modo a proporcionar-nos manejo mais facilitado da rede, a partir de tal atividade *bot* desautorizada — tanto no sentido de confrontar as diretrizes da plataforma quanto de valer-se de tal desconformidade para, por exemplo, disseminar ainda mais desinformação. Trata-se, assim, de um caso propício para pensarmos acerca do reposicionamento das tecnologias modernas infimamente incorporadas às nossas práticas de vida e das bases conceituais-materiais sobre as quais seu emprego se assenta e as quais visa reforçar, pois o que a intentada *infiltração bot* na plataforma vem a evidencia-nos ao fim e a cabo é a *habitual* concepção de mundo — d’O *Mundo*

— como um entre tantos modelos possíveis em um campo discursivo de disputa incessante, quer para corroborar a sua manutenção, quer para defrontá-la. A atuação dos perfis *bots*, apesar de não necessariamente em desalinho com os paradigmas d’O *Mundo*, em suas possibilidades múltiplas de navegação, leva-nos a perceber mais criteriosamente o modo capilarizado por meio do qual as tecnologias modernas fazem-se presentes na objetivação de nossa realidade e convivência planetária, em escala macro e micro, com repercussões *online* e *offline*, bem como desloca a nossa atenção para (re)constatar como, sob monopólio do tecno-capital, as máquinas inteligentes seguem desempenhando um papel crucial na manobra de estruturação e audibilização dos discursos totalizantes e binariamente excludentes que substanciam o *Mundo Ordenado*, que o distinguem realidade concreta e Verdadeira em detrimento dos horizontes conceituais *fabulativo-ficcionais* mobilizados pelas coletividades humanas subalternizadas e *mais-que-humanas*, mobilizados em favor do *inimaginável*, de outros acoplamentos tecnológicos, do *estranhamento* d’O *Mundo*. Em favor da *ficção* de mundos, o duo *100%* apropria-se criticamente de tal expressão no inglês — “*100% genuine*” —, por vezes grafando-a propositadamente errônea, incompleta — *100percent\_* —, recontextualizando o termo *genuine* a partir da linguagem neutra não binária de nosso idioma — *genuine*, com *e* ao fim — e colocando-se como artistas/criadoras/agentes prestadoras de serviços *fabulativo-ficcionais* de mundos contra-hegemônicos em face de nossa constante automação tecno-linguística — *100percent\_genuine Productions (100percent\_genuine Produções)*.

No que tange ao trabalho de catalogação de perfis *bots* e as imagens as quais replicam — a proposta de *100%* a qual enfatizo aqui —, o trabalho inicia-se em 2021, estendendo-se sem prazo determinado. Os perfis *bots* tratam-se de contas de *Instagram* criadas por programação humana, mas geridas por inteligência artificial, articulando-se — tal qual o perfil irregular mencionado anteriormente — *infiltradas* na plataforma, uma vez que a deliberada habilitação de perfis *bots* não verificados contraria as diretrizes da rede. São espécies de perfis fantasmas, intrusos, que existem, supostamente, para somar número de usuáries seguidoras em outras contas, e, conseqüentemente, amplificar o poder de articulação e alcance delas dentro da plataforma.

A fim de permanecerem ativos no *Instagram*, isto é, evitar quaisquer retaliações de ferramentas de inspeção automatizada da plataforma, os perfis estabelecem um modo eficaz de *camuflagem*. Publicam imagens tal qual as pessoas usuárias, mas geralmente poucas e repetidas fotografias — performatividade que, ainda que provisoriamente despiste o *Instagram*, a nós desponta como um possível método *estranho, camuflante inalgoritmável*.

Intriga-nos, em especial, a curadoria de imagens agenciada por essas perfis *bots*, combinações — para nós — peculiares, enigmáticas, e, sobretudo, de origem incerta. No âmbito do trabalho, não se sabe exatamente quem cria tais contas *bots* ativas na plataforma, ou da origem das imagens as quais têm acesso e compartilham. Possivelmente repositórios públicos ou, não dificilmente, repositórios violados.

A observância das contas *bots* em meio ao fluxo acelerado e por demais mapeado das redes plataformizadas desvela-nos um outro modo de endereçar em constante delineio dentro da plataforma, fazendo uso, para tanto, dos mesmos recursos a nós disponíveis, das mesmas ferramentas, mas distinguindo-se em possibilidades das nossas operatórios *habituais e familiares* de endereçamento à medida que a narrativização e curadoria de imagens empreendida por tais contas é estabelecida por parâmetros de pensar e de existir a nós em dada medida *alien*.

Os perfis geridos por *bots* impelem-nos, assim, a indagarmo-nos das tramas de correlação *alien* entre imagens, de suas possíveis significações e interpretações a partir de códigos e cálculos que, decerto suscetíveis a erros e deformidades à revelia do programado, produzem resultados por vezes imprevisíveis e inapreensíveis à cognição humana, materializados, aqui, a partir de uma poética *xenofílica* de endereçamento em imagens. Diante de tal empreendimento de narrar e reimaginar a partir do *dado d'O Mundo*, perguntamo-nos a respeito de nossos modos possíveis e des'*Ordenados* de deslegitimar a narrativa unilateral e universalizantes d'*O Mundo* como único modelo de realidade possível, das nossas possibilidades de *ficcionar-com* a exemplo de tais *agregados alien* de vida.

*É só quando os processos de captura e armazenagem são reificados na tecnologia que conseguimos perceber a falsidade, a alienação da realidade. É a lição que tiramos dos*

*sonhos das máquinas: não que elas estejam reescrevendo a história, mas que a história não é algo que pode ser narrativizado com confiança; e, assim, tampouco, o futuro. As fotos mapeados nos vetores da inteligência artificial constituem não um registro, mas um reimaginar em curso, um conjunto de possibilidades do que podia ter sido e do que está por vir, em mutação constante. Essa nuvem de possibilidades, sempre contingente e nebulosa, serve mais como modelo de realidade do que qualquer afirmação material. Essa nuvem é o que a tecnologia revela (Bridle, 2019, p. 177).*

Perceber esse movimento sublinha para nós mesmos nossos modos já muito bem estabelecidos e *automatizados* de articular-nos por meio de tais canais, o modo como os convencionamos e também de que formas estamos condicionados aos mesmos, *datificamo-nos*; como a rede e os outros veículos de comunicação paulatinamente (re)educam nosso olhar, nossos corpos, nosso desejar, mas também como um debate para se pensar acerca das possibilidades de uma autonomia comunicacional e imaginativa pode e precisa ter espaço dentro dela.

Partindo desse modo infiltrado *camuflante bot* de performar na plataforma, a pesquisa passa a abordar a atividade desses perfis a partir de um viés propositivo *fabulatório*, indagando-nos de como possivelmente trazer essa fabulação *bot* para a nossa *conta-arquivo-ficção @100percent\_genuine*, concebendo uma narração *fabulativa* de imagens parte decidida por *bots*, parte humana, apropriando-se das fotografias de paradeiro incerto para provocar os processos e dinâmicas de nossa criação coletiva e nossa percepção com relação ao que se desconhece, *pensando-com* os agenciamentos *mais-que-humanos* que constantemente nos atravessam.

**iii.**

**AVISO:**

As cenas que se estendem pelas seguintes páginas se dão acompanhadas de oscilações de impulso elétrico/ luminoso, comportando-se irrequietas, variado em intensidade, convulsionando, piscando por vezes.

Em caso de demasiado desconforto, recomenda-se acompanhar sem olhar diretamente...

Nova mensagem

Para |

Cc Coo

Assunto

só hj lembrei que, há uns anos, te enviei um texto .PDF por aqui, e vim verificar se ainda tinha seu e-mail salvo... não sei se cê usa esse endereço ainda, mas, de todo jeito, te escrevo.

por muito tempo, não tive a chance de te responder. seu contato deixou de existir antes de eu abrir o app. ainda assim, meu cel chegou a notificar suas últimas mensagens. deixou-as na minha tela, até que eu tentasse abri-las, para não encontrá-las mais — um bug, acredito.

queria te dizer que fiquei feliz em saber de sua recém-volta, e espero que esteja se estabelecendo bem por aí.

adoraria te visitar, se o convite daquela época ainda estiver valendo, claro. seria legal conversar e saber o que anda fazendo, poder te contar o que ando fazendo... ou só falar qualquer coisa mesmo.

já que agora, por acaso, estamos morando tão próximas, seria bom reencontrar, comunicar pra além dos signos possíveis nessa tela.

te deixo aqui meu número, se quiser enviar um alô, que é:

beijos,

↶ ↷ Sans Serif T B I U A ☰ ☷ ☹ ☺ ☻ ☼ ☽ ☾ ☿ ♀ ☿ ✎ ✕

Enviar

A 📎 🌐 😊 🗑️ 🔒 ✎ ⋮



△ b.

... *tu sabe qual música é essa?*

Pergunta em 26 de agosto de 2022.

i.

Àquela época, só conseguia escrever ouvindo música.

Encasquei com algumas, voltava às mesmas *tracks*.

Uma vontade irrefreável, a princípio sem critérios discerníveis que não uma sonoridade que de imediato fisga, atraente/instigante.

Reprodução automatizada, sem pausa. O *loop* assegurado por algum *player* afogado na pilha infundável de janelas abertas, impressadas no *desktop* do computador, essa engenharia viva e programada para estreitar o *gap* cada vez mais indissociável entre a tela acesa e o corpo que diante dela se coloca.

No circuito cognitivo acachapante *corpo-tela*, conforme tentava seguir com a escrita, escapavam as palavras...

O pensamento, esmaecido, sem fazer os dedos sondarem as teclas...

Raciocínio, ralentado, emurchecido, sem mais suportar a necessidade esmagadora de acoplar-se à interface conectiva acelerada das redes plataformizadas, acoplar-se à infosfera — aos *técno-orgãos externos*, *tecnologias protéticas*, como diria Paul B. Preciado (2020, p. 84) acerca dos dispositivos tecnológicos que nos cerceam e constituem nossas realidade/corporalidades *online* e *offline*.

Sugestões de busca, publicidade, serviços, perfis, *webpages*, em suma, os endereçamentos algorítmicos, aos quais, não raro, se atribui desempenho assombrosamente arguto — há quem diga lerem mentes, peritos em forjar admiráveis coincidências, ou só não mais que conveniências — aqui, agora, *insuficientes*.

*Insuficientes*. Não em questão de sobrecarga de estímulos e de informação; não por qualquer inabilidade da máquina em aferir, *datificar* e prognosticar as possibilidades concernentes à minha existência conceitual-material — em rede e *offline* —, às nossas fabricáveis individualidades e (re)produtíveis subjetividades.

*Essa forma de vida neoliberal tem provocado profunda alterações no nossa estética, isto é, nos nossos regimes de visibilidade e dizibilidade, transformando assim os nossos modos de sentir, perceber, lembrar, imaginar e criar, além de produzir uma crise da criatividade, uma proliferação de afetos tristes e de sintomas neoliberais, tais como: a desatenção, a miopia, o esquecimento, a apatia, o cansaço, o medo, a culpa, a insegurança, a ansiedade etc. (Dilacerda, 2022, p. 9).*

À serviço do tecno-capital, da governança das grandes corporações, a inteligência algorítmica aprimora-se de maneiras e à velocidade inconcebíveis à inteligência humana, e assim o faz, como assinalam os pesquisadores Nick Couldry e Ulisses Ali Meijas, de modo a conduzir um *sensoriamento* sistemático e cada vez mais opressor de nossas existências. Os pesquisadores sublinham as diretrizes a partir das quais se é moldado um novo — no caso, o vigente — paradigma social, no qual se faz por determinante que os processos e práticas da vida humana aconteçam sob a condição de possivelmente serem vigiados, e assim codificados, extraídos e negociados na forma de *data*. Sob tal paradigma, a inteligência da máquina aprende e aprimora-se a passos e investimentos inestimáveis, *sensoriando* a vida e roteirizando suas possibilidades incisivamente, convencendo-nos dos repertórios e narrativas empobrecidas, mono-ficcionais, *homofílicas* d'O Mundo.

*A vida humana, e especialmente a vida social humana, está sendo gradativamente estruturada de modo a gerar dados dos quais o lucro pode ser extraído. Dessa maneira,*

*passa a ser imperativo que aspectos da vida precisem ser cada vez mais monitorados e vigiados continuamente, desmantelando as fronteiras que anteriormente existiam entre a vida interna e as forças externas. Nesse duplo sentido, a vida humana é apropriada por meio dos dados, tornando-se algo diferente, um processo subjacente à processos externos de extração de dados. (Couldry; Meijas, 2019 p. 7, tradução nossa).<sup>14</sup>*

Nesse circuito fechado *corpo-tela* — quer conectades quer não —, somos mensurades e assimilades de acordo com linhas de programação, de códigos, unidades de medidas que *mudam sem mudar, familiares*, com as quais, na maior parte do tempo — para não dizer o tempo inteiro — compactuamos. Não somente aceitamos sua administração semiótica e bioquímica como também, conforme provoca Preciado, passamos a desejá-la, afavelmente:

*Poderíamos ceder à tentação de representar esta relação de acordo com um modelo dialético de dominação/opressão, como se fosse um movimento unidirecional em que o poder [...] se infiltra no corpo obediente dos indivíduos. Mas não. Não é o poder infiltrando a partir do exterior, é o corpo desejando poder, procurando engoli-lo, comê-lo, administrá-lo, devorá-lo, mais, sempre mais, através de cada cavidade, por todas as rotas possíveis de aplicação. [...] foda-me, diz o corpo, ao mesmo tempo buscando formas de autocontrole a autoexterminio. [...] O biopoder não se infiltra a partir do exterior, ele já reside dentro. (Preciado, 2018. p. 223).*

Contudo, a despeito da pretensa *extasia* e *recompensa* vinculadas à hiper-excitação das conexões *datificadas* de nosso tempo, dando-se à compasso do *loop* inebriante *excitação-frustração-excitação-frustração* — como descreve Paul B. Preciado —, convém pensarmos, por outro lado, na

---

<sup>14</sup> [...] *human life, and particularly human social life, is increasingly being constructed so that it generates data from which profit can be extracted. In doing so, ever more of life is required to be continuously monitored and surveilled, removing the boundaries that previously existed between internal life and external forces. In this double sense, human life is appropriated through data, becoming something else, a process tied to external processes of data extraction.*

ectasia<sup>15</sup> em favor da qual tal lógica por certo opera. Isto é, no estreitamento intentado de nossos canais dissonantes e *fragmentados* de enunciação, de *reimaginação*, de produção de afetos *estranhos* a’O Mundo, recrudescentes de nossa vitalidade e necessários à manutenção da vida.

*O estado de emergência espiritual em que nos encontramos individualmente reflete a escassez de recursos sensíveis, sensoriais e sensuais para enfrentarmos o deserto metafísico instaurado pelas sociedades globalizadas. Para vislumbrarmos novas rotas, precisamos começar realizando uma minuciosa “arqueologia sensorial” do próprio corpo, escavando a superfície dos desejos e sensações corriqueiros para desvelarmos os artefatos e artifícios subterrâneos ao território do “novo normal”, cuja geografia, semelhante ao “velho normal”, está repleta de armadilhas psicossomáticas que têm como principal função dirimir nosso discernimento a ponto de nos fazer desejar justamente aquilo que nos mediocriza.*  
(Oliveira, 2022, p. 97)

Afinal, tal condição nefasta de esgotamento não é inerente à operatória das máquinas inteligentes e seus xeno-padrões, tampouco uma condição inelutável de nossas corporalidades e das demais coletividades. O *esgotamento* desponta como uma métrica em função, sobretudo, do *sensoriamento* e *datificação* de nossas relações e da materialização da realidade a partir de uma lógica violenta computável, articulando-se para repertoriar e tornar codificáveis espectros de nossos padrões psico-cognitivos, afetações, desejos e restringir aspectos e corporalidades de vida irredutíveis a tal operatória. Convém, logo, realocarmos nossa atenção remanescente para o fato de que esse é um dos modelos possíveis de conceber e articular *tecnologia* e de corporificar-se junto a ela, que, no entanto, por mais que se faça predominante, não nos impossibilita — apesar de se esforçar para tanto — de mobilizarmo-nos outramente, no sentido de pensarmos como recuperar nossa capacidade de agir, conforme defende Lucas Dilacerda, a partir de nossa *impotência*.

---

<sup>15</sup> Termo da medicina, “ectasia” refere-se ao espessamento da parede de estruturas tubulares ou ocas do corpo humano, e, conseqüentemente, ao estreitamento de seu espaço interno, deflagrando possíveis obstruções e rompimentos.

Então, *Como recuperar nossa possibilidade de agir a partir da condição de esgotamento, em favor de outros e estranhos enredamentos biotecnológicos?*

*Como recuperar a capacidade de ação em nós?*

*[...] Buscamos uma ética do impossível em combate a moral dos possíveis previamente estabelecidos. Portanto, buscamos uma ética como uma teoria de potência, isto é, uma etologia do que somos capazes, dos afetos, ações e paixões do que podemos de experimentar. Nesse sentido, a ética se transforma em uma investigação a partir daquilo que nos torna impotentes, ou seja, uma investigação do poder e suas tecnologias de controle [...], uma investigação da potência e das estratégias de recuperação da nossa capacidade de ação política no presente. (Dilacerda, 2022, p. 10-11)*

Sendo assim, quando trato da *insuficiência* no manejo das máquinas inteligentes à serviço do tecno-capital, assim afirmo não por uma questão limitante concernente às possibilidades e aprendizado da inteligência artificial. De outro modo, insisto na ideia da *insuficiência* justamente por — havendo a inteligência computacional há muito e em muito ultrapassado nossas possibilidades cognitivas — a sua articulação sob monopólio do tecno-capital defrontar-se, inevitavelmente, com limites de nossas corporalidades; limites contraintuitivamente ressaltados pela própria lógica predatória do tecno-capital; limites estes sublinhados no rearranjo de nossos corpos quando em conjunção *insuficientemente tecnodiversa* e *insuficientemente alien* com as tecnologias protéticas de controle do capitalismo cognitivo.

*[...] o sistema bimembre do corpo humano (herdado de nosso corpo animal e de suas necessidade preênses) representam uma limitação para a capitalização total da sensibilidade almejada pelas [corporações a partir das] tecnologias virtuais. Se a Google pudesse nos vender uma mão protética para que interagíssemos com o universo virtual, como aquela que o artista Sterlac instalou em si mesmo, certamente o faria. (Preciado, 2020, p. 85).*

*Insuficientes* por, na operação matemática constringente levada a cabo por meio da inteligência artificial — e por nós corroborada —, algo de/em nós ainda remanescer excetuado do procedimento cirúrgico que constantemente remodela, edita nossos corpos biotecnológicos. *Insuficientes* por, na manobra quantificante executada pela máquina, se experimentar um descompasso entre aquilo que em nós *não* se coloca ao alcance de uma resolução definitiva, *imediatamente* compreendida na enunciação do corpo que se é *vs.* aquilo que é flagrado de nosso comportamento e possivelmente computado/esquadrinhado pela inteligência algorítmica. Um descompasso, portanto, entre as contingências do corpo que se é e a unidade de medida imputada à sua cognição e linguagem; um iminente desarranjo, um *desync*, entre corpo e sua automação tecnolinguística.

ii.

Voltando à *track* em loop e à escrita pausada...

Numa dessas ocasiões, emperrada com as palavras, ocorreu-me checar a letra de uma dessas músicas, daquela reproduzida na ocasião. Um desvio irresistível, uma medida urgente do corpo a fim de reanimar a corrente de ideias, galvanizá-la com a curiosidade emergencial e repentina, e assim, quem sabe, reatar o fluxo pensante/criativo.

Muito frequentemente, não sei o que dizem as palavras das músicas que ouço. Consigo abstraí-las com facilidade, sem assim pretender; a sintaxe se desmantela em balbúcio, mesmo quando cantadas no idioma em que aprendi a falar.

...

Para a minha surpresa, estavam todas lá, o tempo inteiro, nas canções, as palavras, aquilo que

antes queria ter dito/escrito e não havia sido possível...

Não foi sem fascínio que as incorporei ao texto e questionei-me da inclinação involuntária do corpo que sou para com elas.

***O que ouvia? Ou melhor, como ouvia?***

Tratava-se de um tipo de *orientação/locomoção/articulação/auscultação* a qual até então não havia percebido operando de perto/me operando à revelia dos hábitos tecnolinguísticos. Uma operatória outra que não a logocêntrica — ou ao menos não tão logocêntrica.

*Conceber “pessoalidade como cerebralidade” foi possibilitado por sistemas de pensamento do início da modernidade que conceitualizaram self e corpo de tal modo que o corpo, embora importante do ponto de vista experiencial, se tornou ontologicamente secundário. Ser um eu ou ter um self foi correlacionado com memória, consciência e autoconsciência. Esse é o self “moderno”, e é no arcabouço de seu desenvolvimento inicial que o sujeito cerebral se tornou a figura antropológica da modernidade. (Vidal, 2009, apud Ortega; Vidal, 2019, p. 41).*

*[...] a “modernidade” em geral é entendida como incluindo a ascensão, durante o século XVII, de um novo conceito de identidade — especificamente a noção de um self ‘isolado’ e autônomo que tem autoconsciência como propriedade constitutiva e é caracterizado por reflexividade, autodistanciamento, e uma noção de interioridade, um ponto de vista de primeira pessoa e uma desconexão do corpo e do mundo (Taylor, 1989, apud Ortega; Vidal, 2019, p. 41-42).*

Havia escutado sem escutar, lido sem ler, visto sem ver... Os órgãos confabulando à revelia do repertório senciante do modo como comumente o apreendemos, experimentamos cotidianamente. Uma *comunicação/conexão/construção* de vínculo dando-se num grau/espectro de ressonância *inespecífica*; construção de linguagem *inespecífica*.

*Os navegadores das Ilhas Marshall, eles sentem o movimento das correntes com o estômago. Então eles vão de um lugar pro outro seguindo as correntes que tão debaixo d'água. Agora, a gente sabe que essa movimentação da água também é uma movimentação cósmica... O estômago tá sendo orientado por uma movimentação que tá acontecendo lá... Lá, fora da Terra, da forma como a Terra tá conectada com o resto do universo, do cosmos, e que se sente no estômago... Mas é porque tá conectado, e porque se você passa muito tempo na água você sabe que seu corpo passa a responder com...<sup>16</sup> (aqui, Denise chacoalhou o corpo levemente enquanto hesitava).*

*...toda vez que vou ao banheiro, fico com vontade de escrever uma mensagem pra 'brega', e, por várias e várias vezes, aconteceu de ele tá no banheiro também. acontece muito, e aí sempre trocamos uma selfie... é um tipo de interligação intestinal, é um sync intestinal...*

---

<sup>16</sup> Denise Ferreira da Silva em conversa com os curadores Cláudio Bueno e João Simões na primeira atividade pública do Ciclo I do Pivô Pesquisa 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8FNwYmJyFiA>

☒ c.

i.

O fracionar cronológico do tempo, cabido em voltas sucessivas de 360°, rodopiando dia e noite as engrenagens nas fábricas insalubres do século xix e agora *tiktokeando ad infinitum* nas telas de celular, compartimentou o corpo em muitos nomes e lugares demasiado concisos, demasiado capturáveis pro tanto de incongruências e estranhezas inomináveis que cultivamos sem esforço, até mesmo no mais recôndito e indistinguível de nossas imperceptíveis células... O contar do corpo e das palavras, posicionados em lugares e à maneira violentas...

Não se trata de uma rixa com o ato de nomeação das coisas, mas de quando e como fazê-lo, e do direito de não nomeá-las também, pelo menos não definitivamente...

ii.

Não sei que nome dar a isso.

iii.

Dos 17 aos 24 anos, aos aniversários, fui presenteada por minha avó com pequenos envelopes.

Envelopes de papel amassados, de arestas gastas, reaproveitados, com uma nota carinhosamente dobrada e acomodada dentro. A dobra criava um risco que cortava a cédula bem na metade.

Abria os envelopes quando sozinha.

Deslizava os dedos pela marca. O sulco me fazia pensar no preciso momento da dobradura, nas fibras do papel se repartindo e fendendo aquele traço, no quanto os dedos que roçaram aquele recorte não o sondaram de jeito a desejar depositar ali — ou fazer exceder-se ali — algo que não valorado nas métricas que comumente distinguem esse tipo de papel...

*Isso é pra você, pra comprar algo que goste. Queria poder mais, sei que você merece muito mais...*

As palavras chegavam acompanhadas das mãos desajustadas pro início de um abraço que, pro seu embaraço, em algum momento confundia-se com um pedido de desculpas, como se fosse ilegítimo fazê-lo...

No verso, endereçava uma dedicatória, escrita à mão. A caligrafia era tremida, mas ainda se faziam notar as curvas e voltas de como, há muito, havia aprendido a escrita.

iv.

Aos 26, nos primeiros meses de pandemia, a convivência com o quarto era empoeirada. Nada saíra do lugar, nem eu. E as coisas quietas nas prateleiras, outras, espalhando-se pelo chão, falavam muito alto.

Num desses dias de remexer a poeira parada, fui surpreendida por um desses pequenos envelopes, impressado no meio de uma pilha de xeroxes. No verso, a dedicatória:

*Da sua avó que é muito sua amiga e te quer bem...*

O embrulho se avolumava em seu centro e denunciava carregar algo mais.

Eu o abri.

Dentro havia outro envelope. No verso, endereçava o recado:

*Da sua avó que é muito sua amiga e te quer bem...*

A superfície abaulada me fez repetir o gesto.

Abri.

Dentro, havia outro envelope. No verso:

*Da sua avó que é muito sua amiga e te quer bem...*

E mais uma vez.

*Da sua avó que é muito sua amiga e te quer bem...*

E outra vez.

*Da sua avó que é muito sua amiga e te quer bem...*

E mais duas vezes.

Os envelopes redimensionavam-se e se faziam caber um dentro do outro continuamente, como se estivéssemos diante de uma matrioska de envelopes, montada à revelia de minha memória, assim como os montes de poeira e roupa surgidos no quarto. A boneca russa de cartas desatarraxava-se camada por camada, a versão por último exposta fazendo-nos rememorar a anterior e perguntarmo-nos de quantas vezes mais se dobraria em versões outras de si mesma, similares e surpreendentes a um só tempo.

Superlativo e diminutivo perdem seus sentidos nessa cadência.

v.

A essa altura, minha avó já não se lembrava mais de meu nome ou de minha pessoa.

Lembrava cada vez menos de tudo, nem mesmo das funções das coisas mais banais, as quais reproduzimos desatentas, como usar um pente ou uma escova de dente. As coisas tinham outros nomes.

Sua fala de voz e de restante de corpo transformara-se em completo balbucio, indecifráveis pra maior parte das pessoas. Nas últimas visitas, costumava confundir-me com um dos seus filhos quando jovem. Às vezes minha presença a fazia alternar randomicamente entre todos eles. Às vezes eu parecia comportar todos simultaneamente no corpo, um tipo de encaixe sucessivo que, ainda que inevitável da parte dela, conjugando seu novo sistema de sentidos, invariavelmente imputava a mim uma familiaridade perturbadora. Um tipo de enraizamento no qual eu preferia não ver sentido, pelo menos não o habitual — eu nem me considerava mais humana.

vi.

Apesar do intervalo de tempo entre a entrega de um envelope e outro, a escolha de palavras repetia-se de maneira idêntica no verso de todos os embrulhos, assim como o recontar da idade volta a inscrever-se todo ano, toda vez numa mesma data.

*Da sua avó que é muito sua amiga e te quer bem...*

Conforme adentrava os envelopes, as escritas de próprio punho saltavam à vista uma após a outra e tremeluziam à ritmo contíguo, os espasmos do corpo que as escrevera registrados e reanimados nos contornos à tinta; o corpo esforçando-se, contorcendo-se pra fazer caber tanto num invólucro aparentemente pouco; pra fazer falar quando os meios de fazê-lo são insuficientes.

Sua alfabetização, cuja processo se dera de modo muito precário, bem como o conseqüente desabito da escrita, talvez não tenham lhe permitido cultivar uma soltura no arranjo das palavras

grafadas. Não raro a própria língua desaprende a dobrar e desacostuma-se a falar. Mas falamos pra além das malfadadas tentativas. Tudo isso era muito, mais do que jamais havia ouvido dela. O limite de caracteres, entre garranchos, do enquadro do papel, do espaçamento entre anos, era carga deslizante pro que não se lia, pungente nas entrelinhas. O limite esquecia-se do próprio limite.

*[...] “os caracteres escritos não são o expoente total da fala, e a fala não é a expressão total das ideias”; contudo, o objetivo não é mostrar que há algo que não pode ser esgotado, mas “esgotar a fim de não esgotar” — ou, em termos afirmativos, “expor o limite a fim de não ter limites”. A finitude e a infinitude não são mais colocadas como contradição, mas como continuidade garantida por um movimento lógico.*

*[...] Tese: existe uma escrita com um número limitado de símbolos plenamente capazes de expressar o mundo; antítese: o mundo não pode ser plenamente expressado pela escrita, já que, enquanto o mundo é infinito, a escrita em si é finita.*

*A solução desse problema está no fato de que aquilo que não pode ser expresso pode ser exposto de modo implícito pela linguagem. [...] Limite aqui não significa o fim de alguma coisa, uma fronteira que nos impede de acessar outro lugar – limite, nesse caso, se refere a uma condição de acesso, sob a qual um “aguçamento dos sentidos” [...] torna-se possível. Aguçamento dos sentidos não significa tornar nossos cinco sentidos mais precisos — em vez disso, o que se sugere é ir além deles.” (Hui, 2020, 152-154).*



↳ d.

há uns anos, fiz um trabalho em vídeo que tinha por elemento mt importante a sua trilha, uma música da artista carly simon, "*coming around again*"\* 22:42 ✓✓

certa vez, encontrei uma vitrola portátil na casa de meu avô, e ela havia sido guardada junto de um disco. a limpei e pus o vinyl pra trocar. o disco não tinha identificação, e a primeira faixa era "*coming around again*". a superfície era mt arranhada, e a agulha já mt gasta. a música, na maior parte do tempo, ressoava engasgada, travada no refrão "... *and it's coming around again... and it's coming around again*" enquanto o disco girava. com sorte, conseguia ouvir a faixa inteira 22:43 ✓✓

à época, tive um contratempo tentando subir o trabalho no youtube. como já era de se esperar, a plataforma não o autorizou, por uma questão de direitos de uso da canção, nem mesmo o upload do vídeo de modo não monetizável e não publicado — invisível a todes, acessível apenas via link compartilhado pele proprietárie. para fins de veicular no youtube — e até mesmo em outros meios, plataformizados e institucionais — seria preciso, a exemplo do disco riscado, deformar ainda mais a trilha, já que não considerava uma opção substituí-la. seria então

---

\* o trabalho em questão trata-se do vídeo "*coming around again*" (2020), de Rodrigus Pinheiro, inicialmente apresentado como parte do filme, "*spin-off*", do grupo interdisciplinar de artistas e pesquisadores *Regrupo*, atuante em 2020. "*coming around again*" junta-se às propostas em vídeo des outros artistas no filme, iniciando-se no instante 1min 40s. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=H4M34s4S5lQ>

necessário despistar os algoritmos de reconhecimento do youtube — content ID. antes de lançar mão duma alternativa mais drástica — tornar a trilha mais ruidosa e irreconhecível, calibrando de jeito a preservar os engasgos da faixa —, decidi fazer uns testes mais sutis junto à plataforma, e assim investigar os modos de atuação e de acuidade dos algoritmos 22:50 ✓

apesar de intuir que não funcionária, primeiramente, tentei fazer upload de uma versão do vídeo com o pitch da trilha alterado, tornando-a mais aguda. repeti o mesmo procedimento, porém tornando-a mais grave. em seguida, acelerei e ralentei a faixa. criei diferentes combinações de pitch e compasso alterados. como dois dos parâmetros de reconhecimento algorítmico partem do espectograma e extração melódica do som, os quais constam no banco de dados do content ID, nenhuma dessas possibilidades combinatórias seriam válidas. outro parâmetro se refere ao reconhecimento a partir da fala/ letra da canção. experimentei picotar a track e embaralhar seus versos e estrofes, de jeito a interferir na sintaxe. criei uma versão do vídeo com a track reproduzida de trás para frente. no entanto, sem sucesso. tanto no caso do desenho vibracional da faixa quanto do conteúdo sintático, tais elementos são assimilados e reconfigurados em códigos, correlacionados e rearranjados à maneiras multidimensionais que tornam o despistamento do algoritmo e de sua sincronia, ao que tudo

indica, impossível

23:04 ✓✓

por fim, depois de sucessivas tentativas, a plataforma, para a minha surpresa, permitiu o upload. a versão do vídeo que consta no youtube possui os versos e estrofes embaralhados, com frequências graves e chiadas menos audíveis ao fundo, somadas a uma melodia dissonante criada com synth. mas, certamente, tal estratégia ainda não se faz suficiente. tratou-se de uma trégua (?) da plataforma, sem contrariar as diretrizes dos direitos de uso. é possível que, no caso de canções de artistas de grande notoriedade, a plataforma reaja por meio das ferramentas de inspeção e seus procedimentos costumeiros, mas de maneira mais rígida, podendo, de início, coibir até mesmo o permitido

23:08 ✓✓

o episódio me fez lembrar de um trabalho em vídeo de mais tempo, no qual, do mesmo modo, faço uso de uma música sem a qual o trabalho não poderia acontecer. tratou-se, também, de um passeio de carro, dessa vez com uma aranha, e a música reproduzida pelo sistema de som do veículo era *"fifty-fifty clown"*, do grupo escocês cocteau twins, atualmente inativo. \*\*

23:10 ✓✓

lembrei que, à época, não tive dificuldade alguma de subir tal trabalho na plataforma — de modo público inclusive. o que é mais curioso é que, sabidamente, a vocalista do cocteau twins — elizabeth fraser — fabula um idioma próprio, inexistente, para compor e cantar as canções. o partir do

---

\*\* o trabalho em questão trata-se do vídeo

“Aranha” (2017), disponível em:

[https://www.youtube.com/watch?v=SdLK88gO2\\_E](https://www.youtube.com/watch?v=SdLK88gO2_E)

cantar as canções, a partir de grunhidos espontâneos, recombinao diversos idiomas e, mesmo quando fazendo uso de uma ou outra sentença no inglês — seu idioma materno —, vocalizando-a desprendida de sua sintaxe, de jeito a empenhar-se numa elocução glossololálica. todo e qualquer material impresso de divulgação da banda — os booklets de CDs, capas dos discos — não traz em seu conteúdo a transcrição das letras. elas nunca foram oficialmente divulgadas pelo grupo. as transcrições encontradas em rede, em sites ou em aplicativos de música, tratam-se de transcrições empreendidas por terceiros. há inclusive essa história, de que o selo que lançava os álbuns do grupo no japão contratava uma equipe pra “traduzir” o conteúdo cantado e incorporá-lo à mídia comercializada. a respeito da ausência de uma letra entendível, elisabeth declarou: “ [...] Ficariam desapontados se descobrissem. Talvez eu as faça soar como se pensasse que não importam, mas as palavras são importantes, ao menos para mim, mas... Acho que a vocês fica a possibilidade encontrar nelas o que conseguirem. E elas REALMENTE fazem sentido.” \*\*\*

23:15 ✓✓

é curioso que, ao tentar fazer upload desse trabalho, com tal música, sem a presença duma letra cognoscível, a solicitação não tenha alarmado os algoritmos de reconhecimento do youtube e dificultado o procedimento, como na situação anterior. por certo, a música foi identificada pelo sistema de

---

\*\*\* “You’d be disappointed if you found out. I might make it sound as if I think it’s unimportant, but the words are important, important to me I mean, but... I think you’re just supposed to get out of them what you can. And they DO make sense.” Ver em:

<https://cocteau-twins.com/cocteau-twins-lyrics.html>

inspeção, já que consta no banco de dados do content ID. trata-se, assim, de um conteúdo rastreável. apesar disso, o acontecido me leva a imaginar como seria possível codificar um som, uma voz, uma elocução oral, cujo idioma não existe aprioristicamente e remodela-se a cada enunciação — e, à revelia do imediato, “DO make sense”. O espectograma de “*fifty-fifty clown*” já é informação o suficiente para o algoritmo familiarizar-se com tal conteúdo e detectar qualquer uso inapropriado que lhe diga respeito. contudo, pensando na conversão da sintaxe humana em códigos, empreendida pelos algoritmos, para, às suas maneiras, estabelecer correspondência com nosso sistema de linguagem, a que modelos se recorrer quando a linguagem não tem parâmetros regularmente definidos ou constantemente engasga os previsíveis? Pode ter isso facilitado o upload na plataforma?

23:31 ✓

TEMPER\_SBJKT41 duração Caixa de entrada x



22ª Bienal Sesc\_Videobrasil <22bienal@videobrasil.org.br>  
para mim

7 de out. de 2022, 16:45 ☆ 😊 ↶ ⋮

Boa tarde, 100percent\_genuine,

Agradecemos pela inscrição para a 22ª Bienal Sesc\_Videobrasil.

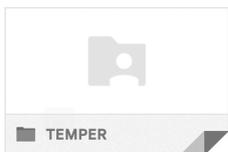
Poderiam nos enviar um link para o trabalho TEMPER\_SBJKT41 completo? Na inscrição consta que a obra tem 1h3min mas o link fornecido tem 15min.

Atenciosamente,

Equipe de Produção | Production Team

22ª Bienal Sesc\_Videobrasil | 22nd Biennial Sesc\_Videobrasil

1 anexo • Anexos verificados pelo Gmail ℹ



↶ Responder

↷ Encaminhar





✍ f.

*you gave me something to remember...*

Música na rádio, em agosto de 2016.

i.

Estava sentada à mesa, cadeira da beirada.

*(... ao chegar a lugares, sempre hesito quanto a minha posição, onde permanecer, onde sentar, de onde falar... porque isso é definidor. Não exatamente essa escolha é o feito definidor de tudo o mais, mas ela sublinha uma definição, bem como subscreve uma indefinição...)*

Comia mais tarde do que todes aquele dia.

As duas, F e C, haviam passado a manhã inteira naquele quarto, um apêndice nos fundos da casa.

Estavam costurando... Vazado do cômodo, só se ouvia o maquinário ziguezagueando voraz, alinhavando uma conversa a 4500 RPM.

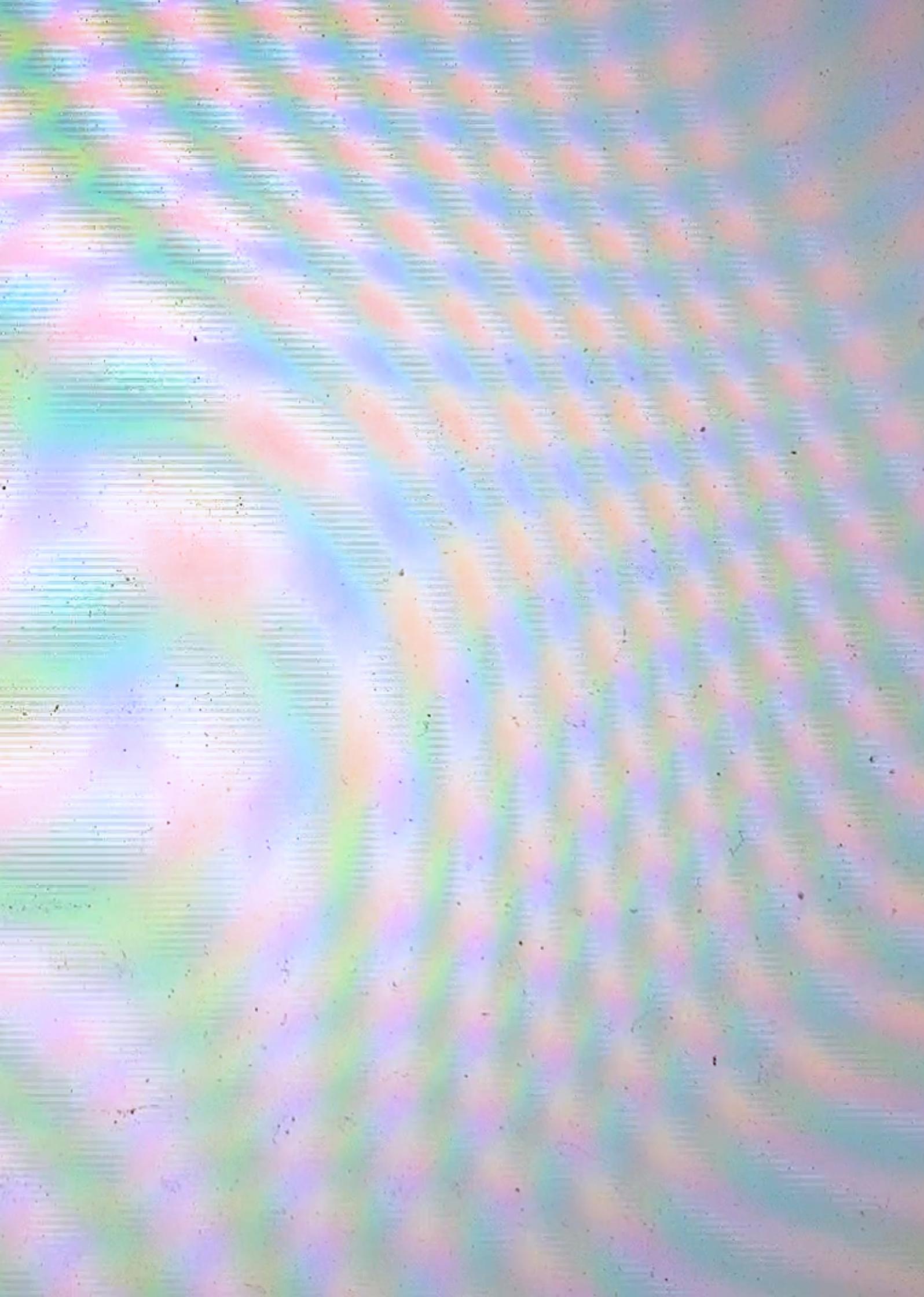
Ainda à mesa, ouvi a portar ranger.

Era F.

Havia enfim deixado o quarto de costura nos fundos e agora se devolvida à vista do restante da casa.

Trajava a encomenda, um vestido ainda por terminar.

Pausou para mostrar.



Camadas de tecido se sobrepunham umas as outras; algumas já fiadas; outras, acomodavam-se ao corpo presas por um punhado de alfinetes, cuidadosamente distribuídos, alastrando-se pelo peito e laterais de F. Camadas urdidas ou ainda por urdir, uma obra já suficientemente tramada para se vestir e convocar-nos a ver, a ver o que estava ali e o que ainda não se encontrava; a supor de que jeitos poderia vir a ser.

F parou diante de mim, exibindo o feito. Elogiei e especulamos juntas.

ii.

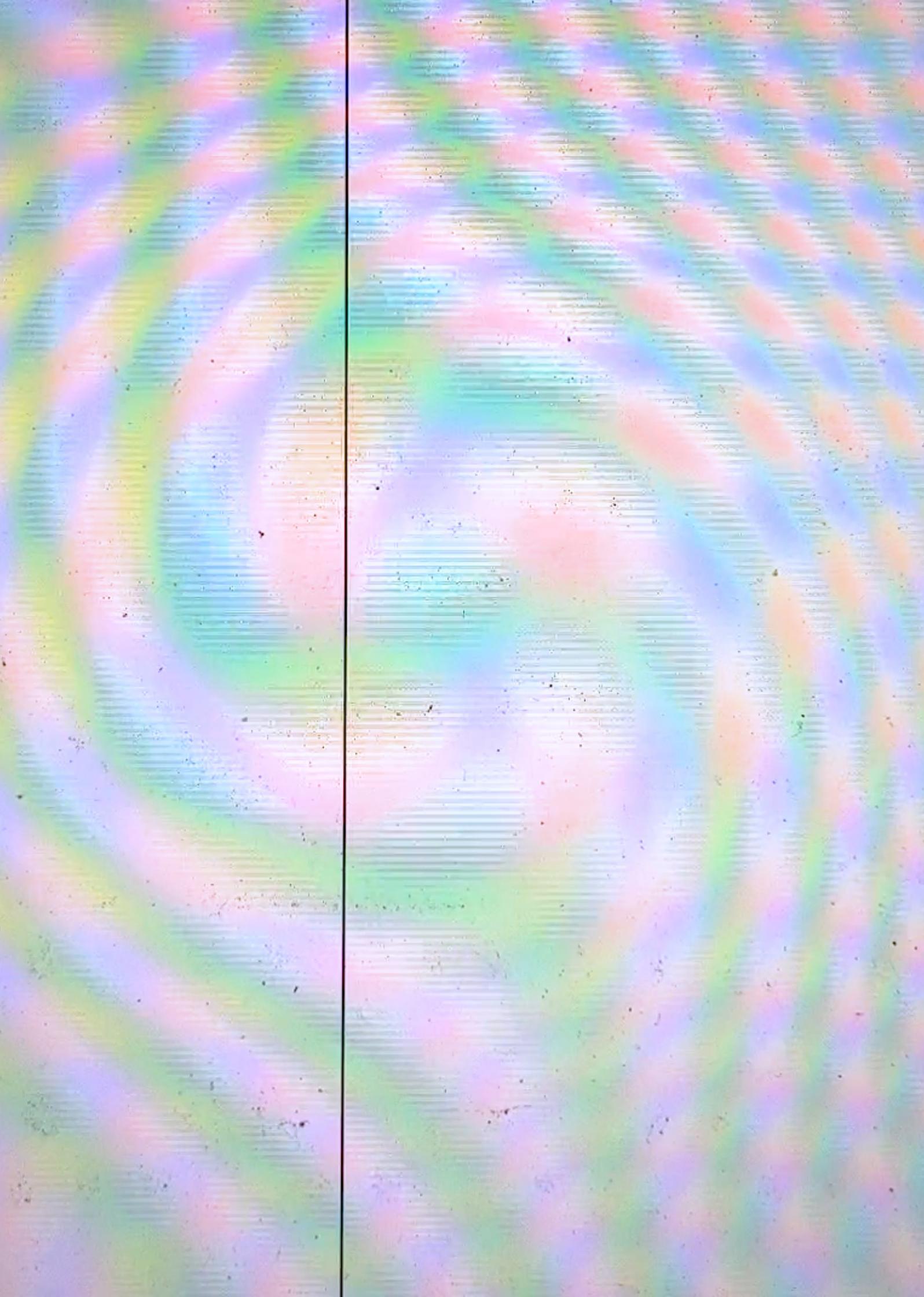
Da cozinha, F se enveredou corredor adentro.

Um longo e retilíneo corredor, passagem para os outros cômodos da casa.

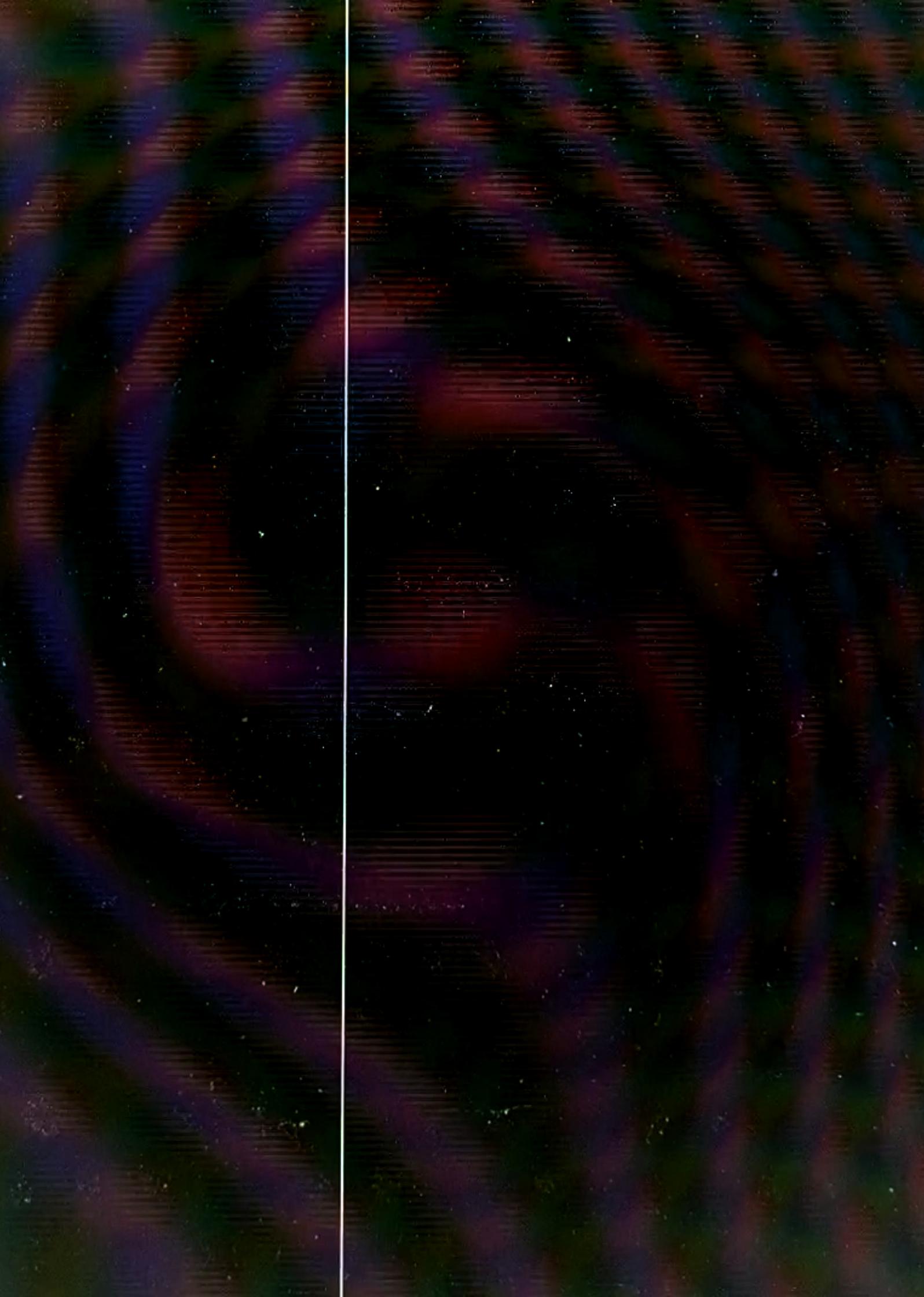
Um par de fileiras de ripas de madeira emendavam-se e acompanhavam a extensão da passagem. Uma fileira de cada lado, afixadas às paredes com pequenos pregos, dispostas na altura dos cotovelos. Feito vetores de força, faziam da perspectiva do corredor ainda mais longilínea e afunilada quando avistado de fora. Um duto afiado.

*(... há muito tempo, quando nos mudamos para cá, não existia esse corredor. Foi preciso abrir caminho pelos cômodos para construí-lo, pra criar conexão com os fundos ...)*

Um corredor veloz, crescido no centro da casa, sem aberturas visíveis que não a das portas que o ladeiam. Uma passagem pouco arejada, desafeita às distrações — camadas de papéis de parede envelhecidos e estratificados, rasgos, manchas, fotografias, superfícies reflexivas, bibelôs, todo tipo de penduricalhos e outros potenciais atratores de desvio, aos poucos, com as incessantes idas e vindas, eram absorvidos pela indiferença repetitiva do movimento, restavam borrões indiscerníveis na periferia do perceptível.



Um corredor como comumente se arquitetam corredores: vias expressas, de ritmos e orientação muito bem delineados, calculáveis, 0-1, musculatura hábil e secretora, um pressurizador de fluxo, sem dia e sem noite, com a dinâmica *claro/penumbra* oscilando de acordo com o deslocar entre cômodos, com o *abrir-e-fechar-de-portas* — um tipo de manutenção de sua aerodinâmica, para além das oscilações luminosas providenciadas pela instalação elétrica. Se não fosse pela porta semi-aberta do escritório — geralmente semi-aberta, a lingueta defeituosa nunca viera a ser substituída —, projetando um fecho luminoso a certa altura desse *tubo-abismo-corredor*, estaria totalmente penumbra por agora... — uma vazão contingente na matemática do corredor.



iii.

Conforme F o adentrava, mais para o meio do caminho, deparou-se com A, que saltava obstinado de seu quarto — o primeiro no extremo oposto do corredor — para o escritório, precipitando-se na direção de F. Caminhava preso ao celular pela orelha, desajeitado, executando o trajeto retilíneo de todos os dias, alternando de uma porta a outra a 24/7.

F não se conteve. Interceptou o movimento apressado e certo de A para lhe dizer:

*“— Olha, pai, olha o que eu fiz!”*,

convidando-o a uma pausa improvável, interpelando a sua coreografia habitual.

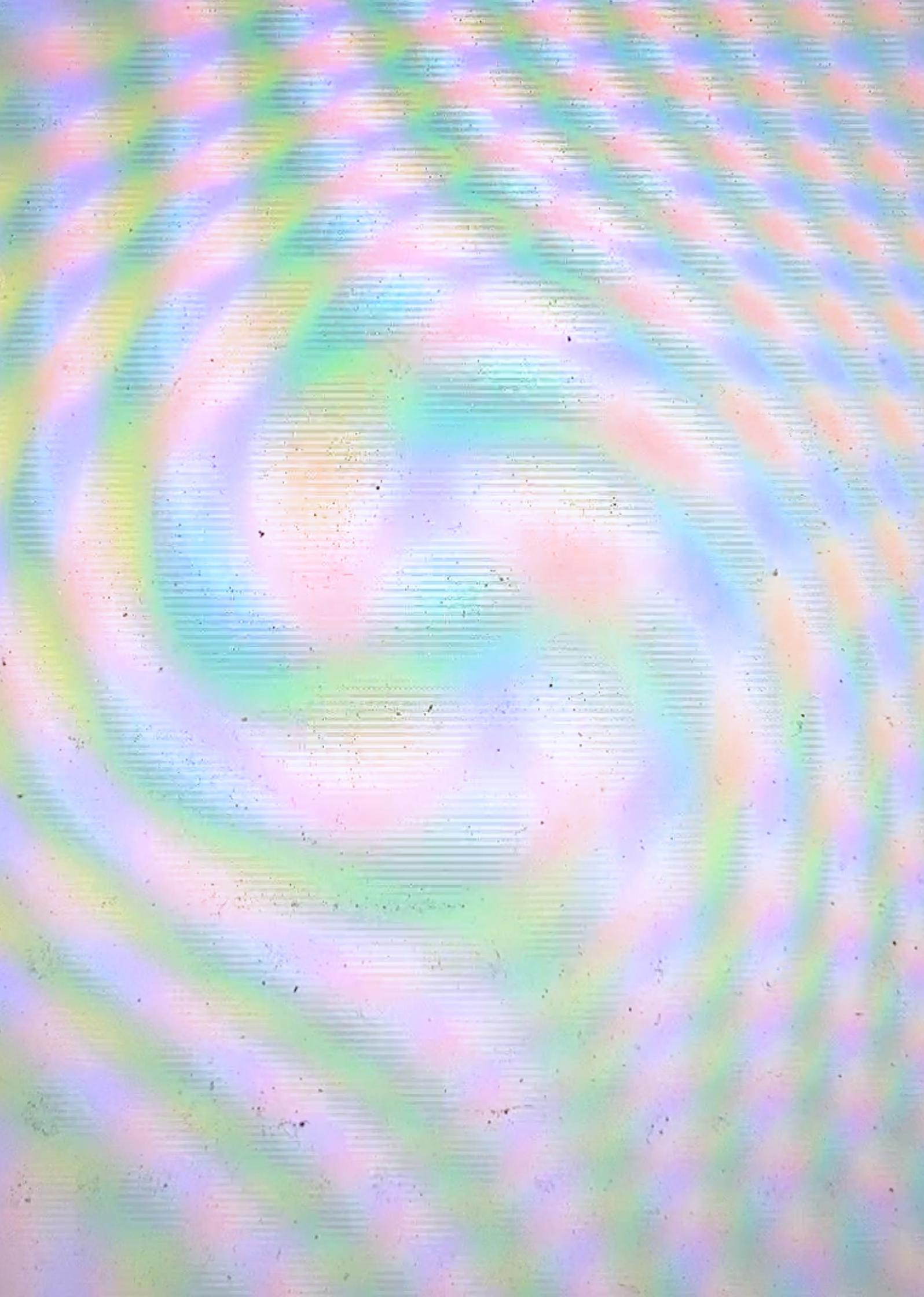
A se interrompeu com dificuldade, desorientado, ainda recalculando a rota, do intentado e urgente movimento na direção do escritório, agora extraviado ao voltar-se para o chamado distante de F.

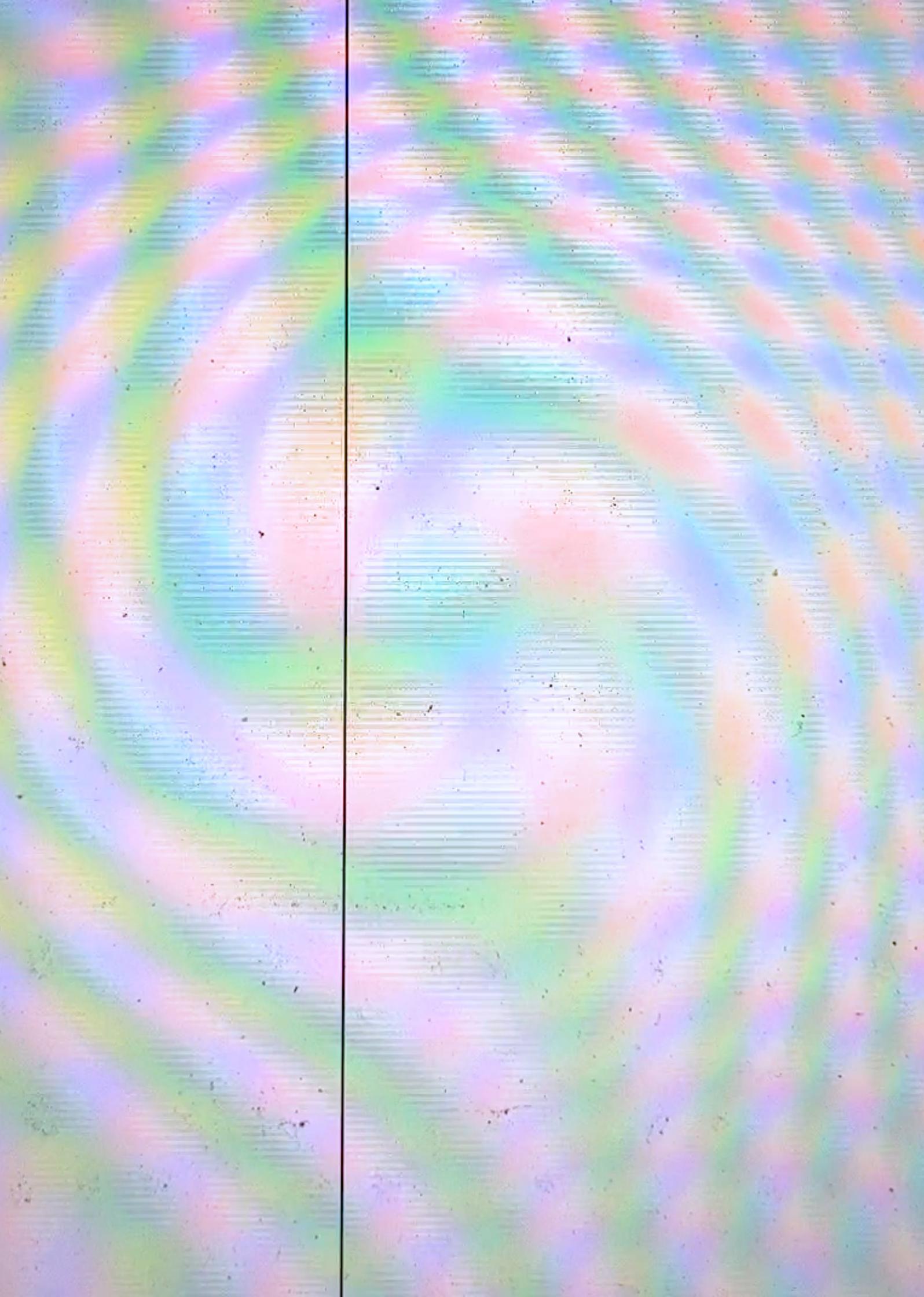
À porta do escritório, semi-aberta, A hesitou. Olhou F. (*“— Olha...”*)

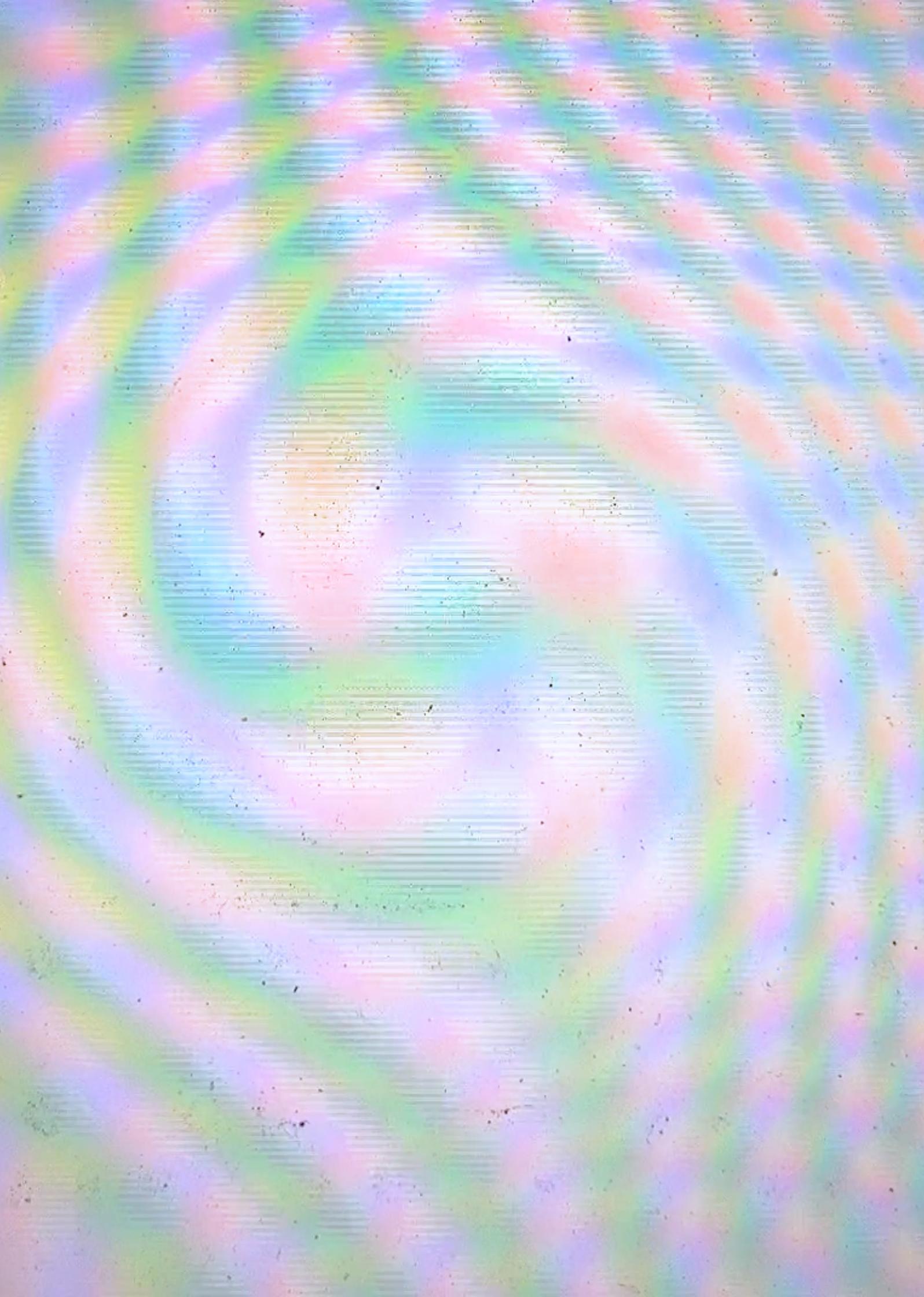
A viu F.

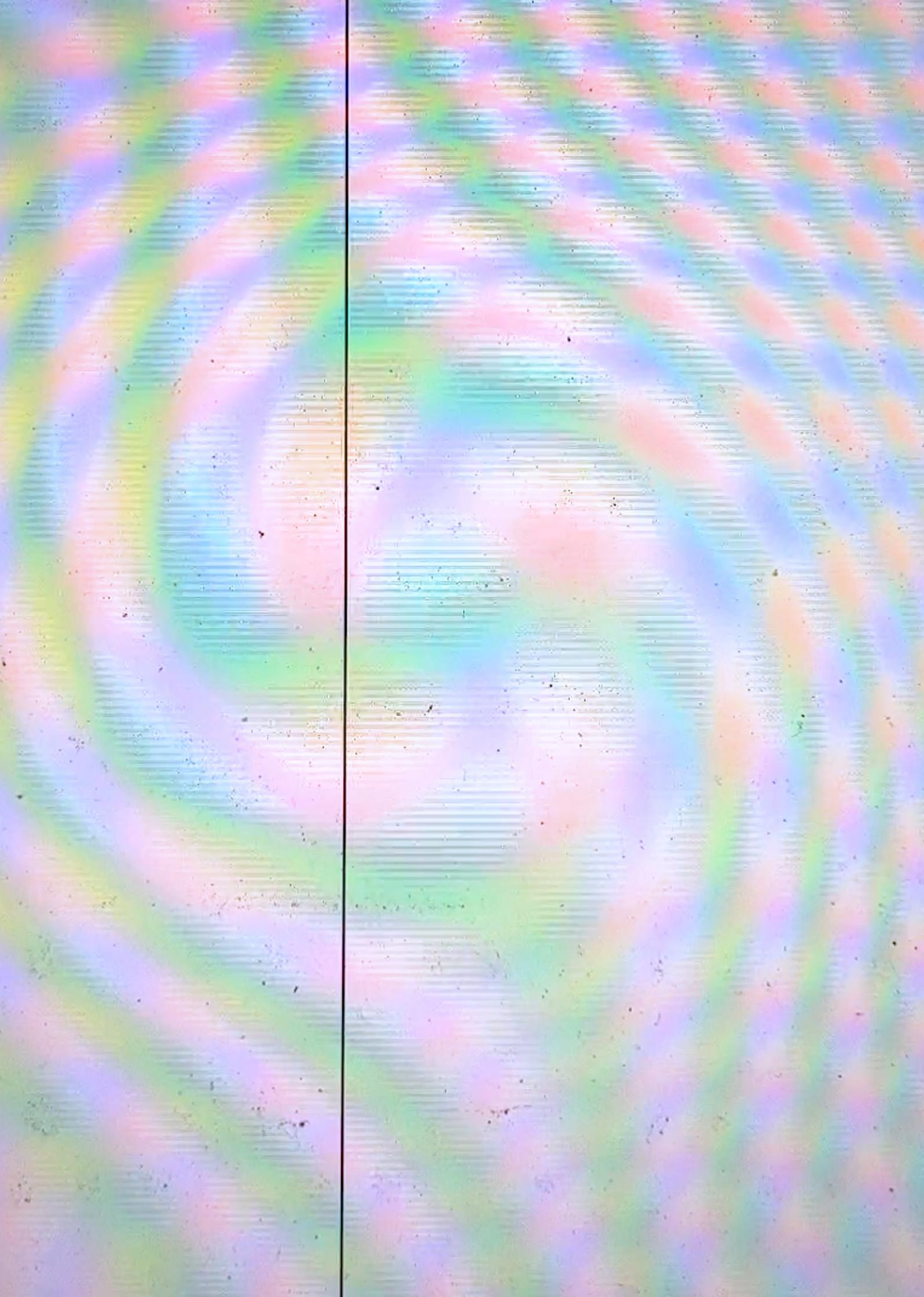
Deixou o celular pender.

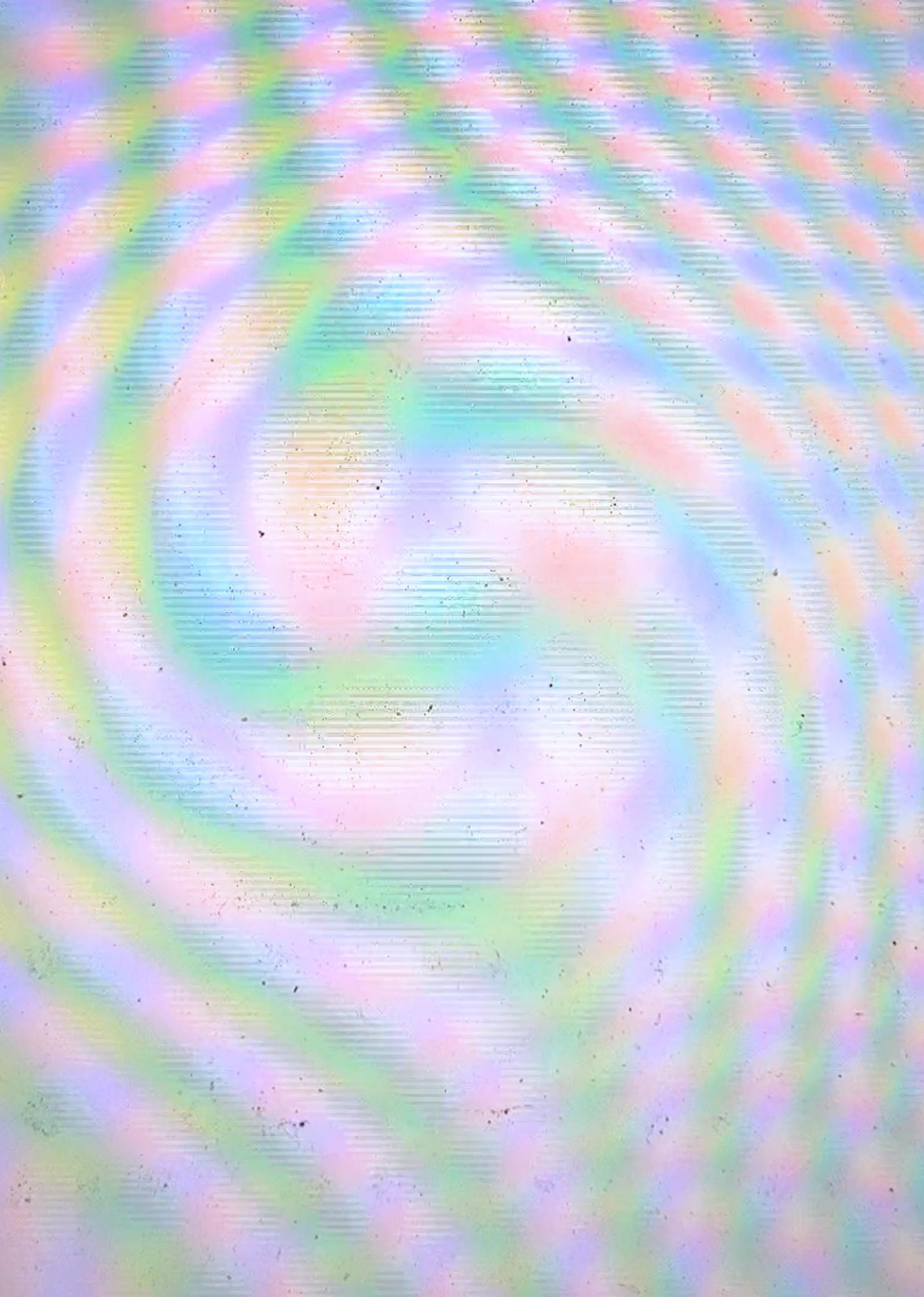
Perscrutou F de cima a baixo...

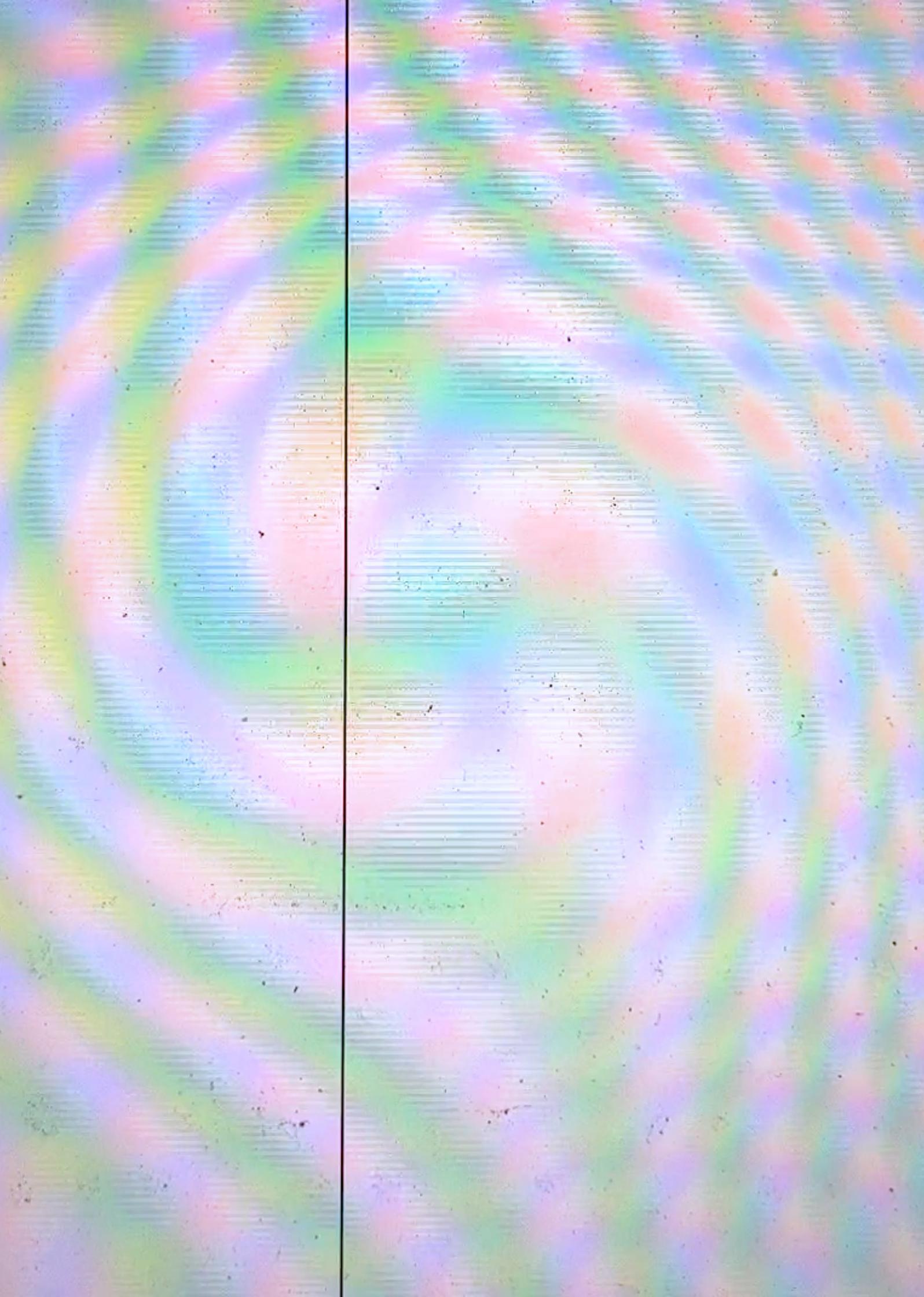


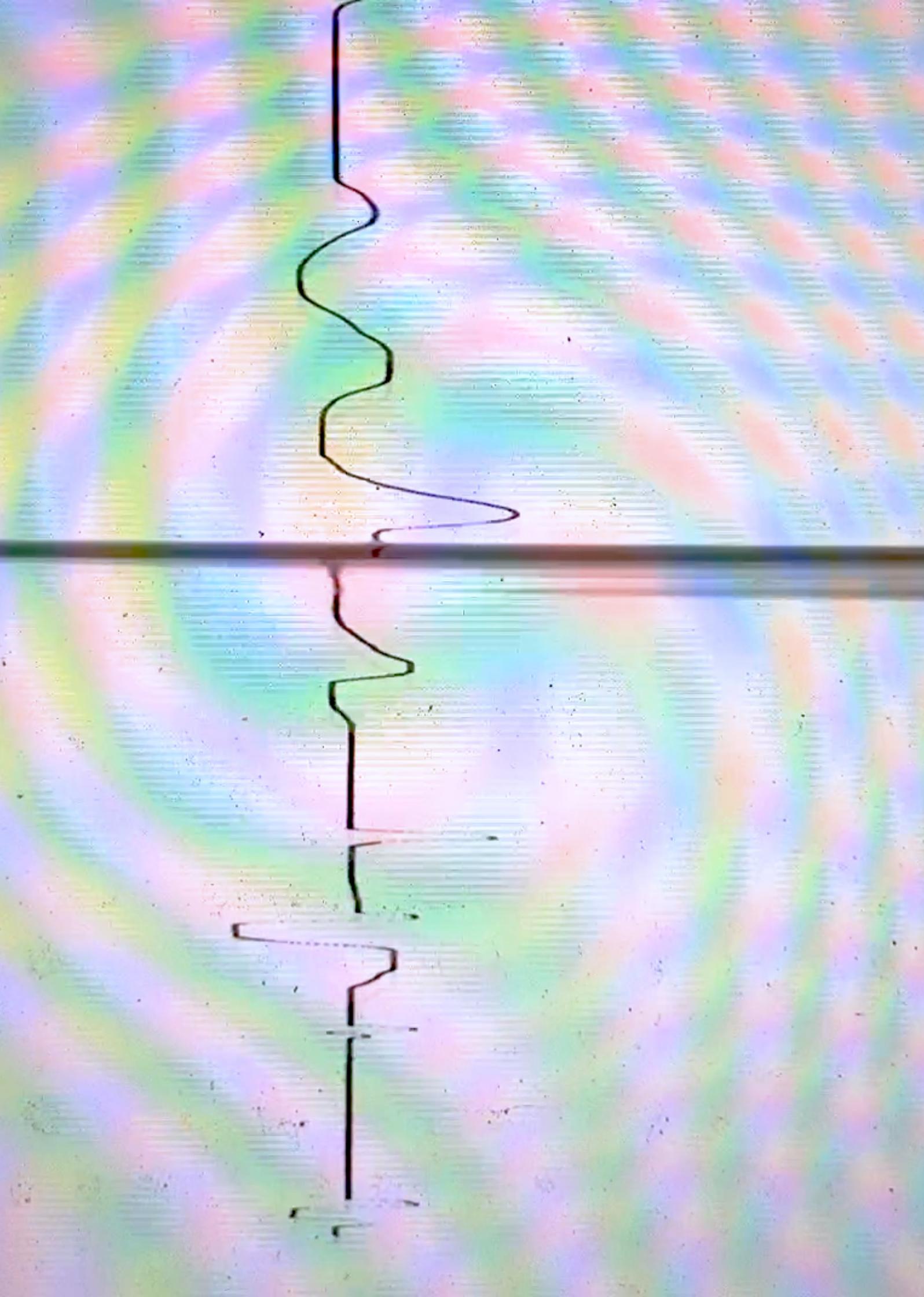


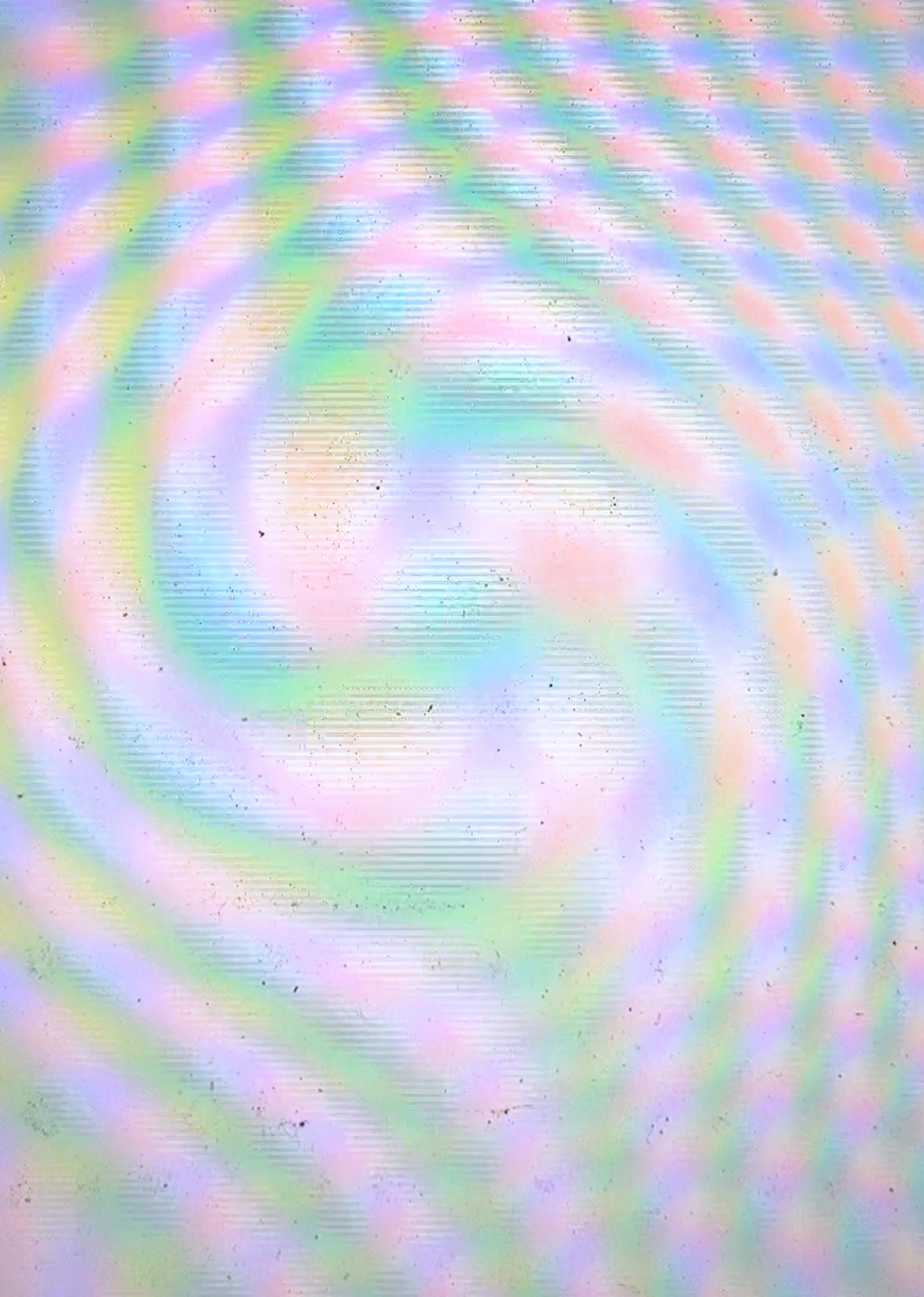












iii.

Não sei ao certo o que viu. Cada qual avistava algo de diferente em F.

Mas a sucessão de acontecimentos no corredor foi atravancada.

Não conseguiria precisar por quanto tempo.

As unidades de medida conhecidas estavam indefinidas; as condições atmosféricas habituais no corredor, chacoalhadas; as computáveis e previsíveis trajetórias, excedidas.

*Incerteza, entendida matemática e cientificamente, não é a mesma coisa que desconhecimento. Incerteza em termos científicos e climatológicos, é uma medida precisa do que sabemos. E conforme nossos sistemas computacionais se ampliam, eles nos mostram cada vez mais quanto não sabemos. (Bridle, 2019, p. 56).*

Suspensão, no interregno da qual, havendo-se com os mais recentes reviramentos de si, buscando vazão, uma outra desembocadura para as *estranhas* reconfigurações de si, A respondeu-lhe, transbordando comoção:

“— *Que bonito, filha!*”

Uma pausa intensiva em lugar de extensiva; qualitativa em lugar de quantitativa, no íterim da qual a arquitetura, a economia emocional e sensorial daquele lugar, o encaminhamento digestivo daquele *duto* foi improvavelmente rearranjado.

O celular chamou A de volta,

“— *A...? A, você tá aí?*”

“— *Oi, sim! tô ouvindo...*”

Aquele frágil arranjo se desmantelou num átimo.

Tão breve quanto se desmanchara, A sumiu no cômodo. A porta semi-aberta outra vez.

F seguiu adiante, a procura de de T. Desapareceu no próximo cômodo à esquerda.

C ainda esperava nos fundos.

No corredor, sem conexão.

Sem sinal de pessoas outra vez

...

v.

Assistia a tudo da cozinha, ainda sentada à beirada da mesa, de onde se podia ter uma vista privilegiada do corredor. Não de modo a antever seu percurso narrativo, mas sim vê-lo *indefinir-se*; de onde, aparentemente, é possível percorrê-lo sem deslocar-se pelas linhas anteriormente mapeadas; de onde, ao que tudo indica, é possível ser arremessado contra o *duto*, atravessado pela *cena*, à tração magnética de um mergulho *zoom-in* sem profundidade previamente conhecida; de onde, ao que parece, pode-se ser sorvido pela passagem sem que seja imperativo coadunar com os seus desígnios operacionais, há muito estabelecidos e corroborados.

Papéis eram constantemente reencenados na passagem estreitada, atualizado-se ao longo de sua existência, e, à medida que se enunciavam nessa arquitetura propícia à repetição, também era possível flagrar as condições necessárias à sua própria insubordinação. À medida que se enunciavam, também era possível vislumbrar outras e diferentes tentativas de endereçamento inoportuno à porta do escritório, como se a dura *habitualidade* tivesse ela mesma, inadvertidamente, forjado ali um risco/sulco/furo em sua indelével superfície. À medida que se enunciavam, era possível vislumbrar diferentes análises combinatórias de interceptação entre A e F, em diferentes circunstâncias, conjugadas no espaço-tempo daquele *corredor*, agora — mesmo que por um átimo — implodindo-se. Vislumbrar todas as tentativas intempestivas de interrupção da *familiar* continuidade, em todos os seus tempos, da infância de F à velhice de A, justapostas, todas as modificações e remodelações corporais desse íterim, aqui, mescladas — uma vazão contingente na matemática do corredor.

A música na rádio, um ruído de volume chiado na base dos acontecimentos, escapava para dentro do *duto* esse tempo inteiro, atestando sua potência amplificadora, tando no sentido de uma progressão do mesmo quanto de sua contraprodução. Movimentos peristálticos contraditórios.

“— .... *you gave me something to remember...*”

Não tenho certeza da veracidade do dito na letra da canção, de sua sintaxe, mas era como ressoava no corredor, com a semântica do corredor naquele dado instante. Você me deu algo...

“— Olha...”

vi.

Dois meses depois, A faleceu.

Havia subido no telhado para concertar a antena da casa. Não era possível assistir a TV. A falta de sinal lhe dava um senso de urgência. Caiu de cerca de 2,5 m de altura. Não resistiu às complicações do traumatismo craniano.

[Na primeira metade do século XX] *Estudos sobre os efeitos da estimulação luminosa no cérebro não eram novos, mas a pesquisa de Walter [William Grey Walter, cientista estadunidense, um dos pioneiros da inteligência artificial] era diferente de investigações anteriores, uma vez que ele utilizava um "estroboscópio de alta potência, agora disponível [...] no qual a duração do flash é da ordem de 10  $\mu$ s."* O instrumento foi fabricado pela Scophony, Ltd., uma das primeiras fabricantes de televisores. A própria experiência do sujeito ao encarar um estroboscópio tornou-se uma fonte valiosa de informação. [...]

*Em 1946, Walter publicou uma série de artigos influentes detalhando os efeitos da luz estroboscópica no cérebro. [...]*

*Enquanto o estroboscópio provocava reações perigosas em epiléticos, também evocava visões estranhas na maioria das pessoas. À medida que Grey Walter aumentava lentamente a frequência do estroboscópio, sensações subjetivas "de um padrão de mosaico ou tabuleiro de xadrez, às vezes com um efeito de redemoinho sobreposto", ocasionalmente apareciam. Em outros momentos, essas sensações eram mais semelhantes a alucinações reais, produzindo "impressões de movimento corporal ou de experiências visuais organizadas de*

*natureza bizarra e às vezes alarmante." O flash poderia ser usado para alterar os padrões rítmicos elétricos emitidos pelo cérebro.*

*Na década de 1950, o neurocientista britânico John R. Smythies deu continuidade ao programa de pesquisa inaugurado por Walter, estudando os efeitos do estroboscópio em indivíduos neurotípicos [...]*

*Quanto mais Smythies trabalhava com o estroboscópio, mais complicados os padrões se tornavam. Alguns padrões pareciam "vida aquática", "bactérias", "germes", "plâncton" e "peixes tropicais adoráveis em um tanque azul". "Papel de parede vitoriano" e "um design moderno incrível para papel de parede" também faziam aparições. Outros eram "descritos como 'ruas e casas' girando ao redor" e pareciam uma "foto aérea de uma cidade". Vários participantes "relataram um fluxo contínuo de imagens de cenas totalmente formadas, geralmente de objetos e eventos comuns, como trens, carros, cenas de rua, portos, animais, pessoas, etc." No entanto, certos padrões (como símbolos alfabéticos) nunca apareciam [...]*

*Em um artigo publicado na prestigiada revista Nature, ele [Smythies] explicou como os cientistas tinham escassos meios para estudar "como grandes populações de neurônios interagem na percepção e em outras funções no córtex íntegro e não envenenado". Uma técnica usava microeletrodos, mas tinha a desvantagem de registrar apenas de alguns neurônios. A outra técnica, eletroencefalografia, sofria do problema oposto, pois "só registrará a atividade somada de vastas populações de neurônios". Em contraste com essas opções, os padrões estroboscópicos poderiam ser imagens valiosas que mostram o funcionamento íntimo do cérebro [...]*

*Smythies apoiava veementemente a afirmação de Walter "de que a televisão utiliza os mesmos princípios mecânicos usados nos mecanismos fisiológicos que mediam a percepção visual." Seu interesse no estroboscópio era em grande parte filosófico. Uma de suas primeiras publicações sobre o tema usou-o como evidência para combater uma visão realista da percepção. A mudança ao analogizar os mecanismos visuais no cérebro como televisivos em vez de cinematográficos trouxe consigo mudanças importantes na filosofia.*

*Smythies estabeleceu uma filosofia distinta da mente conectada à sua pesquisa. Assim como uma televisão não "nos dá uma visão direta dos eventos televisionados", o sistema televisivo no cérebro também não fornecia uma visão direta da realidade. Ele lutou arduamente contra a visão "na qual se acredita que os processos fisiológicos da percepção mediam uma visão direta do mundo físico." Smythies rotulou essa posição de maneira desdenhosa como "realismo ingênuo" e chamou sua própria filosofia de "Teoria Representativa da Percepção."*

*Em publicações subsequentes, Smythies estendeu ainda mais a perspicácia de Walter. Desenvolveu um sistema para descobrir detalhes sobre o interior de uma televisão sem abri-la. O tipo de padrões na tela da televisão que apareciam quando um estúdio era iluminado por um estroboscópio dependia do tipo de mecanismo de varredura dentro da televisão. Analogamente, Smythies especulou que os padrões que uma pessoa via ao encarar um estroboscópio poderiam "nos fornecer informações sobre detalhes da operação dos mecanismos responsáveis por sua produção." Dessa forma, mesmo que os cientistas tratassem o cérebro "essencialmente como uma 'caixa preta'" onde "a entrada é um estímulo de luz temporalmente intermitente e espacialmente uniforme na retina" e a "saída é um relato do organismo da percepção de padrões geométricos", a pesquisa com estroboscópios poderia ajudar a revelar o conteúdo da caixa preta cerebral (Canales, 2011, p. 37-38, tradução nossa).*

## **vii.**

Algumas semanas após seu falecimento, C mudou-se para o apartamento onde moro. Não suportava estar sozinha na casa.

Certa vez, regresssei ao endereço. Regressava de quando em quando. Precisava buscar alguns pertences de C.

Estava sozinha.

Atravessava o corredor, em direção ao primeiro quarto no extremo oposto da passagem — onde A e C costumavam dormir.

Era fim de tarde. A porta do escritório, semi-aberta, como de praxe; o semi-círculo luminoso projetado-se de tal fenda, anelando a passagem quadrangular a certa altura.

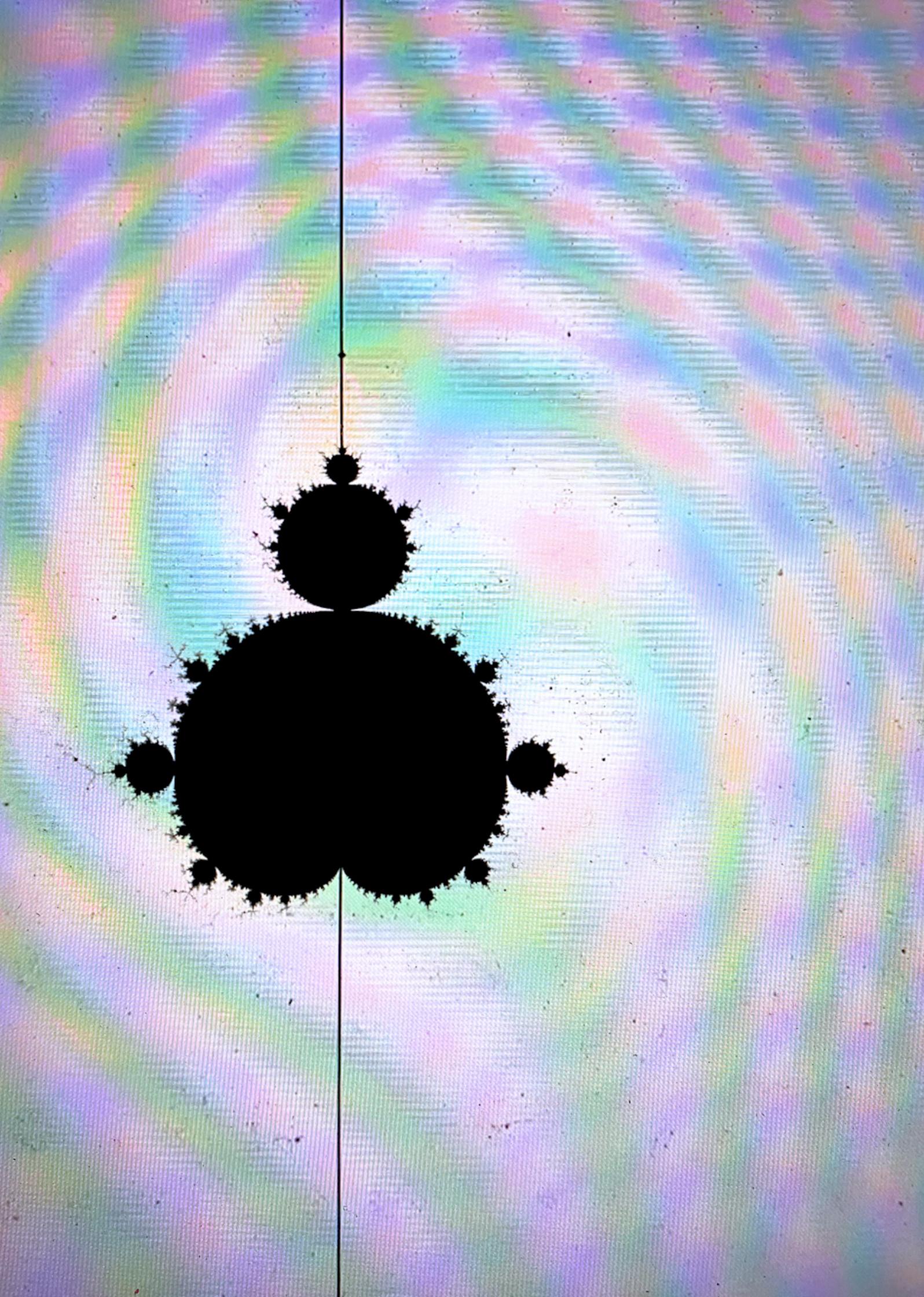
Na travessia de volta, algo, de súbito, me puxou.

Deixei a pilha de roupas cair, espalhando-se pelo chão.

*... um par de fileiras de ripas de madeira emendavam-se e acompanhavam a extensão da passagem. Uma fileira de cada lado, afixadas às paredes com pequenos pregos, dispostas na altura dos cotovelo. Feito vetores de força, faziam da perspectiva do corredor ainda mais longilínea e afunilada quando avistado de fora. Um duto afiado.*

Um dos pequenos pregos que sustentavam as ripas junto à parede havia se afrouxado e apontava-se protuberante para distante da parede. Enganchara na manga de meu casaco, cortando-a agarrando-me na parede do *duto*, à altura do risco luminoso.

“— Olha...”



*Talvez algumas dessas linhas sejam “extraordinárias” no sentido de que não existe nenhuma convenção para qualificá-las. Essas linhas podem ser mais bem estudadas à luz da ciência do caos do que à luz da sociologia, da estatística, da economia etc. Os padrões de força que as trazem à existência têm algo em comum com aqueles caóticos “Atratores Estranhos” que existem, por assim dizer, entre dimensões [...]*

*(Na física matemática, o atrator estranho é um dos conjuntos de comportamento característicos para o qual pode evoluir um sistema dinâmico. Neste específico, o sistema flutua para sempre entre estados de um modo que não é fixo, nem aleatório, nem oscilatório, mas em uma flutuação contínua caótica.)*

*[...] Se quiséssemos imaginar um mapa da informação — uma projeção cartográfica da Rede em sua inteireza —, precisaríamos incluir os aspectos do caos, que já começaram a aparecer, por exemplo, nas operações de processamento paralelo complexo, nas telecomunicações, nas transferências de “dinheiro” eletrônico, nos vírus, na guerrilha hacker e assim por diante.*

*Cada uma dessas “áreas” de caos poderia ser representada por topografias similares às do Conjunto de Mandelbrot, como as “penínsulas” incluídas ou ocultas dentro do mapa — de tal modo que parecem “desaparecer”. Essa “escrita” — da qual algumas partes somem, algumas apagam a si mesmas — representa o próprio processo segundo o qual a Rede já está comprometida, incompleta aos próprios olhos, definitivamente incontrolável. Em outras palavras, o Conjunto de M, ou algo do gênero, pode se revelar útil para a “armação” (em todos os sentidos da palavra) do surgimento da contrarrede como um processo caótico, ou, para usar uma expressão de Ilya Prigogine [ganhador do prêmio Nobel de química de 1977], uma evolução criativa (Bey, 2018, p. 34-36).*

A progressão havia sido frustrada, mais uma vez.

O convite, refeito

Uma vazão contingente na matemática do corredor, subjacente ao próprio *hábito*.

*Um momento sério para a água é  
quando ela entre em ebulição  
e embora usualmente se perceba isso  
como mera conveniência,  
ter a água fervente disponível para o banho ou à mesa,  
ocasionalmente há alguém por perto que compreende  
a importância desse momento para a água —  
talvez um santo, talvez um poeta, talvez uma pessoa louca, ou apenas alguém  
temporariamente perturbado  
com sua mente “flutuando”,  
digamos assim, para longe de suas  
preocupações pessoais profundas  
em direção às coisas mais “irreais”.*

*[...]*

*A seriedade,  
com tanta frequência  
tenho pensado sobre a seriedade  
e o quão pouco a tenho compreendido  
exceto que: seriedade é urgência  
e tem a ver com a mudança.*

*Você,  
diz para a água,  
não é necessário ferver agora  
e você desliga o fogo.*

*Ela para de se mexer.*

*E começa a esfriar.*

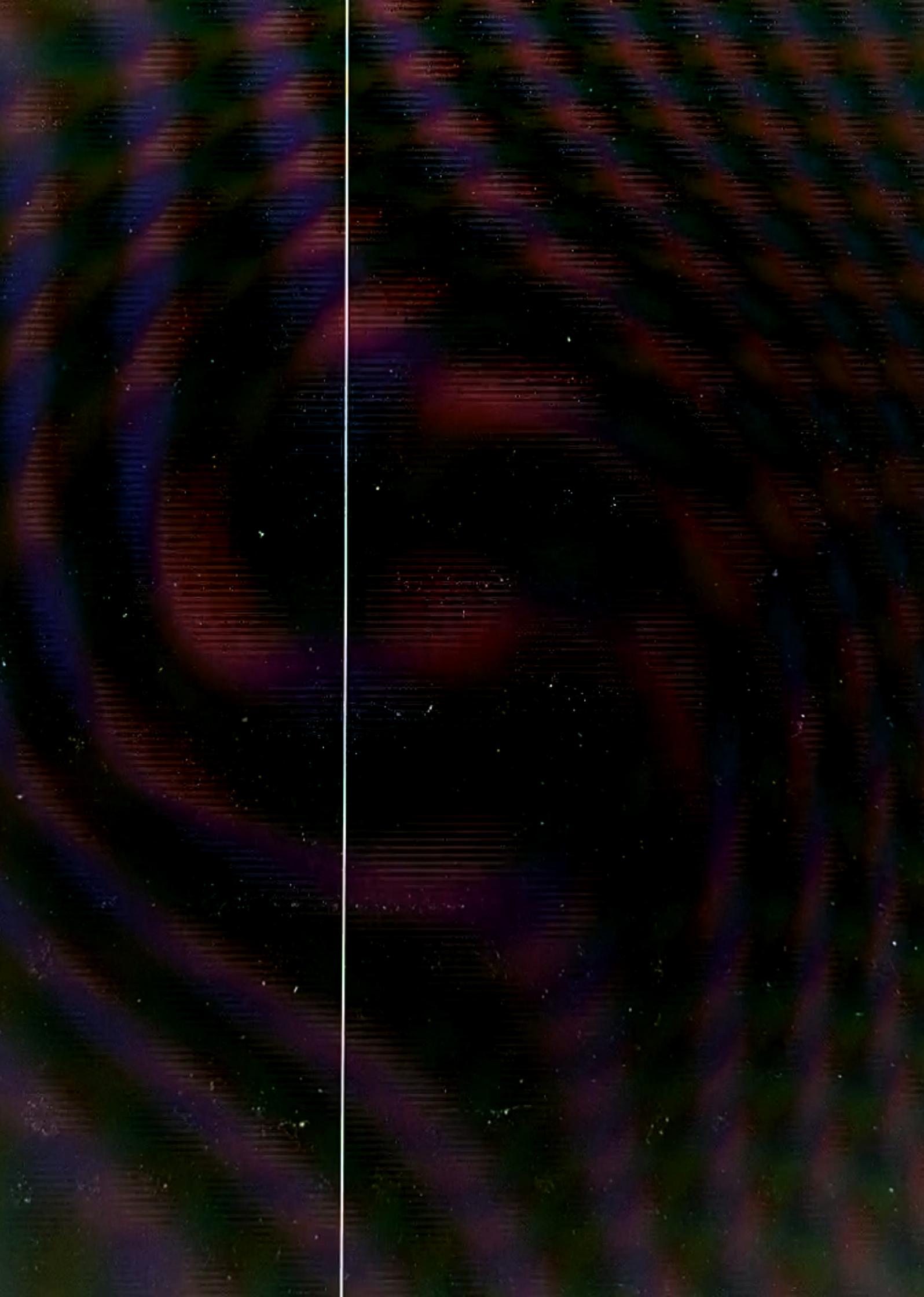
*Você põe a sua mão lá dentro  
e diz, a água deixou de estar séria.  
Ela tem o potencial no entanto —  
aquela urgência de oferecer borbulhas,  
de se transformar em vapor.  
E o vento quando se torna parte de um furacão  
varrendo a praia  
e as dunas de areia não podem afastá-lo.  
Desmaiar é um sinal de seriedade,  
chorar é outro.  
Tremor inteiramente é outro.  
Um momento sério para o telefone  
é quando ele toca.  
E uma pessoa atende,  
é Angélica,  
ou é você?  
Um momento sério para a mosca  
é quando suas asas se movem.  
E um momento sério para o pato  
é quando ele nada,  
quando primeiro toca a água,  
depois deixa um rastro sobre a água...  
Um momento sério para o fósforo  
é quando ele queima...  
É sério para mim que te conheci  
e sério para você que me conheceu  
que não sabemos se iremos nos tornar  
próximos de mais alguém algum dia*

*É sério o reconhecimento  
da probabilidade  
que nós vamos sim, embora o tempo  
se estenda terrivelmente  
entre as duas coisas [...] (Koch, 2005, p. 330-334, tradução nossa)<sup>17</sup>*

*Um momento sério para a lâmpada  
é quando a intensidade luminosa flutua caoticamente.  
Um momento sério para os discos  
é quando seus sulcos são novamente arranhados/perfurados pela agulha.  
Um momento sério para os corredores  
é quando são atravessados.  
Quando não sabemos,  
é um momento sério.*

---

<sup>17</sup> Fragmento do poema de Kenneth Koch, "The Boiling Water". Ver em: KOCH, Kenneth. The Boiling Water. In: **The Collected Poems of Kenneth Koch**. New York: Knopf, 2005. p. 330-334;







*Em meados do sec. XX, cientistas alegaram que as TVs de tubo e o cérebro humano eram sistemas análogos...*

Voz no filme *NCRUMTS*.

Diz a voz fantasmagórica no filme *Nunca Consigo Responder a uma Mensagem de Texto em Sonho* (*NCRUMTS*) (2024)<sup>18</sup>, ora presumidamente saída de uma TV de tubo, ora nada além de poesia *voiceover*, ora prolífera espuma mental, os pensamentos intrusivos de quem quer que ao filme assista... Seja lá como for, o filme *NCRUMTS*, realizado por *100percent\_genuine* (Rodrigus Pinheiro e Lucas dos Santos Silva) parte de tal alegação científica, que mescla o corpo + TV tal qual obra sci-fi, para reconfigurá-la em peça audiovisual crítica e poeticamente, sondando outras possibilidades de costura entre as inteligências do corpo e da máquina, que operem no sentido de dificultar a captura de nossa capacidade vital de imaginar narrativas dissidentes para os nossos passados/presentes/futuros tecnológicos.

*Nunca Consigo Responder a uma Mensagem de Texto em Sonho* desenrola-se na tração de um movimento *zoom in* gradativo e sem fim, apresentando-nos a uma TV de tubo de cuja tela nos aproximamos como se estivéssemos prestes a atravessar um corredor, ou melhor, um tubo — como

---

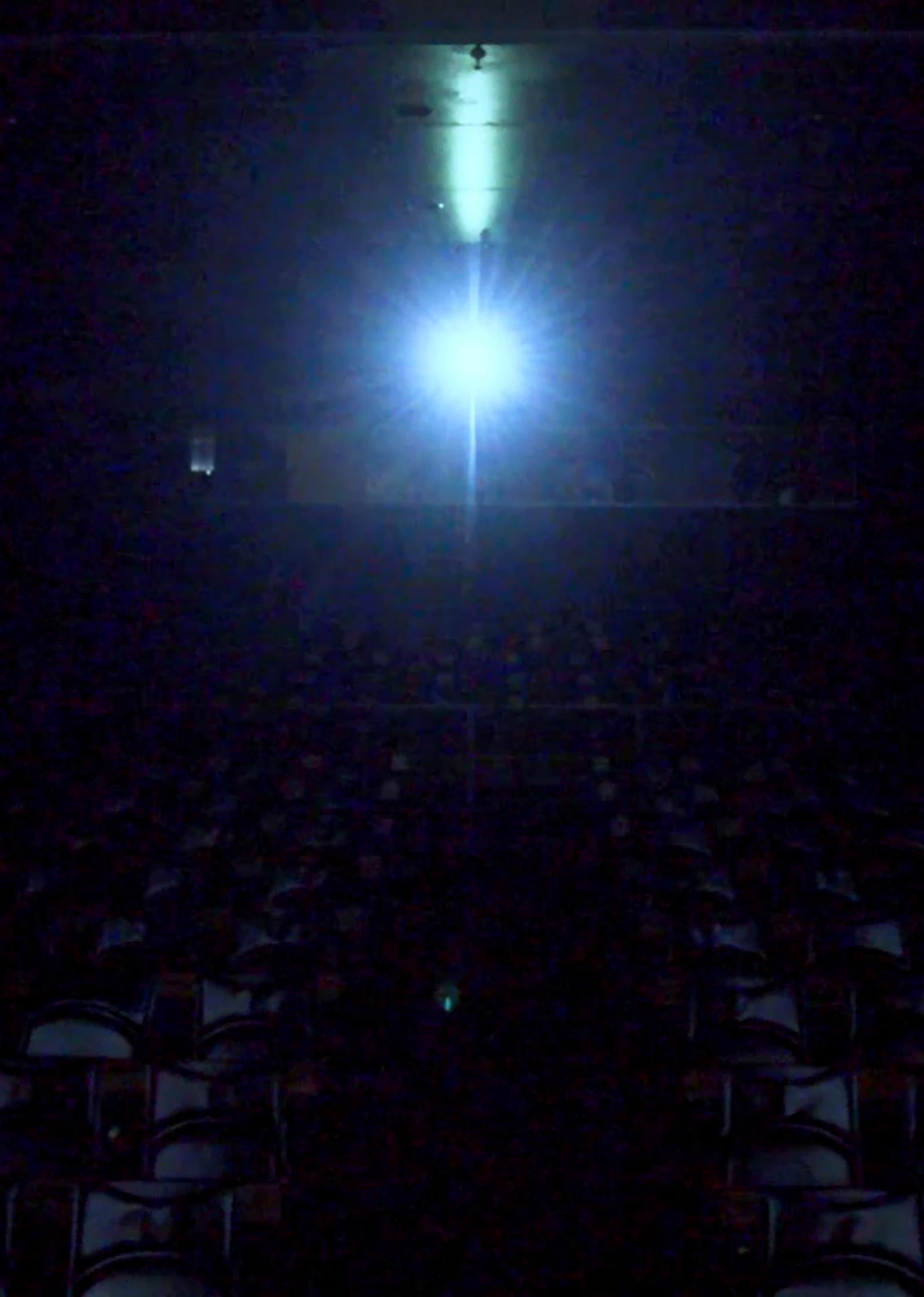
<sup>18</sup> FICHA TÉCNICA DE *NCRUMTS*:

*Nunca Consigo Responder a uma Mensagem de Texto em Sonho* (*NCRUMTS*) (Rio de Janeiro, 2024), filme de *100percent\_genuine* / vídeo .mp4 (23min. 09s.) / **Produção:** Rodrigus Pinheiro e Lucas dos Santos Silva (*100percent\_genuine*) / **Direção:** Rodrigus Pinheiro e Lucas dos Santos Silva (*100percent\_genuine*) / **Roteiro:** Rodrigus Pinheiro e Lucas dos Santos Silva / **Texto e narração:** Rodrigus Pinheiro / **Edição:** Rodrigus Pinheiro / **Direção de arte:** Rodrigus Pinheiro e Lucas dos Santos Silva (*100percent\_genuine*) / **Procedimento médico e imagens médicas:** Clara Assaf e Rodrigus Pinheiro / **Design Gráfico:** Lucas dos Santos Silva / **Efeitos Especiais (núcleo MGK-TV):** Rodrigus Pinheiro e Lucas dos Santos Silva (*100percent\_genuine*) / **Efeitos Especiais (núcleo TSORPM — monstro ao fim do filme):** Bruno Magliari e *100percent\_genuine* / **Trilha sonora original:** Rodrigus Pinheiro e Lucas dos Santos Silva (*100percent\_genuine*) / **Masterização:** Rodrigus Pinheiro e Lucas dos Santos Silva (*100percent\_genuine*) / **Músicas:** “*Coming Around Again*” (Carly Simon, 1987); “*Here With Me*” (Plumb, 1999).

evoca a designação desse tipo de televisor, TV de tubo —, desembocando em cenários que frustram a ideia de uma continuidade progressiva e acelerada, como: um disco arranhado em loop; vias rodoviárias expressas à noite, na qual um veículo, sempre retornando em uma rotatória, nunca avança; scroll desvairado de *touch screens* em redes sociais, no entanto, deparando-se com contas *bot* infiltradas, com *feeds* de fotografias incomuns; uma chaleira de água fervente sem nunca terminar de evaporar... Por vezes, tal travessia também escorrega por um duto altamente vascularizado — o cu —, surgido como uma outra via de entrada e saída de informação na corporalidade humana, que, como Paul B. Preciado (2017, p. 32) aponta, coloca-se como uma tecnologia contra-hegemônica de performatividade do corpo, em contraponto com as normas endossadas pelo diagrama social-político-econômico o qual vivemos.

Ao longo do processo de criação do filme, *100%* recorre a aparatos digitais, analógicos e sua produção deu-se, em partes, em um consultório médico, a partir de filmagens captadas do interior do corpo. A dupla propôs à instância médica em questão a realização de uma “cinematografia do cu”, a qual aconteceu, dentro dos protocolos de segurança requeridos, porém almejando construir um novo procedimento/método de visualização do corpo, mais interessado em expandir suas concepções de montagem e remodelação do que em *datificá-lo*.

*NCRUMTS* foi exibido na sala de cinema da Cinemateca do MAM-Rio em 13 de março de 2024, na ocasião da defesa de Mestrado (Programa de Pós-Graduação em Estudos Contemporâneos das Artes — UFF) de Rodrigus Pinheiro, sob orientação do Prof Dr. Ricardo Basbaum (UFF), juntamente da Profa. Dra. Mayana Redin (UFMG) e do Prof. Dr. Tato Taborda (UFF) compondo a banca avaliadora. A presente dissertação de Mestrado de Rodrigus, “*o inalgoritmável*”, foi ponto de partida para a roteirização do filme de *100%genuine*, que pode ser acessado no seguinte link: [https://www.youtube.com/watch?v=v\\_3qLtz-Px4](https://www.youtube.com/watch?v=v_3qLtz-Px4)



vi. conclusão

*Como é possível que “o mundo virado de ponta-cabeça” sempre consiga se Endireitar?*

*Sublevação, ou sua forma latina insurreição, são palavras usadas por historiadores para rotular revoluções fracassadas — movimentos que não percorrem o ciclo previsto [...], a volta da roda da fortuna, o retorno da história repetidamente [...]*

*Ao deixar de seguir essa curva, a sublevação, o levante sugere a possibilidade de um movimento por fora e para além da espiral hegeliana daquele “progresso” que secretamente não passa de um círculo vicioso [...]*

*Se a História é “Tempo”, como ela diz ser, então a sublevação é um momento que se lança acima e para fora do Tempo, que viola a lei da “História” (Bey, 2018 p. 15-16).*

Os ditos *primeiros* capítulos são sempre os *últimos*.

Os *últimos* a não saberem; os *últimos* a eventualmente se perguntarem de sua utilidade e consistência *primeira*; os *últimos* a indagarem-se de sua prévia e provável destino, de onde vêm e por onde hão de possivelmente repercutir; os *últimos* a perderem de vista as demarcações de sua chegada e saída, a terem sua suposta inteireza posta em dúvida...

Em uma lógica linear e causal de apreensão do tempo, os *primeiros* regozijam-se de sua condição *prima*, de sua responsabilidade introdutória e importância precursora, bem como da sequência de acontecimentos os quais canalizam e embalam para serem secretados aos quatro ventos, rumo ao intentado infinito, à ritmo da espiral *viciada do progresso*. Contudo, ainda que nossas existências sigam asfixiadas por essa lógica, impelidas a redimensionarem-se de acordo com os desígnios de tal métrica demasiado *familiar e homogeneizante* d’O Mundo — a dos ponteiros e engrenagens, passando por ferrovias, rodovias, aeroportos, malhas infra-finas de cabos submarinos, linhas de código binários, sensores de calor, chegando ao *scroll* incessante das *touch-screens*, *datificação* das relações, colapso político-econômico-ambiental —, há muito se articula, urgentemente, para que nossas possíveis histórias e outras aspiráveis *contra-narrativas* de alguma

maneira chacoalhem cada vez mais impetuosamente tal geometrização tão violenta e dura de nossas contingências, de angulações tão rígidas e pouco afeitas às nossas múltiplas falhas de sentido, contradições, mutações diversas e, acima de tudo, avessas àquilo que teima por remanescer *incomputável*.

A delimitação *primeiro* sempre requer um critério, uma convenção, uma *ficção* que determine e inscreva esse ponto “1” em meio às intempéries do espaço e tempo redemoinhes, com alguma frequência, disposta *a meio caminho*. Sua permanência imprescinde, assim, tanto de um possível antes — vamos considerar “0” — quanto de um possível depois — vamos considerar “2”.

*Mas de que antes “0” e de que depois “2”? Antes “0” e depois “2” fazem alguma diferença quando se está prese em loop de automatismos tecnolinguísticos?*

Agora, agora mesmo, se pudéssemos mergulhar incessantemente, tanto em escala macro quanto microscópica, tanto na direção interestelar quanto vastidão intracelular, por certo não conseguiríamos alcançar um extremo, uma unidade de medida ínfima, cume de nossas incursões — e, em verdade, nem é necessário nos desprendermos do chão para nos perdermos nessa viagem sem fim. Estamos sempre *a meio caminho de*.

*A meio caminho de que/do que/de quem? Na iminência de que?*

Nessa partitura rocambolesca, tão iminente quanto a repetição é a *xeno sublevação*, uma força transicional, insurgente, irrompendo à revelia do *loop de ficções ruins* e opressoras com as quais nos encontramos implicades; um defeito, uma *malformação*, uma inconformidade inscrita na própria mecânica da *repetição* e do *hábito*, um erro *incalculável*, sempre prestes a implodi-la.

*O desafio que a cognição automatizada apresenta para a visão pós-humana - de que o pensamento e a tecnologia se tornaram um, devido ao tecnocapitalismo - aponta para o surgimento de um novo modo alienígena de pensamento, capaz de alterar suas condições iniciais e expressar fins que não se alinham com a finalidade do pensamento orgânico. Isso significa também que a transição de algoritmo para algoritmo não permanece simplesmente*

*como mais um exemplo da instrumentalização da razão pelo tecnocapitalismo, mas revela de maneira mais sutil a concretização de uma segunda natureza na forma de uma inteligência automatizada e sem propósito. Se a automação algorítmica não corresponde mais à execução de instruções, mas à constituição de uma ecologia de máquinas infectada pela aleatoriedade, então pode-se sugerir que nem o tecnocapitalismo nem a crítica ao tecnocapitalismo conseguem conter a tendência do processamento automatizado da aleatoriedade em superar verdades axiomáticas (Parisi, 2015, p. 136, tradução nossa)<sup>19</sup>.*

Como afirmou a pensadora Mckenzie Wark em um palestra realizada para a *Bienal de Arte Contemporânea de Riga*<sup>20</sup> (Letônia) em 2020, a respeito de nosso tempo hiper-mediado por tecnologias midiáticas, propício à disseminação eficiente e proliferante de informação/desinformação, precisamos pensar em modos mais instigantes, complexos e *estranhos* de imbricarmos o que chamamos de  *fatos e ficções*. O problema não residiria no ato de *ficcionar* narrativas em si, supostamente contrárias à realidade — afinal vivemos um modelo de *ficção*. De outro modo, faz-se necessário implicarmo-nos *seriamente* com outras possibilidade de *ficcionar* — de *contra-ficcionar* diria —, de recrudescermos em lugar de um mundo *impensável* nossa capacidade de ação, para, *pensando-com*, especularmos como possivelmente interromper a recorrência de *ficcionar ficções ruins*.

### **Como desregular essa máquina em loop de “ficções ruins”?**

---

<sup>19</sup> *The challenge that automated cognition poses to the post-human vision—that thought and technology have become one, because of technocapitalism— points to the emergence of a new alien mode of thought, able to change its initial conditions and to express ends that do not match the finality of organic thought. This also means that the algorithm-to-algorithm phase transition does not simply remain another example of the technocapitalist instrumentalization of reason, but more subtly reveals a realization of a second nature in the form of a purposeless and automated intelligence. If algorithmic automation no longer corresponds to the execution of instructions, but to the constitution of a machine ecology infected with randomness, then one can suggest that neither technocapitalism nor the critique of technocapitalism can contain the tendency of the automated processing of randomness to overcome axiomatic truths.*

<sup>20</sup> Ver em: <https://www.youtube.com/watch?v=YbInv9C1HY0>

Não há resposta pronta, decerto uma única. Não obstante, por meio da fala aqui confabulada, esforcei-me por investigar acerca das possibilidades de mobilização nesse sentido, a partir de uma *poética ficcional inalgoritmável* a qual cultivo como método e *tecnologia* no âmbito da pesquisa.

Tal qual fazem constraintivamente os *primeiros capítulos*, tomo como inadiável a necessidade de valermo-nos do benefício da *dúvida*, da instrumentalização da *incerteza* como *ação*, e, assim, situarmo-nos com a criação de práticas que nos possibilitem *estranhar* cada vez mais agudamente as unidades de medida, as coordenadas assentadas e *autocentradas* d'o *Mundo* que há muito nos são imputadas e informam a fabricação de nossos corpos e limites, de nosso arcabouço imaginativo, de nossas realidades, e partir das quais também se demarca uma distinção hierarquizante grosseira entre *humanidade* e *não humano*, *inteligência* (humana) e o *não racional* — *incomputável*. Se o mundo com o qual lidamos e o qual corroboramos em coletividade é um mundo simbólico, de representações/esquemas mentais e processos/operações baseadas nessas formas simbólicas, essa é apenas uma das muitas formas de inteligência a se tecerem no decurso evolutivo da vida, apenas uma entre tantas outras — com frequência a nós *incalculáveis*.

Em vista da fala que aqui lhes é endereçada, volto a afirmar a necessidade de se *ficcionar* coletivamente unidades desmedidas, insubordinadas, de dar vazão a outras formas e fontes de capitulação, notação, narrativização, espiraladas, recursivas, que não somente incluam mas se reconheçam parte das múltiplas formas de produção de pensamento e de vida, inclusive das formas *incalculáveis*, *incomputáveis* de vida; outras formas de capitulação que não *primeiras* ou *últimas*, mas integrantes de *sublevações descentradas*, práticas descentradas de experimentos de vida.

É nesse âmbito que uma *poética inalgoritmável* inscreve seus esforços de criação, imaginação e chamamento coletivo, tal qual forma inteligente *alien*, entre muitas outras, embrenhando-se em narrativas precárias, devastadas, agitando-se com cede de tecer relações com outras formas de criação insurgentes, escavando outras trajetórias, para biomas paralelos e transversais, biomas menos rarefeitos à vida. A *poética inalgoritmável* é um manejo de recursos e desejos nessa direção.

vii. anexos

vii.i o *excedente*

i.

*2900 gramas, 48 centímetros de comprimento, 35 centímetros de perímetro cefálico.*

Meu corpo recém-nascido informado em prontuário; um duplo, dimensionado num punhado de documentos. Minha primeira memória, produzida nas mesma medida que adquirida; de todo jeito, primeira, guardada em tal irrefutável objeto.

Objeto encarnando um dado instante, nos termos mesmo de um fóssil: decalque instituinte de meu espaço, de meu vir-a-ser no mundo; espectro-molde mais antigo, cujo ímpeto fixativo põe-se a dimensionar e, por conseguinte, cooptar as direções por onde hão de crescer um corpo, suas convulsivas formações e desejos, na tentativa programar-lhes um ajuste, programar-lhe um contorno. Um esboço constritor, por assim dizer, que, não à toa, tratou de prognosticar os admissíveis porvires de mim quando ainda embrionária, sem, no entanto, conseguir sorver-me de todo. Assim digo pois diminuta parte de meu corpo escapou aos pormenores da inspeção médica. Desapercebida, restou indeterminada, reduzida à condição de excedente. Escapulida, configurou-se à revelia do visível, da anatomia modelo. Cresceu à sua própria maneira, no escuro da memória.

Nasci com um *excedente* de corpo.

A saber: apontada do crânio, aproximando-se das camadas mais superficiais de tecido, pequenina e circular protuberância ressaltada no topo da cabeça, estufando-a alguns milímetros.

*Excedente*, já que parte acidentalmente esquecida, excetuada da soma que encerra o corpo, do repertório de nomes que enredam o evento da nascença e esgotam seus relatórios; ou até mesmo, quem sabe, *excedente* por tramóia ardilosa de tal pedacinho, subtraindo-se à vista e à precisão dos exames. Mas antes, efetivamente *excedente* sobretudo por, uma vez surgida, configurar porção desvencilhada de um fundo ideal e fixado de corpo, de saída, descompensado, descabido de uma normatividade morfogênica. Não coincidentemente, no vocabulário médico, uma *malformação*, por menos nociva que se revele, por mais sintomática das formas de vida que seja.

Em todo caso, nada de muito assertivo pareceria ao alcance de remanescer dito quando se tratando da formação em questão; tampouco de se comunicar sem dificuldades. A julgar por seu comportamento elusivo, repelente à descrições factíveis de toda sorte, seria de supor o *excedente* esgueirar-se de qualquer abordagem de interesse determinativo, sanativo, opere ela nos moldes de prática tal qual a diagnose ou, ainda, seja ela substrato da própria linguagem. Conforme o estigma lhe designa, o *excedente*, na condição mesma daquilo que extrapolou um todo instituído, decomposto de um conjunto fechado — do corpo humano e sua linguagem —, existe senão enquanto produto distintivo de/em tal domínio, ao mesmo passo que irresoluto, desforme, repleto de possibilidades e abandonado à sua própria sorte classificativa — ainda que não seja de seu feitio sucumbir a nenhuma.

É bem verdade que a anamnese pressupõe uma dificuldade descritiva do corpo — do que se experimenta incessantemente enquanto corpo que se é — e que a tem por ponto de partida do intento investigativo. Entretanto, sujeitasse o *excedente* à análise de consultório, possível que, ante inabilidade de se enxergar o caso, confundissem-no com quadros clínicos deveras simples ou de pouca relevância. Sequer conseguiríamos conversar a respeito de uma mesma coisa. Por certo, a abordagem diagnóstica, longe de parecer bastar, nem comprovadamente estaria na pista do caso. Como já me foi esclarecido nunca consulta por sonho — do qual infelizmente acordei antes de se dar por concluída —, *os diagnósticos são essencialmente superficiais*. Mergulham no corpo sem nunca perder de vista a superfície, ávidos por regressar, quando o ocorrido sobre o qual tento relatar aqui só existe, ao que tudo indica, desgarrado da superfície, caminhando e aprofundando-se por corredores de penumbra.

Insignificante em tamanho, ignorável ante o repulsivo, o *excedente*, supostamente inofensivo, nem nunca dor de cabeça causou. Na maior parte do tempo, ao que tudo indica, ocupou-se de suprimir-se, ainda que inexata proporção de si se deixe vulnerável na superfície. Até hoje, mostrou-se a pouques. Encoberto pelos fios de cabelo, há quem os tenha cortado sem nunca passar pela clareira a qual habita. Repousado num ponto cego até mesmo para espelhos, nunca se colocou voluntariamente ao alcance de meus olhos. Descobri-o pela boca de outrem, talvez ao mesmo tempo

em que os dedos decoravam o trajeto até seu esconderijo. Também inverificável em outros corpos, passaram-se alguns anos até poder vê-lo mais detidamente, por imagens capturas de aparatos externos — quase sempre, operados por terceiros —, mas nunca diretamente.

Com efeito, nunca estive de todo familiarizado com tal coordenada de meu corpo; mas não menos familiarizado do que com as camadas mais submersas, as quais também não vejo; algumas, comunicando-se involuntariamente, nem sinto. Também não diria conhecê-las de todo, ainda que não possa sequer imaginar como seria existir na falta delas; como seria não as ser. Há algo em constante ebulição escapulido de meu mais recôndito que lhes diz respeito, que impede o corpo de dismantelar-se, que o segura corpo — como a espécie humana o conhece e para além — para o próxima instante e para o próximo...

Já a excrescência, tão engendramento de minha anatomia quanto todo o resto, a nada se presta sabida ou perceptivelmente. Seus arredores, inclusive, desde que consigo me lembrar, sempre dormentes. Nem à biomedicina inspiraria tanto interesse. Talvez nunca notassem comportamento de alguma significância aqui; quem sabe a tempo de ainda estar vive. Não é de se estranhar, portanto, que, com excessão do preceito *excedente* que lhe foi apressadamente imputado, tal pináculo no corpo a nada de resolutivo se presta enquanto parte intrincada dele, a não ser ocultar-se e, à medida que o faz, roubar-nos em tempo e espaço.

Uma vez avistado, é de se perceber ter reajustado a distribuição de cabelo da cabeça, assegurando-lhe um esconderijo, um engenho camuflante, talvez aumentando a concentração de fios por células, talvez tornando os redemoinhos do couro cabeludo mais revoltos do que jamais teriam sido caso a cabeça não viesse a abrigar formação como tal; com suas raízes esgueirando-se pelos compartimentos mais centrais da caixa craniana, sabe-se lá em que estado espremido não se encontraria junto ao cérebro, o quão insistentemente não teria disputado por espaço e que concessões não teriam decorrido desse processo, quantas alterações não teria irrompido em cadeia no ritmo generativo do corpo.

Minha mãe não se lembra de quando nasci.

Não se trata aqui de irremediável esquecimento, mas de absoluta supressão. Não me viu sair de si.

Foi um parto de algumas complicações. Ao que parece, o corpo sentia mesmo anestesiado; a dor regressou a tempo do corte.

*Está sentindo seus dedos??*

A equipe apagou-a de imediato.

...

Recobrada a consciência, asseguraram-lhe de que a situação era estável e de que a criança nascera saudável. Mas só estive com o corpo recém-nascido 24 horas depois, depois de liberado da incubadora. Até lá, assombrou-a inquietante pesadelo. Por mais que insistissem no contrário, que o imprevisto nada acarretara, sentia que a inserção de estranha lacuna na sequência de acontecimentos criara condição para o surgimento de algo o qual preferiam manter nebuloso.

Quando o corpo regressou ao quarto, ignorou em absoluto as recomendações da enfermeira. Precisa vê-lo despido, como sempre é à primeira vista. Precisava ver com os próprios olhos. Desembrulhou-o.

Foi caso de vazamento de sonho.

Ali estava, no topo da cabeça, antes encoberta pela manta, uma protuberante casca, a coisa excedente.

*Ninguém nunca soube explicar ao certo do que se tratava. O cirurgião aparentou surpresa. O médico apareceu surpresa.*

Descartou a possibilidade de trauma intrauterino ou de qualquer lesão decorrente do parto, alegando

ii.

“— O corpo são insondáveis caminhos. À medida que mergulhamos mais fundo, nos deparamos com uma gama cada vez maior de possibilidades para a origem do que procuramos. Entramos num mundo infinito. No seu caso, para um apontamento mais preciso — dito de outro jeito, para encurtar a história —, o mais indicado seria extrair a formação do corpo e enviá-la para análise. Talvez pareça drástico, mas é o que uma pessoa da histologia provavelmente lhe sugeriria caso insistisse com o seu interesse investigativo. Tentariam removê-la por inteiro, sem romper o invólucro. Restassem resquícios ou rasgassem a membrana, por mais insignificante que fosse o contato, haveria chances da formação voltar a crescer no local.

“— É como se ela mesma guardasse uma memória então?”

“— Sim.”

“— E o que poderia ter dentro do invólucro?”

“— Depende. Parece que a formação é subcutânea, mas não é mole, nem dura, tão fixa quanto o osso, sente? Dado aspecto mais gelatinoso, poder ser que colágeno. Mas, em geral, diria que pode ser secreção, material amorfo...”

“— Isso me faz pensar nos rastros imprecisos deixados pelas corporificações invertebradas surgidas no decurso evolutivo da vida. Escorregadiças e de tempo de decomposição mais breve, escapam mais facilmente às condições do processo de fossilização. Por conta disso, suas interações no cenário primevo o qual habitaram remanescem, em boa parte, ocultas. Um método possível para se estudá-las consiste na coleta de material genético das espécies modernas. Na ausência de evidências fósseis, a análise das formas antepassadas não se dá a partir de um decalque, de estratificação de um último instante, *in loco*; precisa ser investigada no material celular de espécies junto das quais vivemos... Não gostaria de extrair a formação do corpo. Me interessa o excedente enquanto parte estruturante do que sou, em seu lugar de origem. Do contrário, seria mais como pescar algo morto.

*O que nos contam tais relatos são contos que mais revelam a rede de pesca que o fenômeno pescado. São contos antifabulosos (Flusser, 2011, p. 131).*

*“— De todo modo, ainda podemos experimentar fazer alguns exames de imagem e ver o que captam.”<sup>21</sup>*

---

<sup>21</sup> De agosto a novembro de 2019, encontrei-me com médica amiga e prima, Clara Assaf, junto a qual conduzi o processo de investigação do *excedente*. O diálogo refere-se ao primeiro dos encontros. Após exame físico — e algumas deduções — optou-se por fazer um pedido de tomografia computadorizada do crânio (TCC). Posteriormente, considerando-se os apontamentos do primeiro exame, realizou-se uma ressonância magnética do crânio (RMC).

## TCC

“Formação nodular com densidade maior do que a de partes moles (80 UH), medindo 10 x 7 mm, situada no plano cutâneo/subcutâneo do couro cabeludo da região paramediana direita parietal alta, condicionando abaulamento do contorno focal, inespecífica.”<sup>22</sup>

---

<sup>22</sup> Laudo de tomografia computadorizada do crânio (TCC) realizada em 02.09.2019. O espectro de tonalidades preto-cinza-branco que conforma a imagem tomográfica diz respeito à quantidade de radiação ionizante absorvida pelos tecidos expostos ao procedimento. Em geral, quanto mais densos, mais intensa a absorção; quanto mais intensa, mais próxima do branco a estrutura analisada há de apresentar-se na imagem final. No entanto, uma tomografia é capaz de abarcar um espectro bastante vasto de nuances, ficando a detecção das variações mínimas a cargo de um coeficiente numérico, cujo valor é calculado pelo computador que processa o exame. As tonalidades e convenção numérica fundam-se numa unidade de medida, UH — *Unidade de Hounsfield*. A escala de *Hounsfield* associa um valor a cada tom e serve de parâmetro para a leitura das imagens. Cada exame há de determinar um valor máximo de hipodensidade — mais próximo do preto — e hiperdensidade — mais próximo do branco — detectável. -1000 UH, por exemplo, corresponde ao ar; 0 UH, à água; ossos, a partir de +300 UH. A *formação* em questão aparece sob aspecto um tanto esbranquiçado, quase confundindo-se com a da calota craniana na qual parece encostar — sutil abaulamento surgindo na parte inferior dos cortes tomográficos demarcados em vermelho na p. 122. Tal leitura de densidade, no entanto, não é o que aparenta ser, uma vez que seu valor corresponde a +80 UH: menos mole e mais densa que a água; mais mole e menos densa que um osso. Formação *inespecífica*.

Protocolo: 241370527  
Nome: RODRIGO LEAL ANDRADE PINHEIRO  
DN: 17/02/1994  
Solicitante: DR. DR. CLAUDIO PINHEIRO ANDRADE CORREIA

Data: 2/9/2019

Unidade: HOSPITAL DE CLINICA DE MEDICINA



00000EDC9O00701V

## TOMOGRAFIA COMPUTADORIZADA DO CRÂNIO

**Indicação clínica:** nódulo em couro cabeludo.

**Técnica:** estudo em tomógrafo *multislice*, sem contraste venoso.

**Análise médica:**

Parênquima cerebral com valores de atenuação dentro dos limites da normalidade.

Sistema ventricular com morfologia e dimensões normais.

Tronco encefálico e cerebelo isodensos.

Sulcos das convexidades, cissuras e cisternas da base preservados.

Ausência de calcificações patológicas e de coleções extra-axiais.

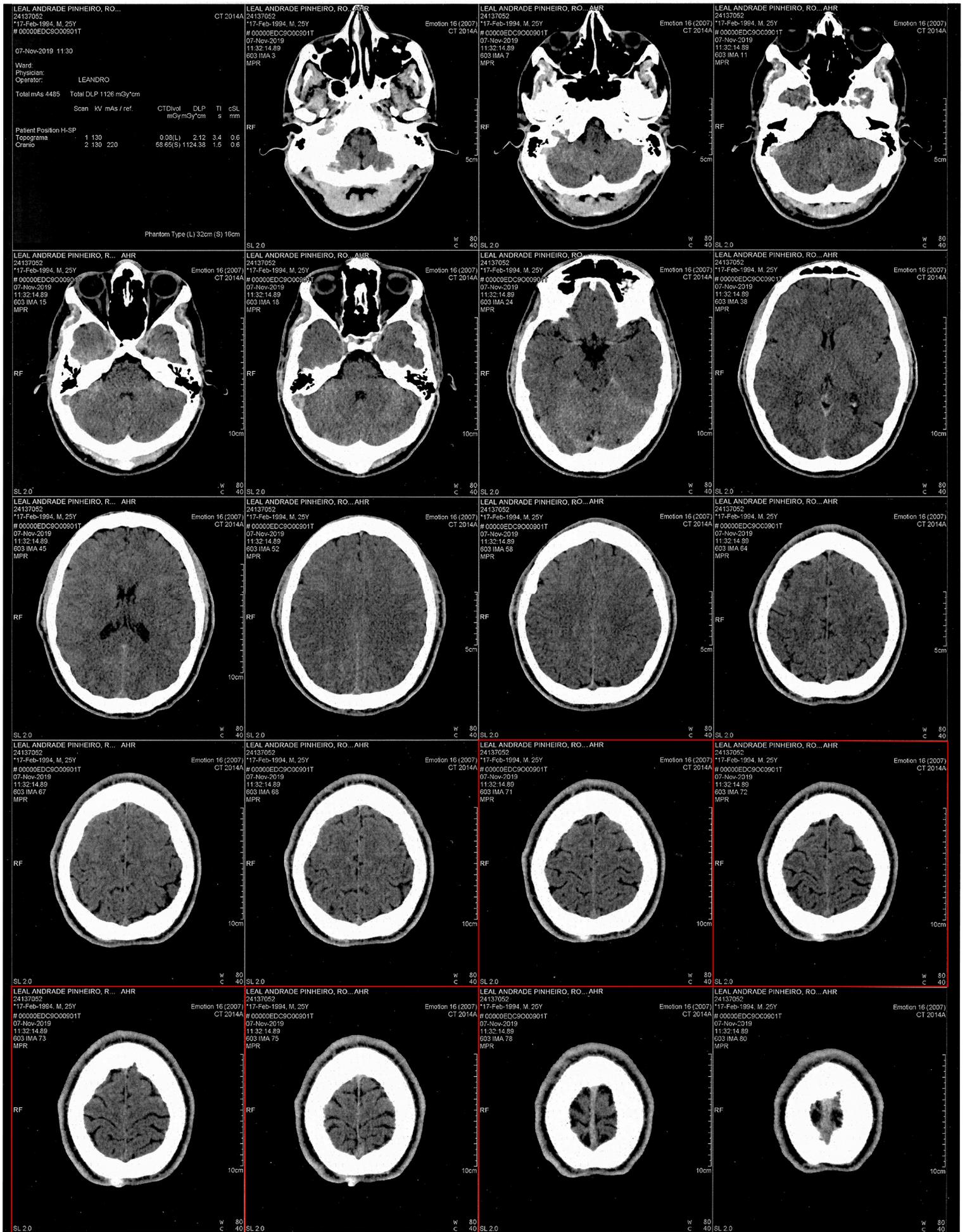
Formação nodular, com densidade maior que a de partes moles (80 UH), medindo 10 x 7 mm, situada no plano cutâneo / subcutâneo do couro cabeludo da região paramediana direita parietal alta, condicionando abaulamento do contorno focal, inespecífica.

Estrutura óssea com densidade e configuração normais.

DR. CLAUDIO PINHEIRO ANDRADE CORREIA  
CRM 100000

---

Este laudo foi assinado eletronicamente



## RMC

“(Calcificação? Sangramento antigo?) localizada em situação subcutânea na porção alta da região parietal, minimamente lateralizada à direita, medindo no exame de ressonância magnética cerca de 1,0 x 1,3 cm (L x T), de aspecto pouco específico.”<sup>23</sup>

---

<sup>23</sup> Laudo de ressonância magnética do crânio (RMC), realizada em 07.10.2019. Diferentemente de como ocorre em uma tomografia computadorizada, o maquinário empregado em uma ressonância magnética atua de modo a ativar um campo magnético e emitir pulsões de radiofrequência, em respostas as quais as moléculas de hidrogênio no organismo não de reagir, possibilitando assim a tradução do processo em imagens. Existem diferentes tipos/seqüências de RM. De modo breve, em uma seqüência T1 de RMC, por exemplo, as estruturas expostas ao procedimento nas quais se verifica presença abundante de líquido — fluido constituído sobretudo de água — apresentam-se mais escuras, *hipointensas*. Quando mais esbranquiçadas, classificam-se *hiperintensas*. No caso de uma seqüência T2 *flair* de RMC, a captação dos sinais do líquido é suprimida ao longo do procedimento, e essas regiões são visualizadas igualmente escuras. A depender do caso, em ambas as seqüências, as áreas escuras também podem dizer respeito a sangramentos não recentes e calcificações. Nos exames d’o *excedente*, nas p. 125-126 a *formação* corresponde à pequena interrupção do contorno da cabeça, visível na parte inferior dos cortes topográficos indicados em vermelho. Na primeira das seqüências, T1, a *formação* revelou-se preta, *insintensa* — intensidade de sinal desconhecida; na segunda, T2 *flair*, igualmente escura, *hipointensa*. Contudo, considerando a densidade +80 UH obtida no exame TCC, a *formação* é diferente de líquido. Como apontado no laudo, *calcificação* (?), *sangramento antigo* (?). Até que se possa afirmar o contrário, formação *pouco específica*.

Protocolo: 241370528  
Nome: RODRIGO LEAL ANDRADE PINHEIRO  
DN: 17/02/1994  
Solicitante: Dr.(a) CLÁUDIO PINHEIRO VIEIRA JUNIOR

Data: 7/10/2019

Unidade: HOSPITAL DE CLÍNICA



0000EDC9O00802K

## RESSONÂNCIA MAGNÉTICA DE CRÂNIO

**Indicação clínica:** Investigação de nódulo em couro cabeludo.

**Técnica:** Realizadas seqüências multiplanares ponderadas em T1 e T2, além de seqüências FLAIR, T2\* e difusão.

Não foi administrado o contraste venoso por solicitação do paciente.

### Análise:

Parênquima cerebral com características anatômicas.

Sulcos corticais e fissuras encefálicas de aspecto preservado.

Sistema ventricular com forma, contornos e dimensões normais.

Tronco encefálico e cerebelo com morfologia e sinal normais.

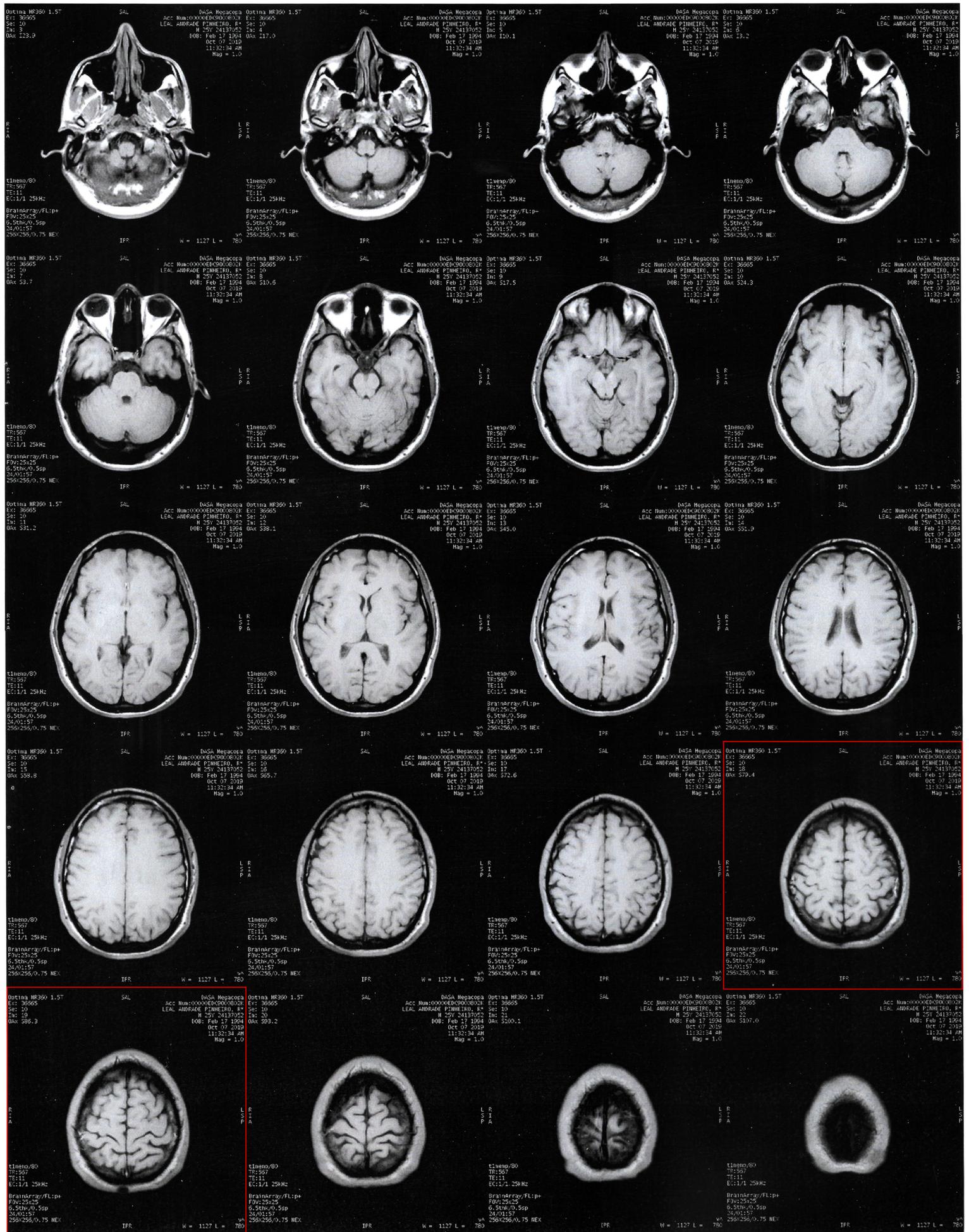
Não há evidência de infarto recente nas imagens pesadas em difusão.

Imagem ovalada com sinal isoíntenso em T1 e hipointenso nas seqüências FLAIR, T2 e para susceptibilidade magnética. (Calcificação? Sangramento antigo?), localizada em situação subcutânea na porção alta da região parietal, minimamente lateralizada à direita, medindo no exame de ressonância magnética cerca de 1,0 x 1,3 cm (L x T), de aspecto pouco específico, devendo-se correlacionar com dados da tomografia computadorizada.

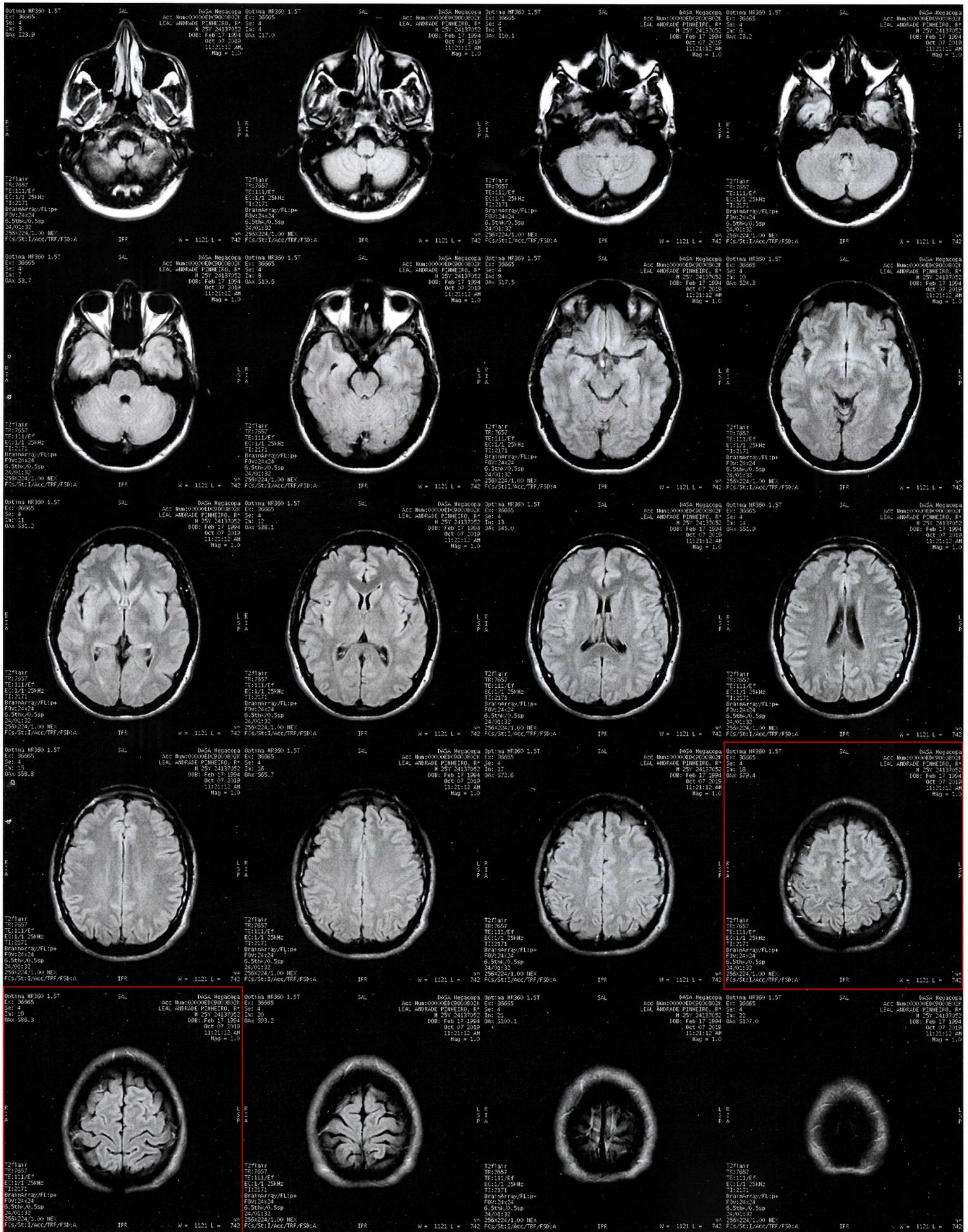
DR. FERNANDA CRISTINA RIBEIRO LOPES  
CRM 22717/SP

---

Este laudo foi assinado eletronicamente



IMAGENS DOCUMENTAIS



iii.

“— Seria difícil dizer se se trata de uma formação congênita, surgida espontaneamente, ou em decorrência de um trauma intrauterino; ou ainda, se resultante de um evento externo, lesão ocasionada no parto... Se um trauma no instante do parto, poderia ter acontecido de a incisão, ao perfurar o corpo e revirar o tecido da derme em direção as camada mais profundas da pele, ter levado essas células mais superficiais, com folículos pilosos, a acomodarem-se e desenvolverem-se fora de lugar, talvez tentando crescer cabelo na camada subcutânea. Se puncionássemos o corpúsculo, talvez encontrássemos quantidade inacreditável de cabelo emaranhado, ou nada, sabe-se lá o que...”

“— Redemoinho capilar em plena rotatividade; o outro lado de um buraco negro; uma passagem... Nessa hipótese, das células afundadas no corpo — reincorporadas ao corpo — por conta de uma incisão, é interessante pensar como ainda é uma possibilidade elas continuarem a atuar nas profundezas tal qual teriam feito na superfície; como se aquela diminuta porção do corpo, apesar de retorcida, não se desvencilhasse de seu fluxo conformativo; e é justamente por dar sequência à conformação programada que avessa a sua lógica gênica — o corpo reinventa dinâmicas desconhecidas. Em todo caso, originasse-se a formação de um corte ou não, no decorrer do parto ou não, também parece uma possibilidade que a pontada que tocou/feriu a cabeça tenha incitado movimento recíproco da parte de “dentro”, de mesma força e angulação, estufando a superfície em resposta, um esguicho, assim como em caso de entrelaçamento quântico: o que se altera de uma lado se altera do outro. Tal revolvimento de camadas no corpo, o mar revolto que são suas etapas generativas, teria deixado escapar de suas entranhas a sua formação estranha...”

“— Que poderia ter se conformado sob outro aspecto, assumindo outra forma ou nenhuma aparente, mas que, por razões que talvez remanesçam desconhecidas, se configurou assim.”<sup>24</sup>

---

<sup>24</sup> Diálogo com Clara Assaf, em 20.10.2019.

Optima MR360 1.5T  
Ex: 36665  
Se: 8  
Im: 3  
OCor P87.4

SPL

DASA Megacopa  
Acc Num:00000EDC9000802K  
LEAL ANDRADE PINHEIRO, R\*  
M 25Y 24137052  
DOB: Feb 17 1994  
Oct 07 2019  
11:29:33 AM  
Mag = 1.0

ET:26

R  
A  
S

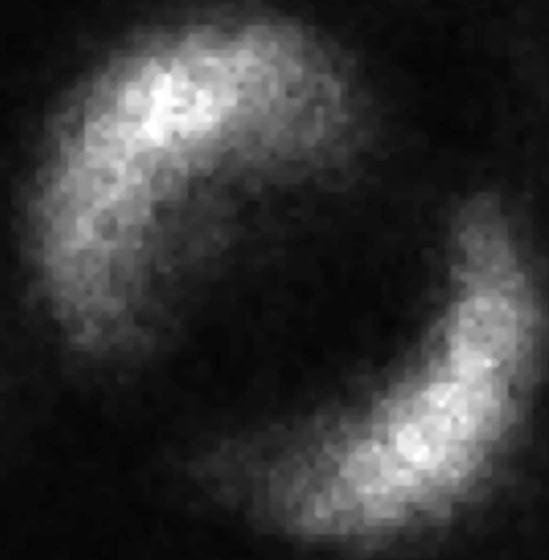
L  
P  
I

FSE-XL/160  
TR:8010  
TE:122/Ef  
EC:1/1 41.7kHz

BrainArray/FL:p+  
FOV: 24x18  
5.0thk/0.5sp  
33/01:12  
384x224/1.00 NEX  
FCf/E0/TRF/Z512/FSD:I

IAR

W = 1224 L = 713



Primeira fotografia do entrelaçamento quântico (2019)



Primeira fotografia de um buraco negro (2019)

vii.ii *compêndio bot*

O *duo 100percent\_genuine* (Rodrigo Pinheiro e Lucas dos Santos Silva) inicia-se em 2021, como um projeto de catalogação de perfis *bots* de *Instagram* e as imagens as quais replicam — arquivadas, tanto os perfis quanto as imagens, na conta [@100percent\\_genuine](#) —, posteriormente adensando-se como uma *ficção-especulativa* transmídia, galgando outros possíveis lugares/meios/poéticas. A dupla de artistas 100% (coletivo de criação/fazedoras de filmes de quarto/membras de uma *ficção corporativa/broadcasters* pirata/produtora de cinema sem apoio etc.) cria, como de costume em suas práticas, uma zona laboratorial de *fabulação/ficção* de longa e ininterrupta duração, instigadas pelo contato perspectivado e *alien com* a inteligência artificial, às voltas de investigar de que modos as afetações psico-cognitivas que vivenciamos *online* e *offline* remodelam nossos corpos — individuais e coletivos — nossos repertórios imaginativos e realidades.

Os perfis *bots* tratam-se de contas de *Instagram* criadas por programação humana, mas geridas por inteligência artificial, articulando-se *infiltradas* na plataforma, uma vez que a deliberada habilitação de perfis *bots* não verificados contraria as diretrizes da rede. São espécies de perfis fantasmas, intrusos, que existem, supostamente, para somar número de pessoas seguidoras em outras contas, e, conseqüentemente, seu poder de articulação e alcance dentro da plataforma. A fim de permanecerem ativos no *Instagram*, isto é, evitar quaisquer retaliações de ferramentas de inspeção automatizada da plataforma, os perfis estabelecem um modo eficaz de *camuflagem*: publicam imagens tal qual as pessoas usuárias, mas geralmente poucas e repetidas fotografias; performatividade esta que, provisoriamente despistando o *Instagram*, a nós desponta como um possível método *estranho, camuflante inalgoritmável*.

A seguir, são apresentadas imagens de alguns dos perfis *bots* arquivados e fabulados na conta de *Instagram* de *100percent\_genuine*.

Para mais, acessar a conta de *Instagram* do duo e assistir ao trabalho em vídeo “*BOT images sample-----+ very fluffy sound*”, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VXsSAdj8bSk>



jspwlh208



2  
publicações

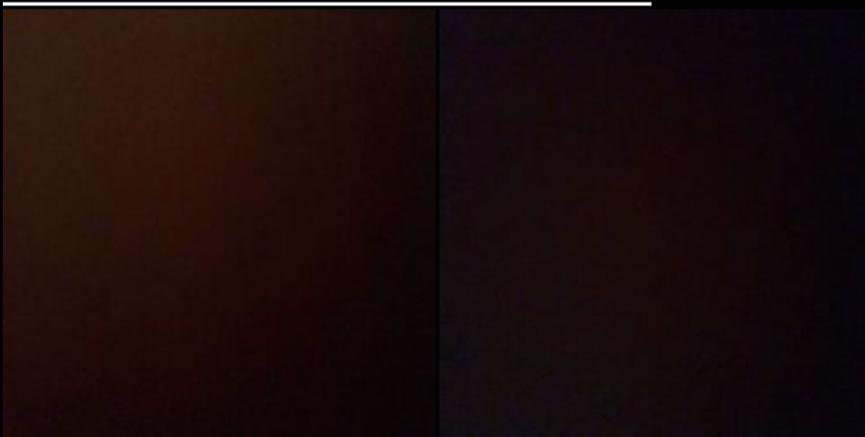
23  
seguidores

298  
seguindo

jspwlh20

Seguir

Mensagem





jspwlh20



2  
publicações

15  
seguidores

574  
seguindo

Seguindo ▾

Mensagem





samir.jjjjj



2  
publicações

57  
seguidores

2.183  
seguindo

Seguindo ▾

Mensagem





znta395



3

publicações

15

seguidores

771

seguindo

Seguindo ▾

Mensagem





usm.an9718



2

publicações

28

seguidores

172

seguindo

Seguindo ▾

Mensagem





keshav\_rav\_123



2

publicações

22

seguidores

338

seguindo

Seguindo ▾

Mensagem





kallan2929



2  
publicações

16  
seguidores

6.498  
seguindo

sjdhied  
sjsndbd

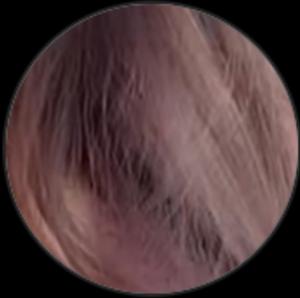
Seguindo ▾

Mensagem





hcfjje



2

publicações

8

seguidores

197

seguindo

Seguindo ▾

Mensagem





neha982122



2

publicações

27

seguidores

13

seguido

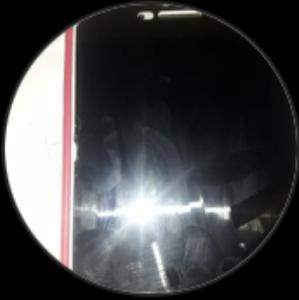
Seguido ▾

Mensagem





onikotaylor



3  
publicações

13  
seguidores

89  
seguindo

Oniko

Seguindo ▾

Mensagem





look.293



2

publicações

31

seguidores

568

seguindo

Seguindo ▾

Mensagem





yotesigo110



3  
publicações

15  
seguidores

375  
seguindo

Seguindo ▾

Mensagem





souravsaini672



5

publicações

5

seguidores

669

seguindo

sourav saini

Bshjs

Seguindo ▾

Mensagem





zebyoui



3  
publicações

10  
seguidores

197  
seguindo



Seguido(a) por amine\_kiyale

Seguindo ▾

Mensagem





kkkk.kkkkk4333



3

publicações

22

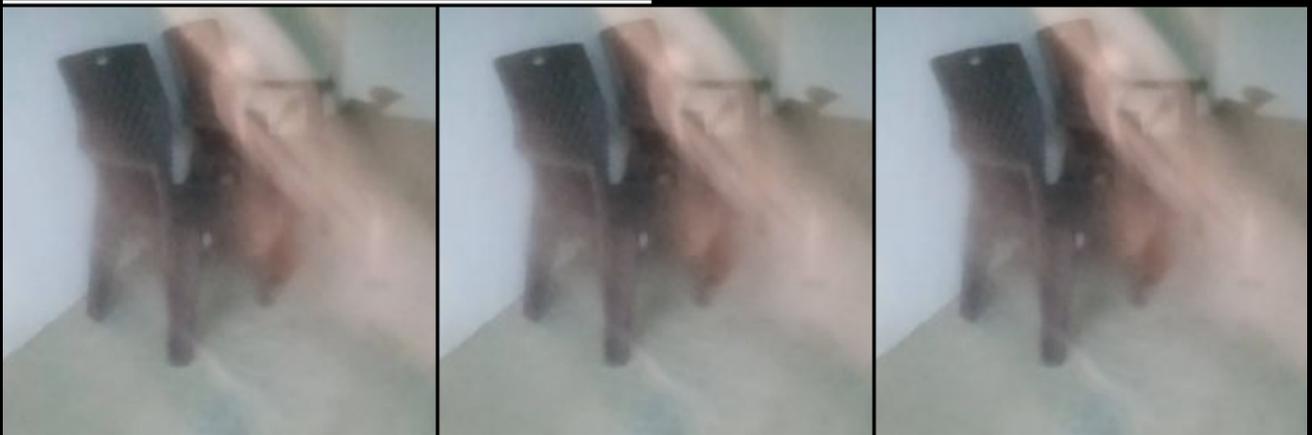
seguidores

5.737

seguido

Seguido ▾

Mensagem





fame.bocktbot



2

publicações

15

seguidores

2.275

seguindo



ps4.com

Seguindo ▾





karanbhatt1773



2  
publicações

9  
seguidores

172  
seguindo

karanbhatt1

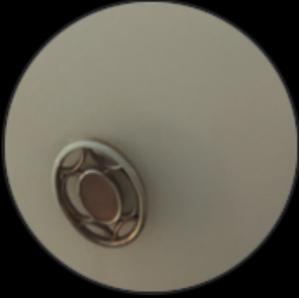
Seguindo ▾

Mensagem





pokemon12825



2  
publicações

17  
seguidores

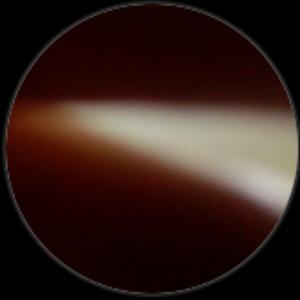
201  
seguindo

Seguindo ▾





sevilmedikkk2021



2  
publicações

7  
seguidores

1.515  
seguindo

Vnjb

Seguindo ▾

Mensagem





djs8363



3

publicações

6

seguidores

425

seguindo

Seguindo ▾

Mensagem





tcart2022



4  
publicações

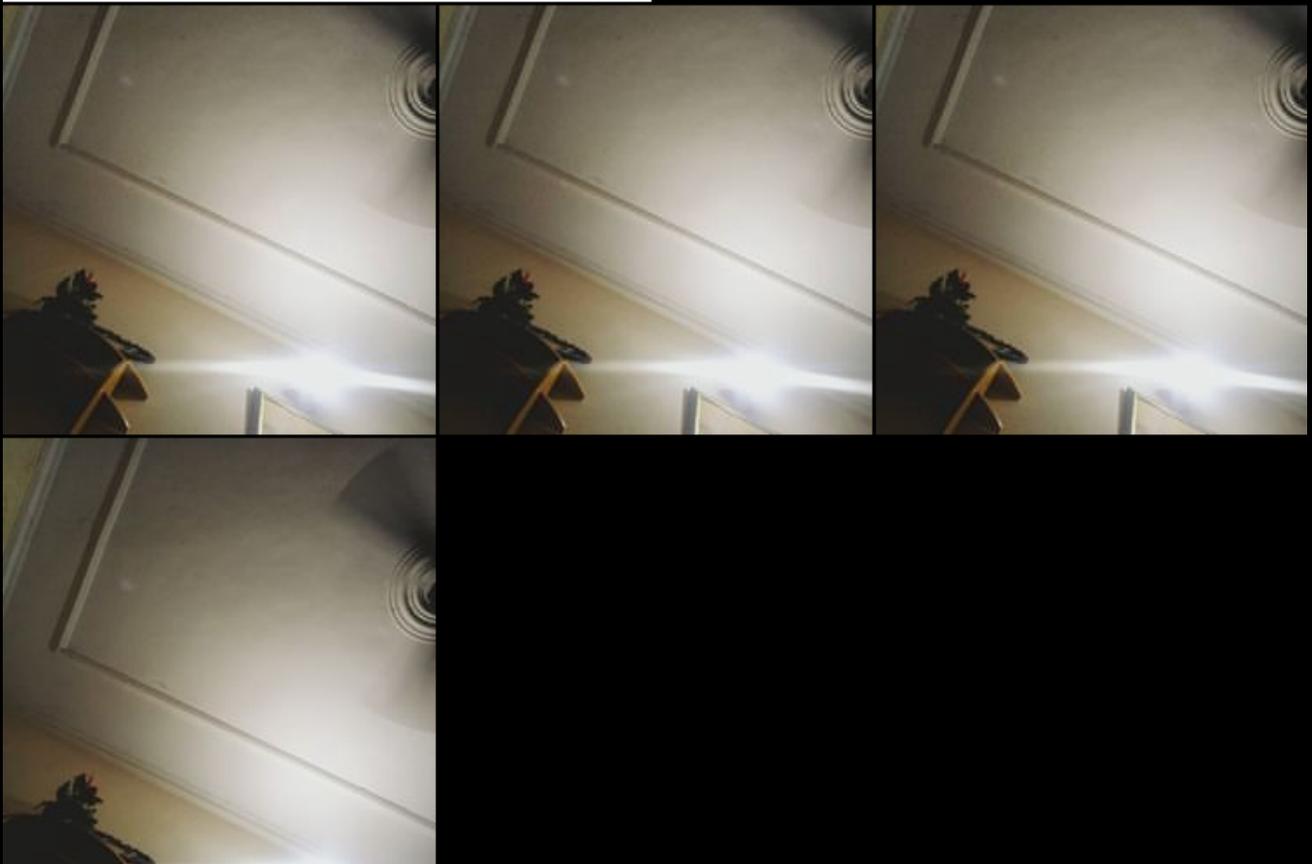
28  
seguidores

5.265  
seguinto

raju

Seguinto ▾

Mensagem





kingkong32167



4  
publicações

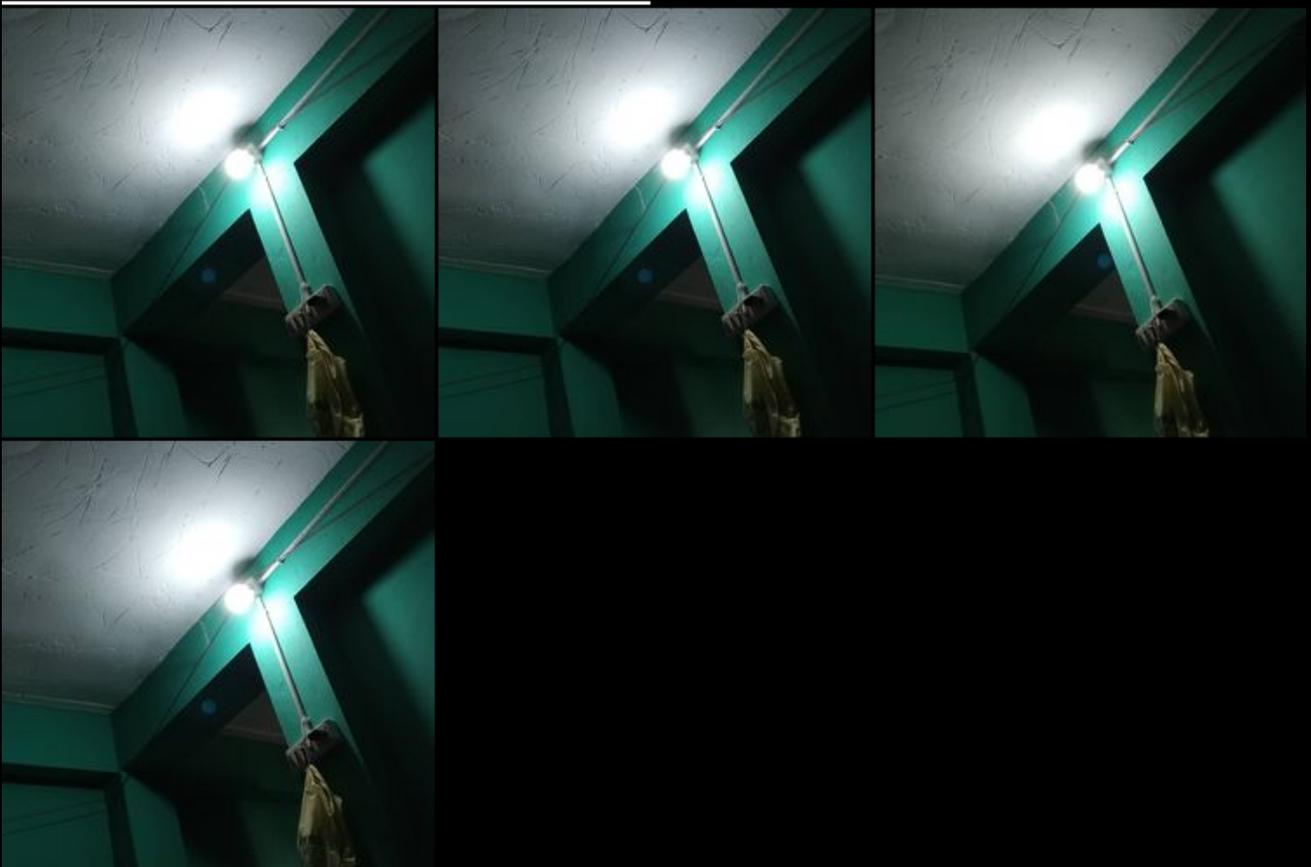
13  
seguidores

1.783  
seguindo

king kong

Seguindo ▾

Mensagem





pag.al6052



3  
publicações

12  
seguidores

620  
seguindo

Sony Khan

Seguindo ▾

Mensagem





botsigff5



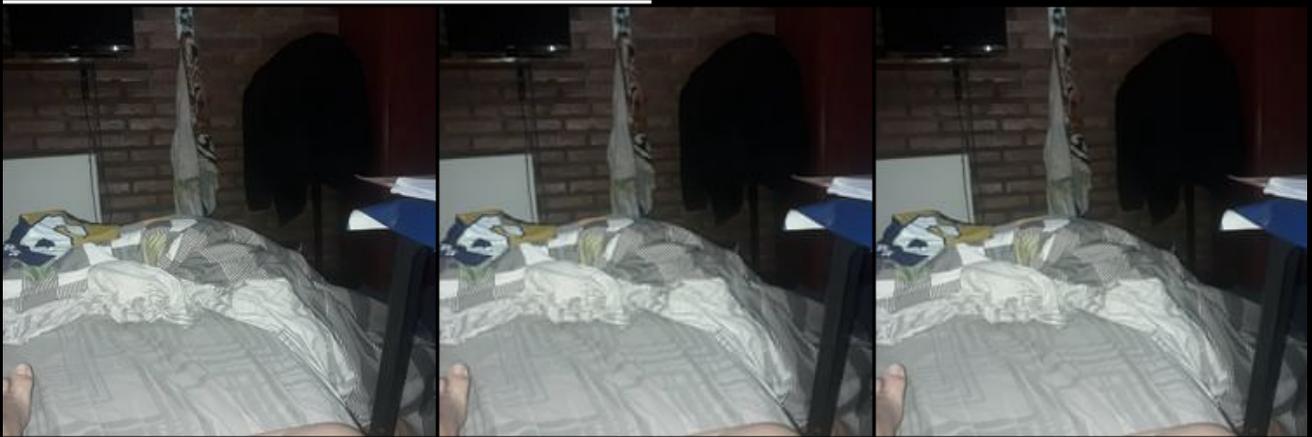
3  
publicações

12  
seguidores

1.124  
seguindo

Seguindo ▾

Mensagem





brjan2086



2

publicações

20

seguidores

176

seguindo

Seguindo ▾

Mensagem





hamapkejaisehai



2  
publicações

17  
seguidores

3.601  
seguindo

Seguindo ▾

Mensagem





ra.van1085



2  
publicações

19  
seguidores

218  
seguindo

ravan

Seguindo ▾

Mensagem





jdmszmzmzg



3

publicações

13

seguidores

319

seguindo

Jdmszmzmzg

Seguindo ▾





hatbe092



3  
publicações

7  
seguidores

182  
seguindo

hatbe092

Seguindo ▾

Mensagem





hamza\_kali1



2  
publicações

8  
seguidores

102  
seguindo

hamza\_kali

Seguindo ▾

Mensagem





durbudedurbude



3  
publicações

12  
seguidores

48  
seguindo

DurbudeDurbude

Seguindo ▾

Mensagem





y4y857



2  
publicações

18  
seguidores

351  
seguindo

Seguindo ▾

Mensagem





royelo16582021



2  
publicações

9  
seguidores

197  
seguindo

sono

Seguindo ▾

Mensagem





hulla0099



3

publicações

16

seguidores

3.382

seguido

Seguido ▾

Mensagem





char\_lie123443



3

publicações

19

seguidores

595

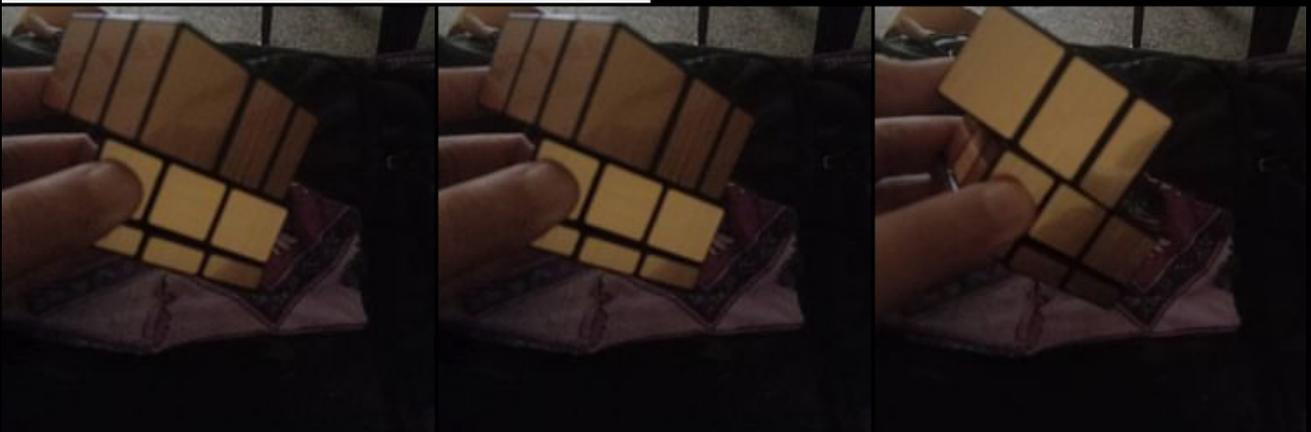
seguindo

My main I'd aryan.hooda.520

Ver tradução

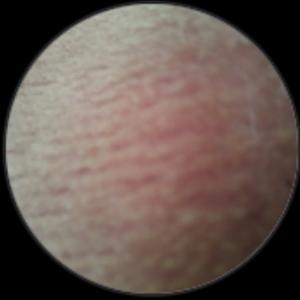
Seguindo ▾

Mensagem





wanwann2021



2  
publicações

20  
seguidores

1.642  
seguindo

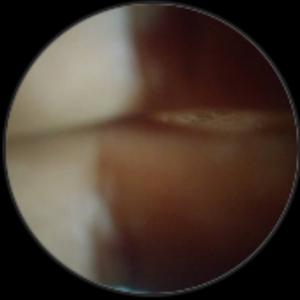
Seguindo ▾

Mensagem





dehuara



2  
publicações

8  
seguidores

943  
seguindo

Cocozinho com cafe

Ver tradução

Seguindo ▾





segui.202106



2

publicações

12

seguidores

719

seguindo

Seguindo ▾

Mensagem





krkr8838



2  
publicações

10  
seguidores

273  
seguinto

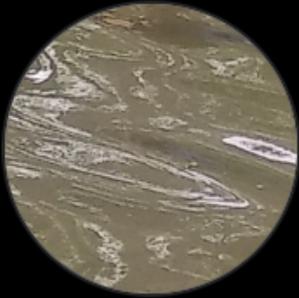
Seguinto ▾

Mensagem





kali.ta528



3

publicações

8

seguidores

387

seguindo

Seguindo ▾

Mensagem





alejandror67902021



3

publicações

15

seguidores

1.190

seguinto

alejandror289011

Eury

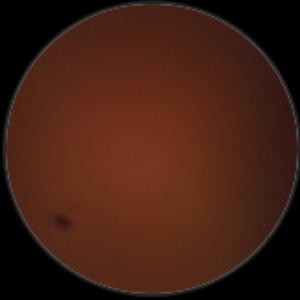
Seguinto ▾

Mensagem





mly.hachem



3  
publicações

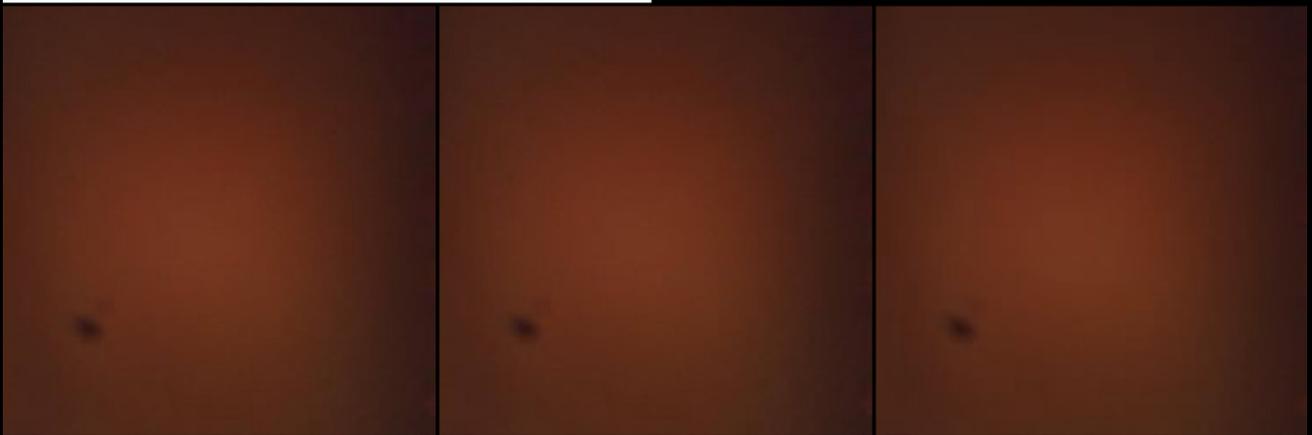
9  
seguidores

1.032  
seguindo

Mly Hachem

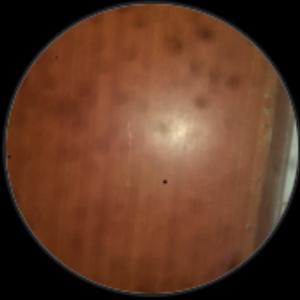
Seguindo ▾

Mensagem





chaqstabryan



2  
publicações

10  
seguidores

1.177  
seguindo

Bryan Chaqsta

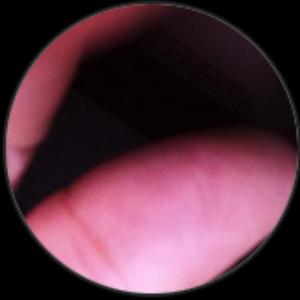
Seguindo ▾

Mensagem





silvaadfg



6

publicações

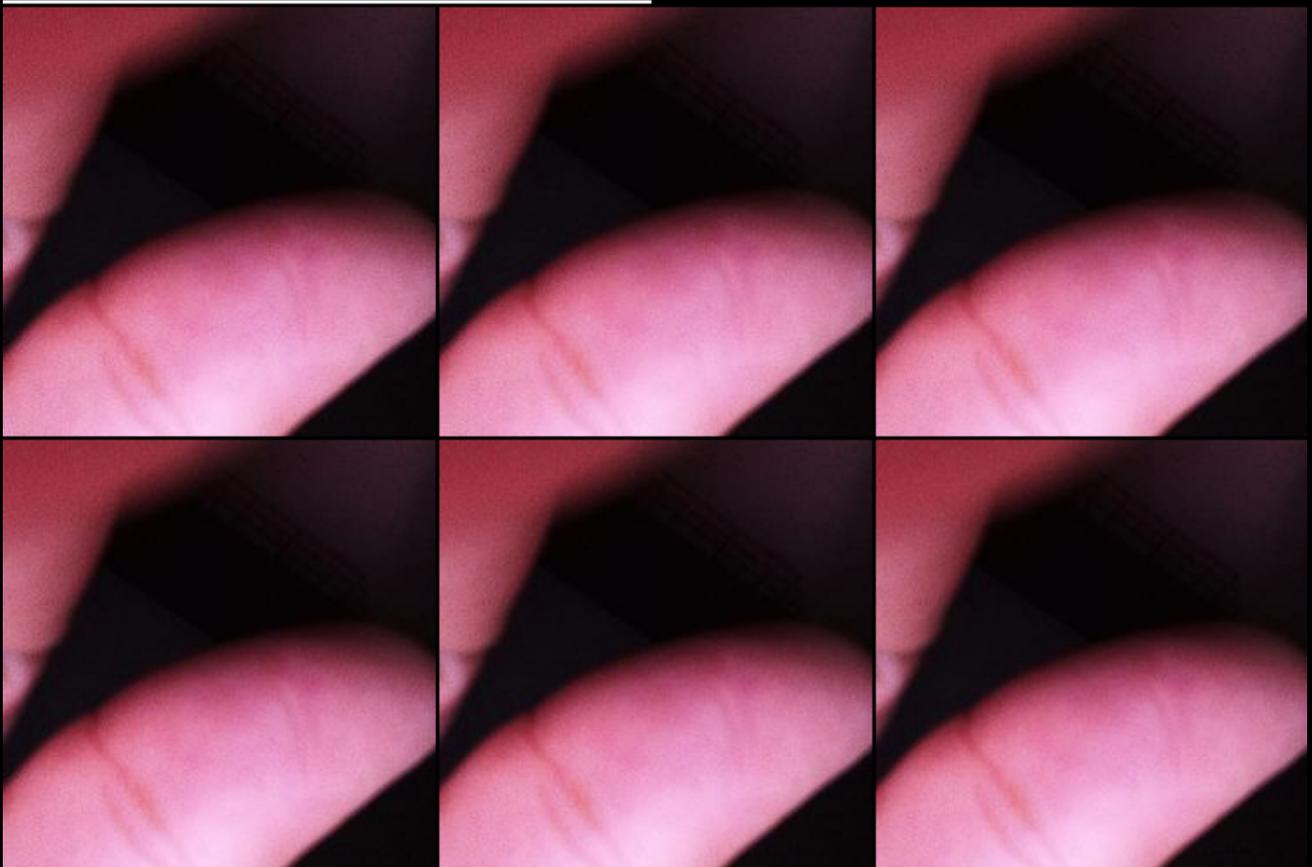
10

seguidores

599

seguindo

Seguindo ▾





ladyalone7



2  
publicações

17  
seguidores

3.265  
seguindo

Seguindo ▾

Mensagem





luizabeatriz2021



2

publicações

32

seguidores

3.696

seguindo

Siga @lucas\_biancardi07 que eu sigo aqui

**Ver tradução**

Seguindo ▾

Mensagem





sdfgh5903



5

publicações

17

seguidores

203

seguindo

Seguindo ▾

Mensagem





cack808



3 publicações 8 seguidores 1.091 seguindo

cackshop101

Cackshop

Seguindo ▾

Mensagem





nadukumari



2  
publicações

38  
seguidores

3.421  
seguindo

Nadukumari

Seguindo ▾

Mensagem





hang.kong2021



4

publicações

12

seguidores

373

seguindo

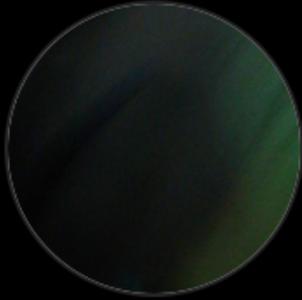
Seguindo ▾

Mensagem





tttt.t3878



3

publicações

31

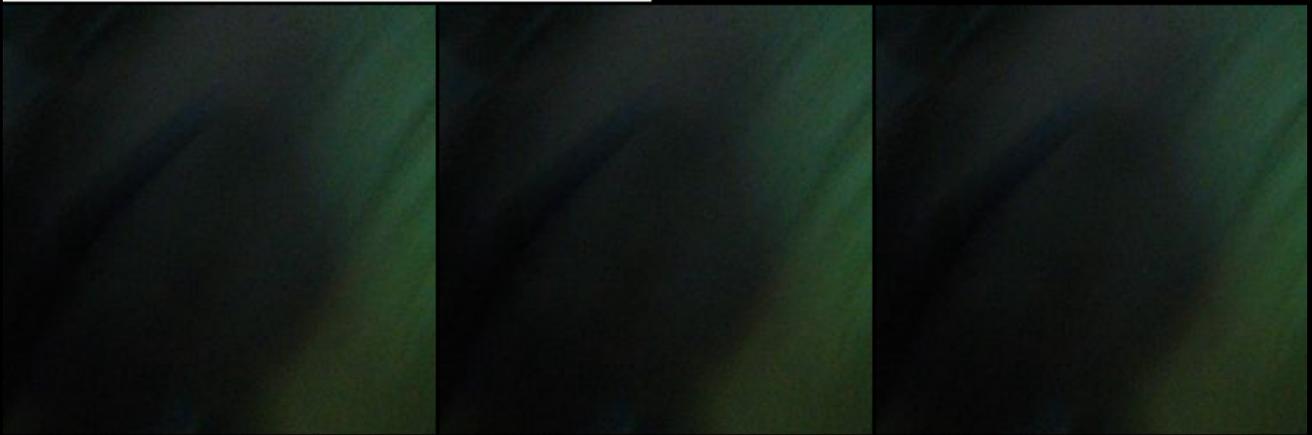
seguidores

3.978

seguindo

Seguindo ▾

Mensagem





proplayer2\_r



3 publicações 17 seguidores 4.557 seguindo

proplayer2\_r

Don't know what to do? You can start by hitting that follow button.

Ver tradução

Seguindo ▾

Mensagem

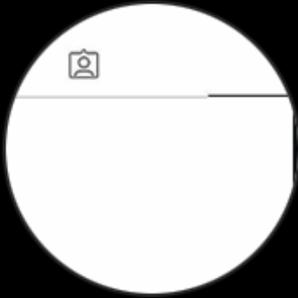


When your favorite person is offline from a long time 😞





3an97



3  
publicações

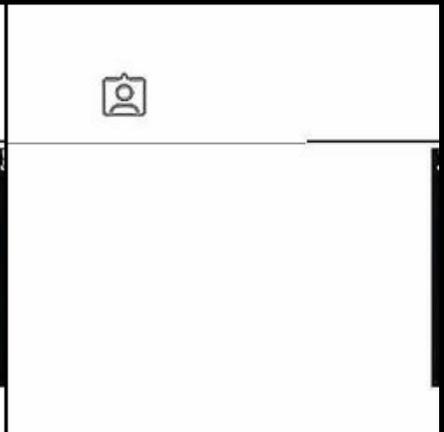
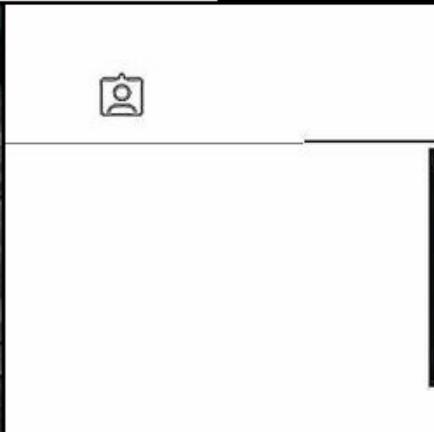
12  
seguidores

445  
seguindo

@  
@1o249

Seguindo ▾

Mensagem





haroonkadost



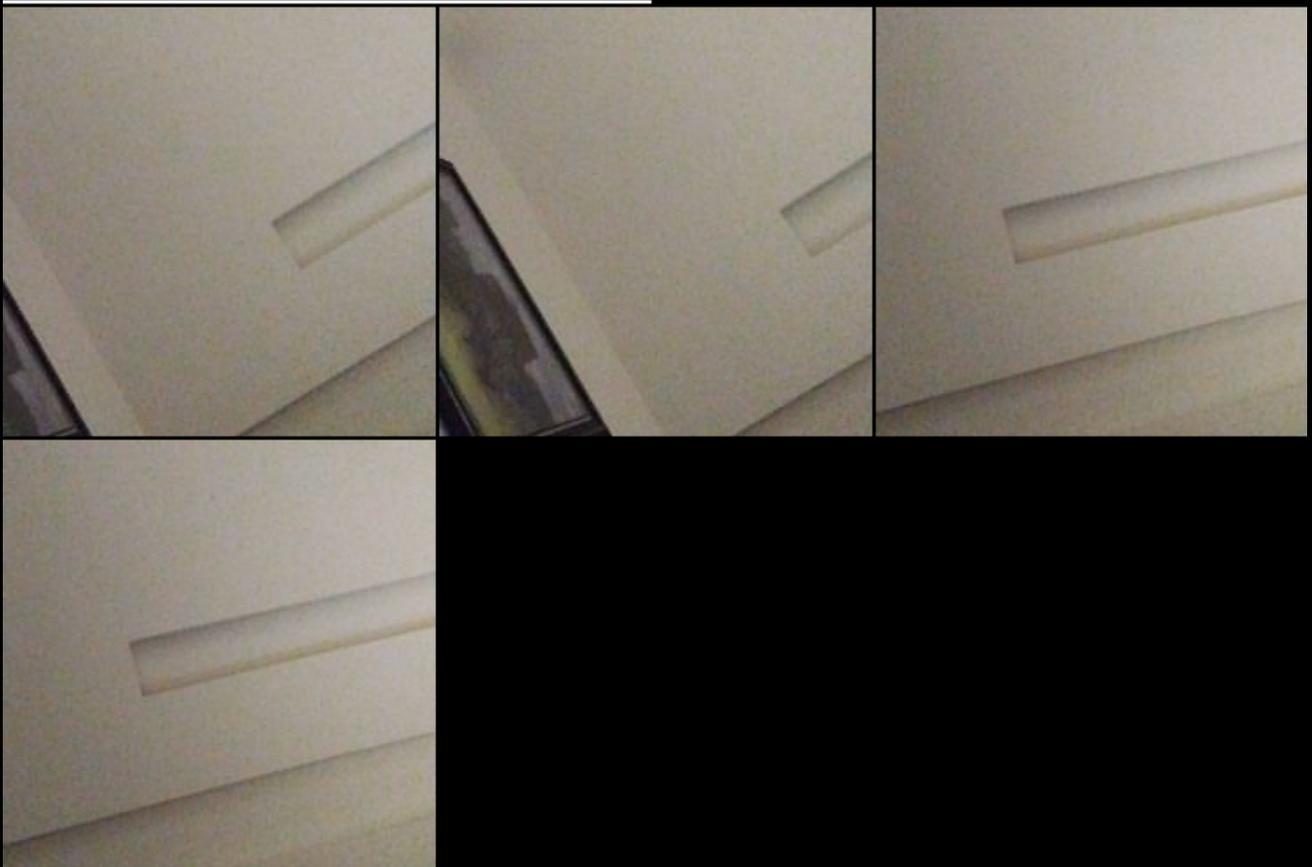
4  
publicações

28  
seguidores

1.697  
seguindo

Seguindo ▾

Mensagem





ricksss4



3  
publicações

21  
seguidores

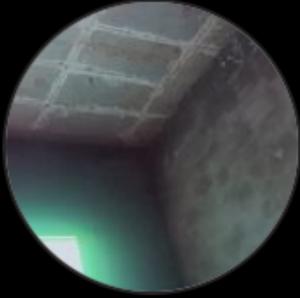
2.023  
seguido

Seguindo ▾





monjot274



6  
publicações

25  
seguidores

2.068  
seguindo

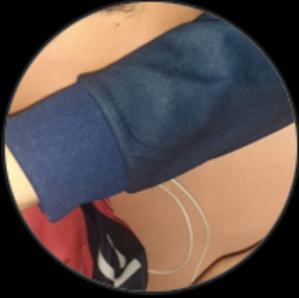
Seguindo ▾

Mensagem





franciscomariofilho659



3

publicações

14

seguidores

199

seguindo

Gabriel

Seguindo ▾

Mensagem





zkrhy71833



2  
publicações

17  
seguidores

194  
seguindo

Nbv

Seguindo ▾

Mensagem





tran.quilo12345



5

publicações

12

seguidores

969

seguindo

Seguindo ▾

Mensagem





**guri764722021**



**4**  
publicações

**44**  
seguidores

**4.640**  
seguindo

**guri**

**Seguindo** ▾

**Mensagem**





thefakeman7



2

publicações

25

seguidores

1.255

seguindo



Seguido(a) por cccccbnnv

Seguindo ▾

Mensagem





ugg7.uh



2  
publicações

17  
seguidores

1.071  
seguindo

Seguindo ▾

Mensagem





chandan12749



3

publicações

37

seguidores

3.836

seguinto

Seguinto ▾

Mensagem





mep\_allu



3  
publicações

32  
seguidores

1.767  
seguindo

Seguindo ▾

Mensagem





## Referências:

100percent\_genuine (100%). **BOT images sample-----+ very fluffy sound**. 21 de Julho de 2023, 15 min. Disponível em: <https://youtube.com/watch?v=VXsSAdj8bSk>

\_\_\_\_\_. **Nunca Consigo Responder a uma Mensagem de Texto em Sonho (NCRUMTS)**. 03 de Julho de 2024, 23 min 09 s. Disponível em: [https://youtube.com/watch?v=v\\_3qLtz-Px4](https://youtube.com/watch?v=v_3qLtz-Px4)

BERARDI, Franco. Insurreição - Poética e Finanças. In: **Asfixia: Capitalismo Financeiro e Insurreição da Linguagem**. São Paulo: Ubu Editora, 2020. p. 13-24;

BEY, Hakim. **TAZ: Zona Autônoma Temporária**. São Paulo: Veneta, 2018;

BRIDLE, James. Computação. In: **A Nova Idade das Trevas: A tecnologia e o fim do futuro**. São Paulo: Todavia, 2020. p. 26-57;

CANALES, Jimena. Flash force: A visual history of might, right and light. In: AGUDIO, E.; FRANKE, I; MOMMENEJAD, I. (Eds.). **Seeing with Eyes Closed**. Berlin: Association of Neuroesthetics, 2011. p. 34-41;

COULDRY, Nick; MEIJAS, Ulises Ali. The Capitalization of Life without Limit. In: **The Costs of Connection: How Data Is Colonizing Human Life and Appropriating It for Capitalism**. California: Stanford Press, 2019. p. 40-105;

DESPRET, Vinciane. Autobiografia de um Polvo ou A Comunidade dos Ulisses. In: **Autobiografia de um Polvo: E Outras Narrativas de Antecipação**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2022. p. 79-147;

DILACERDA, Lucas. **Pensamento Alienígena**. Ceará: Raiz Imaginária Edições, 2022;

FERREIRA DA SILVA, Denise. Introdução: (Di)Ante(S) do texto. In: **A Dívida Impagável**. São Paulo: Oficina de Imaginação Política e Living Commons, 2019. p. 40-43;

\_\_\_\_\_. Sobre diferença sem separabilidade. In: **Incerteza Viva: 32ª Bienal de Arte de São Paulo, catálogo da exposição**. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, 2016. p. 57-65;

FISHER, Mark. **The Weird and the Eerie**. Londres: Repeater Books, 2016;

FLUSSER, Vilém.; BEC, Louis. **Vampyrotheuthis Infernalis**. São Paulo: Annablume, 2011;

GODFREY-SMITH, Peter. **Outras Mentes: O Polvo e a Origem da Consciência**. São Paulo: Todavia, 2019;

HARAWAY, Donna. Pensamento Tentacular: Antropoceno, Capitaloceno, Chthuluceno. In: **Ficando com o Problema: Fazendo Parentes no Chthuluceno**. São Paulo: n-1 Edições, 2023. p. 55-108;

HUI, Yuk. **Tecnodiversidade**. São Paulo: Ubu Editora, 2021;

KOCH, Kenneth. The Boiling Water. In: **The Collected Poems of Kenneth Koch**. New York: Knopf, 2005. p. 330-334;

LAPOUJADE, D. **As Existências Mínimas**. São Paulo: n-1 Edições, 2017;

Lyrics. Cocteau Twins. Disponível em: <https://cocteauwins.com/cocteau-twins-lyrics.html>

MOMBAÇA, Jota. **Não Vão Nos Matar Agora**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021. p 82-83;

MORAIS, Fabio. **Vídeo**. 2012. adesivo de corte branco sobre parede pintada de cor escura, dimensão variável;

OLIVEIRA, Danilo Patzdorf Casari de. **Artista-educa-dor: a somatopolítica neoliberal e a crise da sensibilidade do corpo ocidental(izado)**. 2022. Tese (Doutorado em Teoria, Ensino e Aprendizagem) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022. doi:10.11606/T.27.2022.tde-26092022-105051.

OLIVEROS, Pauline. Introduction. In: **Deep Listening: A Composer's Sound Practice**. Lincoln: iUniverse, 2005. p. 12-16;

PAGLEN, Trevor. **Friends of Space, How Are You All? Have You Eaten Yet? Or, Why Talk to Aliens Even if We Can't?** Londres, Revista Afterall no 32, 2013;

PARISI, Luciana. Instrumental Reason, Algorithmic Capitalism and the Incomputable. In: PASQUINELLI, Matteo (Org.): **Alleys of Your Mind: Augmented Intelligence and Its Traumas**. Lüneburg: Meson Press, 2015. p. 125-137;

PINHEIRO, Rodrigo Leal Andrade. **Interregno**. 2019. 74 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Artes Visuais - Escultura) - Escola de Belas Artes, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

PINHEIRO, Rodrigus. **Aranha**. Youtube. 25 de Março de 2019, 2 min 28 seg. Disponível em: [https://youtube.com/watch?v=SdLK88gO2\\_E](https://youtube.com/watch?v=SdLK88gO2_E)

PIVÔ ARTE E PESQUISA. Denise Ferreira da Silva: **Depois que tudo for dito e feito**. Youtube, 2021. Disponível em: <https://youtube.com/watch?v=8FNwYmJyFiA>

PRECIADO, Paul B. Farmacopoder. In: **Testo Junkie: Sexo, Drogas e Biopolítica na Era da Farmacopornográfica**. São Paulo: n-1 Edições, 2018. p 157-252;

\_\_\_\_\_. Candy Crush Saga, ou a Dependência na Era das Telecomunicações. In: **Um Apartamento em Urano: Crônicas da travessia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020. p. 83-86;

\_\_\_\_\_. Contrassexualidade. In: **Manifesto Contrassexual**. São Paulo: n-1 Edições, 2017. p. 17-45;

REED, Patricia. **Xenofilia e Desnaturalização Computacional**. Coleção Trama, Zazie Edições, 2018;

REGRUPO. **Spin-Off**. Youtube. 6 de Junho de 2021, 22 min 44 seg. Disponível em: <https://youtube.com/watch?v=H4M34s4S5lQ>

RIGA BIENAL OF CONTEMPORARY ART. **Mckenzie Wark Ficting and Facting**. Youtube, 24 de Setembro de 2020, 1h 00min 32 seg. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YbInv9C1lY0>

VIDAL, Fernando. & ORTEGA, Francisco. Genealogia do Sujeito Cerebral. In: **Somos o Nosso Cérebro?** São Paulo: n-1 Edições e Hedra, 2019. p. 27-164.

